

II PRÊMIO PROEX/UFPA DE LITERATURA

# ANTOLOGIA

Poesias, Crônicas e Contos



A Pró-Reitoria de Extensão da UFPA apresenta o resultado do II Prêmio Proex de Literatura, confirmando a tendência artístico-literária em constante efervescência em nossa cultura universitária. A expressiva participação de alunos, professores e técnicos-administrativos na construção desta Antologia é estímulo à formação pessoal daquele que lê e daquele que escreve.

Nesta "Coleção de Flores", poesias, contos e crônicas são "pétalas" que valorizam a produção literária na academia. Em gêneros curtos os autores nos fornecem uma abrangente reflexão sobre a realidade paraense, amazônica e universal deste início de Século XXI. A premiação através do Troféu Inglês de Souza incentiva os jovens e novos escritores, das diferentes áreas do conhecimento científico, adentrar sem hesitação na arte da escrita.

O Prêmio Proex de Literatura agrega-se aos diversos programas e projetos culturais de extensão da UFPA, tais como: a publicação *Tucunduba: Arte e Cultura em Revista*, o Prêmio Proex de Arte e Cultura, a *Quinta Cultural*, o *Cine-Guamá*, o *EntreLivros*, os *Corredores Culturais para Belém* e as ações de interiorização como os *Encontros de Arte e Cultura em Extensão*, promovendo amplo diálogo de formação artística e cultural com nossa sociedade.

Leonardo José Araujo Coelho de Souza  
Diretor de Apoio à Cultura

II PRÊMIO PROEX/UFGA DE LITERATURA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

REITOR

Carlos Edilson de Almeida Maneschy

VICE-REITOR

Horácio Schneider

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO

Fernando Arthur de Freitas Neves

DIRETOR DE ASSISTÊNCIA DE INTEGRAÇÃO

ESTUDANTIL – DAIE/PROEX

José Maia Bezerra Neto

DIRETOR DE PROGRAMAS E PROJETOS – DPP/PROEX

Durbens Martins Nascimento

DIRETOR DE APOIO À CULTURA - DAC/PROEX

Leonardo José Araújo Coelho de Souza

AVALIADORES

Antonio Juraci Siqueira

Paulo Nunes

Alfredo Garcia

COLABORADORA

Liuzelí Caripuna (DAC/PROEX)

CAPA E PROJETO GRÁFICO

José Fernandes F. Neto

EDITORAÇÃO

José Fernandes F. Neto

Reinaldo Valente

REVISÃO

Luiz F. Branco

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

**Biblioteca Central da UFPA, Belém - PA - Brasil**

---

Antologia: poesia, crônicas e contos. - Belém, 2011.

Ao alto do título: Pró-Reitoria de Extensão

II Prêmio POEX/UFPA de Literatura

ISBN: 978-85-63728-06-7

1. Poesia brasileira - Pará. 2. Crônicas brasileiras - Pará. 3. Contos brasileiros - Pará. I. Universidade Federal do Pará. Pró-Reitoria de Extensão. II. Prêmio PROEX/UFPA de Literatura (2. : 2011 : Belém, PA)

CDD - 22. ed. 869.98

---



Pró-Reitoria de Extensão

II PRÊMIO PROEX/UFPA DE LITERATURA

# ANTOLOGIA

Poesias, Crônicas e Contos

Belém/PA-2011



# Apresentação





Quem olha para a universidade vê o quê? Parece razoável esperar aqui encontrar uma série de estudiosos, sejam eles professores ou alunos vocacionados pela ciência, devotados ao saber, imersos nos laboratórios, atendendo nas clínicas, monitorando nos observatórios e oficinas, preocupados em trilhar os caminhos percorridos por nossos ancestrais acadêmicos. A silhueta de Gaspar Vianna, da cabeleira ao jaleco, é um colosso estruturado na fina chapa de aço em frente à reitoria da Universidade Federal do Pará, significando a entrega plena ao termo desejado de oferecer respostas a mitigar o sofrimento humano. Semelhante à vida de um grupo particular de cientistas, os literatos têm ambições de compreensão humana, às vezes, mas de descrição dos atos e suas (im)pertinências, ambos padecem da perspectiva de conhecer e usam a palavra escrita para moldar o sentido da experiência. Os produtos e projetos destes homens perseveraram na conquista material ao apresentar novos softwares, robôs, corantes traduzidos em patentes e protocolos de operação, técnicas de restauração, construção de maquetes, taxidermia de animais; a cultura de bactérias, isso mesmo, na universidade se cultiva bactérias, vírus, fungos, mas outras espécies também são plantadas como boldo, amor-crescido, babosa, capim-santo, houve até um jardim dedicado ao culto do santo como os jardim ao redor do Laboratório de Antropologia Arthur Napoleão Figueiredo, defendido pelas espadas de São Jorge e comigo-ninguém-pode, entre outras dedicadas a conservar a força e a proteção contra agouros malfazejos.

Os sabidos estão bem próximos da turma de investigação que manipula ou por ela é manipulada. Dirigidos pela audácia de dominar toda física chegamos à nanopartícula, algo fácil de explicar segundo o Departamento Inglês de Comércio e Indústria, pois para este a nanopartícula é caracterizada pela redução da escala do material no qual encerra propriedades diferentes daquela do produto de origem; talvez falte mais por explicar, o professor Antonio Maia, da Faculdade de Física mostrou-nos numa proveta aquela assombração que mais parecia poeira; fiquemos felizes com a maravilha que cerca palavras como germânio e cobalto com qualidades de luminosidade atacando os cânceres e os carapanãs; acredito piamente na intenção da humanidade livrar-se destes como daqueles.

Em frente ao Instituto de Ciências Biológicas há uma praça dedicada a Pasteur e Darwin, mas foi Wallace, viajante do Grão-Pará do século XIX, quem grafou suas impressões e representações antes da significação da Amazônia como região. Alfred Russel Wallace, em meados daquele século, registrou suas reflexões, quando a ultra-especialização do conhecimento não havia sido instalada, este pode ser percebido, sem ter reivindicado a condição de etnógrafo, geógrafo e arquiteto. Advogado por formação, engenheiro por ofício, tornou-se investigador por opção e como biólogo e naturalista firma suas credenciais de cientista, mas estas foram alargando a ponto de ser apontado como historiador de costumes retratando a paisagem e os tipos humanos dos lugares por onde passou.<sup>1</sup>

O gênero desenvolvido pelos viajantes foi muito frutífero e assinalou a divulgação da ciência entre aqueles que podiam ter acesso à leitura. Favorecendo a leitura, o II Prêmio Proex de Literatura, nos gêneros conto, crônica e poesia franqueou à comunidade

---

<sup>1</sup> WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

universitária transpor para a palavra escrita a condição humana ou o anima humana na natureza ou seu inverso. Quantas partículas e ligas são estimuladas para encarnar essa maleabilidade da escrita na ordem de compreensão...

O júri deste concurso esteve atento ao encurtamento da narração formulada no conto sem com isso desprezar a possibilidade do romance e da poesia ali estar contida; os cânones foram observados em seu enquadramento, contudo a imagem poética foi alargada ao tensionar a crônica como relato tradicional, fosse histórico ou fantástico, se imiscuindo na construção do conto pela mobilização da relação do cotidiano com o fluxo da escrita. Sobre tantas maneiras a poesia foi interpelada nos átrios da linguagem para quem se serve dela para além da comunhão imediata e procura potencializar o valor na significação em luta com a forma. Destas lutas líquidas as expressões da língua escrita são apresentadas em concurso, semelhante ao conflito do riscado sobre o papel para fazer este aceitar o traçado de um significante, atualizado no suporte da tecnologia cujo teclado foi forjado para tipografar as experiências de tornar símbolo o contingente representado.

Insistimos em atrair aos membros da comunidade universitária da UFPA a consagrem suas apresentações nos termos circunscritos, entretanto seria pouca ambição não difundir os resultados do concurso em todos os meios àqueles com acesso à língua portuguesa, para tanto fizemos uma publicação no suporte papel ofertada aos autores, às universidades públicas no país e às bibliotecas, tampouco deixamos de postar esta aventura no sítio eletrônico da PROEX, a exemplo da premiação anterior, as vicissitudes dos trabalhos escritos estarão facultados à consulta. Em breve seremos desafiados a incorporar a cultura digital neste mosaico de expressões, por ora as vibrações de um terceiro concurso já estão a pulsar, tanto quanto a *Revista Tucunduba* ao ter ultrapassado a edição do segundo

número. Eis o vigor da cultura escrita entre nós, rompendo as zonas de conforto os escritores lesto atendem o edital esculpindo suas figurações para satisfazer o sentido de relação. Revirando as plásticas da escrita sobre o gênero e a desestruturação dos tropos do discurso, o concurso cativa e cultiva os sedentos de transcrever suas metalinguagens na ânsia de alcançar a condição humana.

O Prêmio Proex de Arte e Cultura completa a tríade de capturar expressões do entendimento humano, instigando qual o lugar da obra de arte e do artista no instante da reprodução mecânica quando o consumo massificado aliena a percepção a ponto de não mais distinguir a ideologia da ciência, mediante as significações da técnica. Os ensaios da Escola de Frankfurt procuram demonstrar quão frágil foi a crítica à indústria cultural na ânsia de denunciar a obscuridade da sociedade desprovida das ferramentas para anunciar um tempo de felicidade e libertação, peticionando pelo desencatamento da áurea de valor da dominação capitalista ao promover a chamada Teoria Crítica cujo élan está em dissolver o ordenamento político e estético, embora sem constituir uma resposta segura ao problema renovou a pergunta – como alcançar a liberdade?

Na impossibilidade de reter qualquer liderança no debate sobre a libertação, afinal não é esse o propósito da antologia, ocupamo-nos de estruturar um arauto a volitar os enunciados mais diversos, independente de suas congruências. Pretendemos emitir luz não nas áreas de sombras como de costume, mas sobre a própria luz na expectativa de esclarecer o tomado por esclarecido.

Peço licença para prestar tributo à vontade de conhecer. Benedito Nunes atraiu minha atenção quando em suas *Notas Críticas sobre Walter Benjamin*, em Belém, no diálogo numa conferência de Willi Bole atualizou a necessidade de repensar o socialismo, ou seja, a crítica social do século XIX que havia engendrado o melhor da utopia e da

regeneração da humanidade não escapava ao seu pensamento. Sem dúvida suas contribuições excedem em muito a esta notas, mas este aspecto precisa ser valorizado como parte de solidariedade a uma ética da leitura.

Este ano nos despedimos de Benedito Nunes, filósofo, ensaísta e professor de nossa Universidade, exerceu o magistério enfrentando os conflitos de (sua) nossa existência. Em 2010 conquistou o primeiro lugar na categoria Teoria/Crítica Literária, com *A Chave do Poético*, organizado por Victor Sales Pinheiro no qual reflete sobre as proposições de filósofos, historiadores, literatos, críticos e psicanalistas, a exemplo do explicitado em sua obra *Filosofia Contemporânea* ao reunir os principais temas desde a ilustração, fenomenologia e existência retomada em *Crivo de Papel*. Ao abordar uma ética da leitura, enfatiza a virtude e o conhecimento como parte constitutiva da experiência humana. Leitor universal, não descuidou de compreender a literatura brasileira, ao encontrar Clarice Lispector e Guimarães Rosa pôde exercitar o permanente ofício da crítica como modo de leitura e os revela com as ferramentas da filosofia, demonstrando a importância da linguagem na (des)ocultação do ser. Persistência tem sido a característica da PROEX em promover o edital de literatura como modo de provocar a manifestação da condição humana, aqui encontramos o estatuto da política cultural da Universidade Federal do Pará, pois não ditamos o consumo, mas providenciamos suporte para trazer à tona as experiências criativas e críticas da comunidade universitária e suas relações com a eleição de outros interlocutores na sociedade, além daqueles de costume. Por isso nossas vitrines são usadas para testemunhar este veio de difusão.

Fernando Arthur de Freitas Neves  
Pró-reitor de Extensão da UFPA



## POESIAS

- 23 Índio Retirante  
*Max Reis*
- 26 Aluga-se um corpo  
*Larissa Cristina Chaves de Souza Martins*
- 28 Se Abarca  
*Jorge Domingues Lopes*
- 31 Lirismo em (sobre) viver  
*Airton Souza de Oliveira*
- 33 A lavadeira  
*Leandro Cavalcante Lima*
- 34 Breve perfil de um transeunte qualquer  
*João Marcelino Pantonja Rodrigues*
- 37 Nu poema  
*Antonia Nayane Muniz de Oliveira*
- 38 Sob o mar revolto eu me interno  
*Anselmo de Sousa Gomes*
- 40 Cobra-Grande  
*Harley Farias Dolzane*

- 41 Decifraarte  
*Luciana Moraes dos Santos*
- 42 Verdadeiro cada falso  
*Carlos Alberto Corrêa Dias Júnior*
- 44 La dernière Poésie  
*Maina Salén Correia Pereira*
- 46 Nunca estive tão perto  
*Alan Michel Santiago Nina*
- 49 Ecos  
*Ana Lúdia da Conceição Ramos Maracabípe*
- 50 Poesia e Sonho  
*Nahara Julyana Lima dos Santos*
- 52 Partida  
*Mônica de Nazaré da Costa Pereira*
- 53 Remador no PoeMar  
*Raphael Gomes*
- 55 Anúnciação  
*Ivanes Lian Costa Araújo*
- 57 Belém Gerais  
*Rita de Cássia Paiva*
- 59 Ver-a-feira  
*Jacqueline Lima Coelho Sampaio*



# CRÔNICAS

- 65 O Googlielmo  
*Franciorlis Freitas Viana*
- 69 Túnel das letras  
*Benedito José Brabo Pantoja*
- 75 Miséria e seu Eterno Retorno  
*Jamile Santos Lago*
- 77 Arestas  
*Jéssica de Souza Carneiro*
- 79 Epifania  
*André Heron Carvalho dos Reis*
- 83 Minha irmã virou um átomo  
*Bárbara da Fonseca Palha*
- 87 Na subida de um novo degrau  
*Jamilly Queiroz Vianna*
- 91 O amanhecer de um dia qualquer  
*Airton Souza de Oliveira*
- 95 O andante  
*Adelaide Maria Assunção de Miranda*

- 99 O décimo terceiro cigarro  
*Rayane Clícia Ataíde*
- 101 O pássaro amarelo  
*Ives de Oliveira Souza Júnior*
- 103 O último pulsar  
*Schirlei Stock Ramos*
- 109 O último romântico  
*Tércio Heitor de Sousa Moreira*
- 111 Os embalos da vida  
*Charlos Alberto Cavalcante de Melo*
- 115 Pedágio identitário: uma experiência na escola da rua  
*Auricélia Silva Monte*
- 117 Relances vindos da floresta  
*Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira*
- 119 Sob a luz do candelabro  
*Wilson Max Costa Teixeira*
- 121 Última página de um romance - vida (LXX)  
*Fernando Jorge dos Santos Farias*
- 125 Uma solução imaginável  
*Adriana Cunha de Moraes dos Santos*
- 129 Voltar é sempre partir  
*Maria de Nazaré Barreto Trindade*

## CONTOS

- 135 Das manhãs sonoras  
*Wilson Max Costa Teixeira*
- 139 Vozes do caos  
*Mônica de Nazaré da Costa Pereira*
- 145 Jurupari  
*Franciorlis Freitas Viana*
- 151 A teoria incompreensível das marés  
*Arthur Martins Cecim*
- 159 Sonho  
*Airton Ícaro Cantuária Gonzaga*
- 165 A grande preamar  
*João Pereira Loureiro Junior*
- 173 Às vezes azul  
*Mayara Lopes de La-Rocque*
- 179 O Filho da Lua e a Princesa da Rua  
*Sávio Barros Sousa*
- 187 “A pipa azul”  
*Elias Abner Coelho Ferreira*

- 193 Amigos.com  
*Marcelo Pires Dias*
- 199 Nada S/A  
*Ana Lúdia da Conceição Ramos Maracahipe*
- 201 A bailarina  
*Leandro Cavalcante Lima*
- 205 Flor do mausoléu  
*Rayane Clícia Ataíde*
- 207 Compadre e comadre  
*Elton Rodrigues de Sousa*
- 211 Da menina que feia nasceu  
*Denise Araújo Lobato*
- 215 Uma noite de chuva  
*Daniel Prestes da Silva*
- 219 Sem lírios, chama e esperança  
*Maina Salén Correia Pereira*
- 223 Crime perfeito  
*Rafael Chagas Gonçalves*
- 225 Não há oásis no asfalto  
*Anselmo de Sousa Gomes*
- 229 Entre os pinheiros  
*Rosany de Oliveira Lisboa*





Poesias





# Índio Retirante

*Max Reis*

I

É difícil dizer em cada rima  
O que já foi falado pela vida  
Desse homem que desce na subida  
E de costas dá passos para cima  
Quando tudo está triste logo anima  
Do gogó tira um som de melodia  
E a tristeza sorri na cantoria  
Quem se chega assovia e vai cantando  
E quem parte se vai cantarolando  
Com o peito repleto de alegria

II

Era o galo cantar de manhãzinha  
Assanhando as galinhas no poleiro  
Que esse homem-menino era o primeiro  
A saudar a alvorada da cozinha  
E depois do café, rosca e farinha  
Já se via no seio da floresta  
A pastinha caindo pela testa  
E uma faca enfiada no calção  
Índio preto, Bai-bai, raio e trovão  
Um nativo espreitando pela fresta

### III

Nesse tempo se andava devagar  
Passos curtos, medidos, quase lentos  
Como se bafejados pelos ventos  
Co'a certeza que dava pra esperar  
Fala mansa, pausada e sem gritar  
Nas conversas alegres da varanda  
Lá crescia o moreno em vida branda  
Entre folhas, raízes e igapó  
Imitando o cantar do curió  
Onde a hora do tempo não desanda

### IV

Mas ninguém sabe ao certo o seu destino  
Onde e quando chegar sem nem ter ido  
E por ser um valente e destemido  
Foi seguir as pegadas de um felino  
Bem mais certo dizer - um leonino  
Na esperança de uma vida feliz  
Lá nas brenhas assim é que se diz  
Como se na grandeza da cidade  
Estivesse uma tal felicidade  
Invisível e a um palmo do nariz

## V

Pôs o saco de roupa no cangote  
E a faquinha na meia do sapato  
Nem olhou para trás pra ver o mato  
Transformar a tristeza num chicote  
Quando o barco acendeu seu holofote  
A saudade brilhou em sua pupila  
Gota a gota uma dor fazia fila  
E no canto dos olhos virou pranto  
Noite escura de puro desencanto  
Em que o medo não mata, mas mutila

## VI

Aportou feito um pobre retirante  
Entre as pedras do Beco do Cardoso  
O pisar era um tanto temeroso  
Nem lembrava a figura de um xavante  
Cabisbaixo e com rugas no semblante  
Adentrou pela casa meio triste  
Da janela que a vida tudo assiste  
Vislumbrou casarões e a velha igreja  
Como em fim de oração disse “assim seja”  
Passarinho não vive sem alpiste

# Aluga-se um corpo

*Larissa Cristina Chaves de Souza Martins*

Eu sou o disponível.

Sou o ser que disponibiliza sua alma pra qualquer tipo de bicho.

Tenho asas, tenho fogo, tenho dor, tenho amor, tenho mentiras.

Não vim para encantar, nem para aborrecer, vim para iludir.

Enquanto tu acreditas em Mim, sou completa.

No chão de madeira lisa e corrida, nas luzes quentes,

Nas músicas que chupam meus ouvidos, no suor que transpira  
pela minha pele,

Eu sou quem eu quiser ser.

Sou anjo e demônio, pronta pra me doar pro universo das  
mentiras sinceras.

Alimento-me do doce som dos aplausos e me faço rainha  
mesmo quando sou mendiga.

Tenho o medo impregnado em minha pele e loucura correndo pelas minhas veias.

Não existem limites, não existem cercas. É um campo infinito transbordando insanidade, intensidade, verdade, comédia e tragédia.

O feio pode ser belo, o azul pode ser verde, o vilão pode ser encantador, todos podem ser todos.

Sou crente do impossível, sou carne viva trilhada em cima da estrada da paixão, sou menina-mulher construída pra enganar, sou mil em uma. Sou atriz!

# Se Abarca

*Jorge Domingues Lopes*

Preamar de março

repona

Paraoara abanca no bailéu

Sob a noite desconforme

devora

Montarias e barreiros

à ponta

Afrontado no tijupar

Carapanãs, redes e maruins

bebem e cantam

O rio que abandona

o porto

Panema, mundiado

Pálido chibé sem pitú

à fome

Olha o acauã que passa  
    nos sonhos  
    E deixa a friagem no estirão  
Das sombras barrentas da tapera  
    à calma

Vara, Boto cuíra persegue  
    e muda

    Camba sozinho por furos  
    Mareante de heresias e tapiris  
    ao longe

Longe, só a atenção das aningas  
    E o adeus do tajá  
    O olhar, poita lançada na noite  
    Deixa o velho regatão de bubuia  
    no tempo

Abicado no igarapé crescente  
    Jacumã no peráu  
    Matura taperebá no paneiro  
    Aprumando-se na luz  
    deságua

Das bordas do alguidar  
    memórias  
    De antigos putiruns, fazendas  
    Carregando aturás  
    moqueando

A alegria das duras ferras  
    fechação lassa  
Cavalo sestroso, rasgaduras  
Bangolou e foi brabo de peconha  
    trepou

Montando furos e paranás  
    gaiolas e mais  
O mundo apequenou-se  
Traços incertos dos tesos  
    às caídas

O pitiú no corpo embarcado  
    à muda batção  
Gapuiando tucunarés, pirás  
Sestas sem escápulas  
    nem fins

Um vinho de tucumã ruído de pipira  
    e amores no velho jirau  
Abarca o igarapé ao largo banzeiro  
Saudado pelas últimas sombras  
    do tijuco no leito tipitinga

Findo o remanso do silêncio  
    a cordas  
Para lançar um nome desfeito  
Na distância que marulha  
    a vaga âncora do teu esquecimento.



# Lirismo em (sobre) viver

*Airton Souza de Oliveira*

Abandonou o lirismo do (sobre) viver  
desfez as malas e retirou os trajes  
calçou as alpercatas de borracha colorida  
limpou os resíduos de batom que ainda  
persistiam em existir nos lábios  
fez de conta que nunca amou  
disfarçou a exatidão das horas noturnal  
esqueceu as carícias do momento passado  
lavou a face por completo  
olhou-se no velho pedaço de espelho  
pendurado na antiga parede de barro  
no reflexo, os olhos vislumbrou si mesma  
nada de ornamento a lhe enfeitar  
alguns sinais do tempo no rosto  
nem uma lembrança da infância  
assim como o tempo, que também não  
tem infância  
enquanto o estômago foi reclamando a ausência  
de um pão qualquer  
o corpo cansado teimava em descansar

do pote de barro, pegou um copo com água  
bebeu em um deleite saboroso  
passou a mão pelo corpo  
como quem limpava as sujeiras  
da fresta do telhado descolorido  
olhou o céu escuro sem saber a hora exata  
contemplou estrelas a bailarem na escuridão  
deitou na mesma cama simples de sempre  
ignorou o frio e a todos  
fechou as pálpebras e descansou as retinas.

# A lavadeira

*Leandro Cavalcante Lima*

A lavadeira torce os dias  
Chovem gotas de suor  
Dois safanões no ar  
Sobre o varal delgado estende  
Tecido de minutos esquecidos  
Onde estão os pregadores?

# Breve perfil de um transeunte qualquer

*João Marcelino Pantoja Rodrigues*

Como humano era mais que um processo  
Como excesso era quase um insano  
Era único em meio diverso  
Era curvo, complexo e plano.

Era um fato, mas não consumado.  
Curioso e um tanto profano  
Bossa nova durante janeiro  
Carnaval pelo resto do ano

Um cantor em tom sustenido  
Como ator era todo improvisado  
Como drama era palco e aplauso  
Era choro molhado de riso

Como aplauso era quase um delírio  
Era o grito que ecoa lá fora  
Como lírio estendia-se ao vale  
Enfeitando as manhãs de aurora

Como voz era quase um rouco  
Como louco era quase perfeito  
Foi prefeito, mas durou bem pouco.  
Sem motivos para ser reeleito

Era em tudo o muito e o pouco  
De sua parte era sempre inteiro  
Num instante era causa e efeito  
Paraense, paulista, mineiro...

Como meta era quase uma coisa  
Como coisa foi bem-sucedido  
Como o mundo era um grande mistério  
Era sério de humor incontido

Como acorde era cor de silêncio  
Um apêndice em forma de indício  
Como acaso era inconsistente  
Como enlace era só um suplício

Era noite, era dia, era eclipse.  
Confuso como um fuso-horário  
Como espaço foi pouco simétrico  
Ora nômade, ora sedentário.

Como causa era quase um abuso  
Como abuso era ordem e orgia  
Como verso era apreço e prosa  
Como prosa exalava poesia

Era impávido, mas não tão colosso.  
Heroico, mas não retumbante.  
Ipiranga de margens não plácidas  
Dramático ou comediante

Como amante era quase sincero  
Alongava-se em mais de mil braços  
Captando nus corpos, amadas,  
Entre amores, gemidos e amassos...

Como amor era mais que platônico  
Como anônimo um corpo discreto  
Tão incerto sem culpa ou sinônimo  
Ilusão, dimensão do secreto.

Era a luta em suor dissolvida  
Era pouso sem pista aparente  
Era ele, era luz, era a lida...  
Era a vida em forma de gente.

# Nu poema

*Antonia Nayane Muniz de Oliveira*

Com a lança do meu poema  
roubo o verso que te prende  
mostro que amor é verso livre  
credo que se sente

Te ponho pra deitar na cama  
onde borbulham minhas letras quentes  
e as vogais que pulsam  
entre tuas consoantes sorridentes

Numa transação alegre  
intrépidamos displicentes  
os versos descamisados  
dos que escrevem porque sentem.

# Sob o mar revolto eu me interno

*Anselmo de Sousa Gomes*

Sob o mar revolto eu me interno,  
Feito a ostra estéril de pérola.  
E lá, na areia fofa e sempre fria,  
Subjugo meus medos, meus dias,  
Para sempre esquecidos no não-oxigênio  
Dos peixes e das sereias.

Sob as ondas monumentais eu descanso,  
Encaixado entre os cascos dos navios vencidos.  
E lá, na fuselagem viva de corais,  
Desfaço-me da casta dos pensamentos,  
Para sempre tornados a ciência  
Dos ossos de almirantes e Camões.

Sob a espuma salgada eu esqueço  
Tudo o que não é água-viva ou baleia.  
E lá, no branco cuspe das marés,  
Deflagro a minha ignorância querida,  
Para sempre metamorfoseada consciência  
De cânions abissais.



Sob o tridente de Netuno me resguardo  
Da ameaça constante de lutar.  
E lá, na proteção mítica da eterna arma,  
Reservo-me o direito de não ser.  
Para sempre feliz de ver a sombra  
De Ulisses e Moby Dick.

Sob as florestas de algas eu camufo  
Tornando-me esguio, irrelevante e comestível.  
E lá, entre as frias folhas líquidas,  
Dou trégua ao Universo  
Para sempre meu irmão na rota traçada  
A lugar nenhum.

# Cobra-Grande

*Harley Farias Dolzane*

o rio reside no percurso adivinhado  
no percurso  
seu lado alado  
em seu caminho ávido  
de ave e sereno  
elabora o sobre[s]salto  
o bote  
Oh! E corre o poema em mim...  
minhas veias vazando para onde  
a maré?  
A morte desenha-se confusa  
seu fluxo vermelho cor de terra  
a boca enorme desde sempre nos engoliu  
canao sem quilha  
o caos boiando no lombo revelado...

Correr. de mãos atadas e verbo cego  
até se abrir o clarão  
a flor sinuosa da vida  
: por trás da curva  
a serpente perdeu as margens  
beijou as nuvens

*[o rio que sabe voar...]*

# Decifraarte

*Luciana Moraes dos Santos*

Veio em minha direção.  
Lentamente.  
Trazida pelos ventos, ou pelos sonhos?  
Ela veio.  
Tocou-me a pele,  
suavemente como a brisa e,  
envolveu-me o seu encanto- flor...  
Néctar da flor.  
Beija-flor,  
rodeando a flor.  
Sugando-te.  
Com Tua permissão ou Sua censura,  
faço a leitura,  
lendo-te e relendo-te,  
pétala por pétala,  
página por página,  
desfolhando-te ou folheando-te.  
Decifrando tuas entrelinhas,  
descubro teus Mistérios...

# Verdadeiro cadafalso

*Carlos Alberto Corrêa Dias Júnior*

quem desfiou as páginas  
deitadas sobre o teu pescoço  
Como cordas?  
Quem?  
cegos torturadores incomuns  
observam: letra e  
                                cadafalso

Não corres

A rua passou sobre os teus pequenos pés e ficastes estranho para  
uma nova tentativa

é o teu corpo  
que puxa  
para baixo,

esse traidor.

olhos de mulher amada voltarão  
fecha o teu,  
por hora, olhos cegos  
negros, mortos te aguardam.

teus papéis desfiados  
rebrilham sob o sol  
é mais uma promessa que se cumpre  
por um pecado que se inventa.

# La dernière Poésie

*Maiana Salén Correia Pereira*

Quando meu amado se foi,  
Ele disse:  
- Estou te deixando!  
Então, fechei as portas  
e disse adeus.  
Levou-me os Beatles  
e me deixou o Cazuza.  
Me tranquei no banheiro  
e chorei.  
Vi uma face desconhecida no espelho  
Um olhar perdido  
Que estava ancorado  
Em um horizonte infinito.

Meu corpo pendeu para o abismo  
E o vento transformou  
Minhas asas  
Em pó.  
Cheguei a Geena  
e conheci Ades.  
Ele soltou os demônios  
Roubou meu trevo-de-quatro-folhas  
e despedaçou-me.  
Então, me tornei palavras  
e virei poesia.

# Nunca estive tão perto

*Alan Michel Santiago Nina*

Nunca estive tão perto de tocar o seu corpo  
Tão perto da fábula real  
Tão perto da mesquinharia de algodão.  
Minhas mãos viris a um segundo de seus músculos,  
Numa exclusiva áurea de testosteronas,  
Respirando a vontade de transcender.

Estou sentindo você aqui,  
Invadindo a minha lata de lixo,  
Dominando-me com uma faca cega,  
Com os golpes tolos de ursinhos de pelúcia.  
Rosnam-se agrados  
Cantam-se versos  
Sapateiam-se lindos passos de balé  
Dentro de um sufocante paletó.



Nunca estive tão perto de me consumir  
E de me esconder pelas ruas  
Mas ainda tive medo de mostrar meu corpo  
Às cegas,  
Aos cegos,  
Porque vegeto no meu rio caudaloso.  
E quando estiver finalmente envenenado  
Vou pôr máscaras de Carnaval e dançar à vontade  
E vou ter tanto medo que morrerei de medo de perder o medo;  
Revelar-me-ei ao Santo mais puro,  
Atingindo a profundidade imensurável.  
Afinal, nunca estive tão perto do ápice,

Embora saiba dos passos de formiga  
E das gerações que se estendem à chuva  
No insano varal de fotografias.

Nunca estive tão perto de ser dominado pelo domínio.  
Estúpido ser!  
A escola abriga vermes com cascas padronizadas  
E esbarro em odiosas saias e em formosas bermudas,  
Em dois banheiros,  
Em claridades vazias,  
Em livros didáticos,  
Em professores escravos do sistema,  
Em robôs projetados para a ciranda:  
o rosto azul de Maria e a pele rosada de João.

Domínio...  
Domínio...  
Animais grotescos  
Roldanas  
Corpos suados e homens fortes  
Engrenagens  
Alavancas  
Bíceps e carne  
Vida e beleza  
Revolta!

Nunca estive tão perto da Revelação,  
De me ver no fundo do rio, apodrecendo,  
Sabendo que estou amarrado à âncora selvagem,  
Pois sou apenas um homem,  
Entregue à projeção de tela  
Repetitiva e natural.

Nunca estive tão perto de ceder...  
A vida inteira a um passo  
E um passo dado por uma vida inteira  
No descompasso do tempo,  
Na tartaruga que vive mais de cem anos,  
Enfraquecendo a minha ínfima grandeza:  
Chego a achar que já vivi demais.

Sou opaco, um cão farejando o osso,  
Um amigo querendo estender o ombro,  
Lutando contra o próprio desejo.

Nunca estive tão perto,  
Mesmo sabendo que sempre estive tão longe.

# Écos

*Ana Lúdia da Conceição Ramos Maracahipe*

## I

Alguém precisa gritar no vácuo  
Desalinhar os portos  
Na incessante ida e volta do amor  
Alguém precisa abrir essa porta  
E fechar esse abismo

## II

Eu gosto de sofrer. Gosto dessa sensação de dor, de falta, de ausência,  
de medo...  
Gosto de dar socos no vazio, de chorar sozinha e sem motivo...  
Gosto de músicas tristes, de amores sem esperança...  
Gosto de quem nem sabe que eu existo,  
Gosto dos sonhos que eu não sonhei, dos orgasmos que eu não tive,  
das paixões que eu não vivi, das cartas que não escrevi, das lembranças  
que não são minhas, do amargo quase doce dos lábios esquecidos...  
Eu gosto de você, que é a minha invenção!  
Gosto de tudo que é quase projeção, que é incapaz de SER, de dizer,  
de argumentar ou de ver o abismo que existe... em mim.

# Poesia e Sonho

*Nahara Julyana Lima dos Santos*

Sento-me mais uma vez  
Em minha cadeira solitária.

Rito tão repetido,  
Hábito tão comum.

Meus olhos caem aqui nestas folhas pálidas,  
E elas clamam minhas lamúrias em canto.  
Eu nunca pude lhes dizer não.  
Então estas lágrimas invisíveis  
Derramam-se sobre as faces brancas  
Em forma de poesia.

Meus sonhos mais íntimos  
A pessoa que sou  
Por trás de mim mesma  
Revelam-se em minhas palavras irreveláveis.

E mais uma vez  
Findo exaurida  
Vazia  
De sentidos e sentimentos.

Os meus sonhos ali descritos  
Deixam de estar em mim,  
Tornam-se apenas mais palavras bonitas  
Numa crescente coleção de não-realizações.

Meu corpo se desfaz  
Dos desejos que o eletrificam  
E não há mais dor a que sentir  
Quando eles simplesmente se vão  
Viver para sempre irrealis.

Gosto de dizer que não é por inspiração que escrevo  
É a transpiração de meus sentimentos  
Que se transforma em palavras.

# Partida

*Mônica de Nazaré da Costa Pereira*

Cantei uma cor que compus pra ti  
Misturei a um leve aroma de lírios  
Ao corpo quase nu daquela manhã.  
Era cedo  
Partias...  
Na boca a cor, o vermelho que me mentias,  
No quarto o velho quadro com tintas que nunca escrevi.  
Era cedo  
E o sol amarelava seu sorriso pouco  
Tato  
    Manha  
        Mato  
A parte de mim neguei em ti  
Teu sangue maculado.

# Remador no PoeMar

*Raphael Gomes*

Rema Remador...

Um horizonte te espera

Em agonia, em Quimera?

Em espumas de amor...

Rima Rimador...

O teu verso não espera

Pois teu verso: é deus – é guerra!

Verso-Leviatã de Dor...

Rema Rimador...

Busca a palavra perdida

No horizonte estendida

Em inalcançável fragor!

Qual poente amante

Céu e mar arfantes

Em delírio. Ó Estupor

De homens sem horizontes...

Faz tua rima remar À Ilha do Amor

Ao Firmamento do Mar  
Ai Moby Dick em furor!  
Faz teu remo rimar...  
Com a castidade do mar  
Concha aberta em rosário  
Peixes abrindo em flor...

Então rema rimador...  
Sobre o túmulo sacrário  
A coroa encimada na frente...  
Pois é sempre no horizonte  
Que rimar rima com dor  
E o reMar  
rima  
com  
O  
poeMar...



# Anunciação

*Ivanês Lian Costa Araújo*

Cansei de mastigar as horas  
De petrificar saudades  
E instigar a agonia  
De nunca esquecer

Cansei dos fatos  
Dos conceitos e postulados  
Que modelam as sílabas  
E controlam as palavras

Cansei de andar por ruas claras  
De caminhos tracejados  
De coreografias e partituras  
De apresentações e citações

Procuro um único ponto  
Onde tudo tem o teu cheiro  
E o teu sabor

Quero desconfigurar meu mundo  
Para que não seja eu a dizer  
O que eu tenho pra te dizer

Quero esconder nas palavras o sentimento  
Quero esconder nas vírgulas o medo

Guardo umas unhas roídas nos dentes  
E uns minutos sonhados nas mãos  
Vou ao encontro do que sentes  
Espero não enganar meu coração

# Belém Gerais

*Rita de Cássia Paiva*

É pela noite  
Que Minas Chega  
Ao Guajará

Vem da Ponta da Areia  
Do Morro Velho  
Encontra o amo do índio daqui

Aragem canta como flechas  
Na dança das aves noturnas

O rio, calado,  
Ouve a história do ouro  
De outra terra  
Que cresce, excêntrica,  
Do centro de mim mesma

Esse não é meu chão...  
Mas a força dessa dança  
Da folha e da lança  
De Damiana e da mata

Transitam em novo canto  
O amálgama na alma  
Que veio do sertão  
Ainda ser  
Ainda tão.

Das Docas  
Minam as histórias gerais  
Do passo  
Da história  
Da conquista

Na pele  
Tutu, tucupi e saudade

E os cabelos boiam  
Como cachoeiras  
Sobre os portos  
Pra ver  
O SOL  
O Rio  
O PESO  
O CAIS

Viva essa Belém/Gerais!

# Ver-a-feira

*Jacqueline Lima Coelho Sampaio*

Menino que corre  
Que corre, que anda  
Seu andar é o correr  
Por entre feirantes, cachorros, gatos  
Olha o monte de lixo!  
Dribla os obstáculos com a maestria que a condição de moleque  
travesso proporciona a ele  
O cheiro da fruta, do chorume  
Os mendigos com seus dialetos próprios  
Ignora a tudo, correndo como o único louco lúcido do lugar  
A feira ferve – é dia de peixe fresco e promoção  
Alheio a tudo ele corre, brincando com outras crianças  
Sozinho também vale  
E todo o fascínio daquele monte de gente a comprar  
Como compram os capitalistas!  
Ele só quer correr, só quer brincar  
Esquecer a pobreza, o pai ausente, a mãe que bebe e o chiclete que  
deveria vender no sinal  
A feira fervilha de gente e de bicho

Ele se fascina com tudo e corre, liberto dos problemas terrenos  
Precisa apreciar enquanto não cresce (crescer é o problema)  
Só o seu olhar infantil ainda captar a magia daquele lugar  
Pulsa como um coração aquela feira  
Ele é só célula, vagando, sendo jogado para lá e para cá a cada pulsar  
E isso acaba  
O Sol desce no horizonte e acaba  
O mundo está ficando tão silencioso!  
Ao voltar ao barraco, próximo ao Ver-o-Peso, ele apanha  
-Safado! Não vendeu nenhum chiclete?  
Não importa...  
Os ferimentos ardem, mas não importa  
Vale a pena viver um sonho  
Vale a pena ser um pássaro livre que cheira a priprioca  
Dorme, exausto  
Amanhã é outro dia e a feira fervilhará de vida  
O coração vai pulsar uma vez mais









Crônicas



# O Googlielmo

*Franciorlis Freitas Viana*

Quando soube que o meu amigo Googlielmo se suicidou, fiquei pasmo. Tão jovem, o rapaz! Tinha uma vida inteira pela frente...

No enterro, sua mãe chorava copiosamente a morte do unigênito; observei, entretanto, que havia poucas pessoas presentes no velório; não se contavam vinte. Dentre elas um pai, três tias maternas, cinco primos, uma avó octogenária, cinco vizinhos abelhudos, dois transeuntes que vieram ao lugar apenas pelo cafezinho e um amigo (diga-se de passagem, eu).

Foi breve o cerimonial de despedida, se é que se pode chamar de cerimonial um coro de meia dúzia de beatas cantarolando a trilha sonora predileta de onze entre dez defuntos, que seja “segura na mão de Deus e vai (...)” aquela mesma, caros leitores, que muito provavelmente soará nos seus também (olhem pelo lado bom da coisa, ao menos vocês não estarão vivos para assistir o chiste!).

Ao término daquele cortejo regressei para casa como passarinho molhado, murcho e silente. Corri para o computador com o objetivo de publicar na internet uma homenagem póstuma ao meu amigo Googlielmo. Acessei, como todo jovem descolado, antes de qualquer coisa o Orkut; clica aqui, clica acolá e putz! Entrei na página de Googlielmo, nome este seguido do slogan “Eu amo a

vida!"; esse foi justamente o primeiro paradoxo que percebi; Como pode alguém que declara na internet amar a vida, cometer suicídio? Depois verifiquei que Googlielmo possuía novecentos e vinte e sete amigos adicionados. Esse foi o segundo paradoxo que percebi; como alguém que tem novecentos e vinte e sete amigos no Orkut, no próprio enterro só teve um presente?

Constatei em seguida que Googlielmo tinha mil quatrocentos e trinta e oito seguidores no Twitter, quinhentos e seis no Facebook e duzentos e sete contatos no Myspace! É tão estranho que Googlielmo tenha escrito no e-mail de despedida (enviado simultaneamente a todos os amigos virtuais de sua lista) que partia dessa vida cruel por não suportar viver na solidão!

(...)

Devemos pensar que nos sites de relacionamentos temos a facilidade de criar tantos personagens para nós mesmos, tantos “Eus” distintos de quem realmente somos. Veja, eu posso me tornar “Rodolfo, sua alma gêmea” no ParPerfeito, posso ser “Felipe, o pegador” no MSN; ou quem sabe o próximo heterônimo a surgir no Chatroulette; posso ser tantos indivíduos que não sou, nem serei, nem tampouco sei de onde inventei! Como no filme hollywoodiano “O substituto”, que narra um estágio da humanidade onde as pessoas nem saem mais de casa. Enviam um clone a fazer suas tarefas, enquanto os controlam da sala de estar a partir de um computador conectado aos seus cérebros. Isso possibilita que um homem use um clone feminino, um adulto use um clone de um infante, os velhos usem clones jovens, um gordo use um clone magro, o magro de um ainda mais magro, um alguém use o clone do que não é para esconder que o original, o controlador, se tornou um ninguém. É isso que geralmente digitamos nas teclas frias dos notebooks, netbooks, ipads, e smartphones: substitutos.

Chegamos numa conjuntura que se você me encontrar fora da Web terá dificuldade em crer que eu estive on-line com você no bate-papo! Ainda mais porque no meu perfil coloquei a foto de um sujeito alto, loiro, corpo sarado e de olhos azuis, quando pessoalmente sou pálido, baixo, magro e vesgo.

Os sites de relacionamentos deveriam servir a um propósito maior que apenas um entretenimento; talvez como meio para nos encontrarmos como seres com necessidades de socialização, no entanto, tem sido usados por alguns como maquiagem emocional, quebrando pontes internas.

Alcançaremos a perfeição das amizades, pois ninguém será alguém, pois ser alguém de fato é ter defeitos reais e se me oculto atrás duma figura cibernética ilusória, claro que obscurecerei meus erros e equívocos, daí eu dizer que teremos amizades perfeitas, pois excluiremos a coisa que mais causa problemas nas amizades, que é justamente o amigo, que traz consigo suas irritáveis manias, gostos e discordâncias. Arrisco-me que não muito distante o programa de maior sucesso da Apple será algo parecido com “Friendperfect”; o amigo que nunca irá te decepcionar; mas caso haja algum problema vem com garantia de fábrica. Ressalva-se que se deve manter o antivírus sempre atualizado.

Em breve não existirão mais amizades reais, apenas um moderno software que cria hologramas de amigos - aliás, software com três gigas de memória para armazenar nossos desabafos como se nada fossem além de dados, facilmente deletáveis.

Pobre do Googlielmo! Teve na internet tantas pessoas para trocar scraps, mas na vida lhe faltaram abraços, cafunés e sorrisos. Gestos simples, mas que até aquele supercomputador americano por nome Watson, vencedor de gincanas televisivas, é incapaz de reproduzir.

*- Aproveito para deixar meu recado a Watson, que a estas horas deve estar orgulhoso do seu feito: vencer a espécie humana não é tarefa tão difícil (aí está a natureza com suas intempéries, como exemplo). Difícil, caro Wat (posso chamá-lo assim? desafio-o a me alcunhar também com um apelido carinhoso), é um congêneres estender as mãos a um derrotado e levantar-lhe do chão – por curiosidade, Watson, se o teu inventor cair com afecção cardíaca ao teu lado, e não houver ninguém por perto, tu podes ajudá-lo? (bem sei que podes em fração de segundos listar todos os remédios existentes nas terras mais remotas), mas o que quero saber é se podes encostar as mãos ao peito do teu tecnólogo e prestar-lhe uma massagem... Erro crasso meu, tu não tens mãos.*

# Túnel das letras

*Benedito José Brabo Pantoja*

Passados mais de vinte anos, desde a finalização do Curso, tento reencontrar meus professores de 82 a 87. Entro no agora Instituto (já foi Centro) de Letras e Comunicação e começo pela clássica Albeniza Chaves, de uma finesse irrepreensível, exibindo sempre uma postura ereta, como alguém que no passado houvesse praticado ballet. Renitente, não admitia que palavras como “cousa” pudessem ter sido arcaizadas. Não a encontro. Entreabro uma porta, no final do corredor, mas não enxergo o boa-praça Rômulo, da Língua Latina, admirador das penas de Tito Lívio, Plauto e Petrônio e fã de carteirinha de Cícero, o orador romano, famoso por suas catilinárias. Mestre Rômulo, de vez em quando, brindava seus alunos com piadas de salão de sutis desfechos; algumas, um pouquinho licenciosas, como diria a Albeniza, referindo-se à poesia erótica de Bocage.

Estou caminhando agora pelos pavilhões H, I, J e L, palco principal da faina das letras. Vejo que eles, construídos de forma improvisada, contribuindo para consolidar de vez a UFPA no Campus do Guamá e realizar, assim, o sonho do visionário Silveira Netto, homenageado, inclusive, na denominação da atual Cidade Universitária, agora estão aparelhados com centrais de ar condicionado e forrados com placas de PVC, nem de longe lembrando as calorentas

salas dominadas pelo inconveniente ruído das hélices dos fatigados ventiladores fixados no teto composto de tábuas macheadas em marupá, dos tempos em que essa madeira ainda habitava a região das Ilhas. De provisórios, na verdade, vieram para ficar. Contudo, ali também não encontro as simpáticas Lurdinha e Claudete, o amigão Joaquim Nepomuceno e o engraçado Le Bihan, com seu sotaque francês, que se orgulhava de ter praticamente no quintal de sua maison en France, quando garoto, as famosas pinturas rupestres de Lascaux. Coincidência ou não, mais tarde, ele se tornaria professor de História da Arte.

Por onde andaria o excêntrico e disciplinador Isidório Cabral? Tampouco vejo a Terezinha Nina em suas preleções sobre os metaplasmos. E o que dizer das competentes Célias: Bassalo e Brito? Quem poderia me informar sobre o irrequieto e pândego Ciro, o sisudo Wanghan e o temido Bassu? Nada de Meirevaldo Paiva, apaixonado, como o Pato Donald, pela sua Margarida. Quase choro ao dar por falta do doce em pessoa, Lucinha Medeiros, que me introduziu nos trabalhos de Lygia Bojunga e Ana Maria Machado. Quanta saudade da jovem Amarílis (Lila) Tupiassu, dama expert do Eça e dos Pessoas (os heterônimos), tão atenciosa comigo, de beleza exótica, conforme classificou Caetano Veloso, que a comparou com sua mãe, dona Canô, quando jovem.

Por um momento, penso ter ouvido a voz irreverente de Ruy Barata, de cor, declamando “O corvo”, de Edgar Allan Poe, na bem elaborada tradução de Fernando Pessoa, à guisa de aula, ao sabor de umas boas tragadas de Minister. Deveras, o Paranatinga fez história nestas paragens. Tive o prazer de tomar umas geladas ao seu lado, no Bar do Parque, após fazer uma prova de Literatura Brasileira. É isso mesmo! Eu tive o privilégio de realizar prova de segunda chamada do poeta Rui Barata, em uma mesa do Bar do Parque!



Dava gosto ouvir o velho comunista em suas intervenções, que eram quase prédicas. Irmãozinho (imitando seu vocativo), você faz muita falta. Para lamentar a sua ausência, tomo por empréstimo as célebres palavras de Poe, tiradas de seu imortal poema, na versão original do escritor norte-americano: Nothing more! Nevermore!

Experimento agora a estranha sensação da Sociedade dos Poetas Mortos. De repente, porém, ouço alguém me chamando: é a realidade inexorável que bate à porta de minhas divagações saudosistas. Por sorte, porém, ao entrar na Reitoria, esbarro casualmente com a Socorro Simões, no elevador. Ah, meus olhos brilham de alegria! Quase pulo em seus braços e lhe atiro um beijo certo, até esquecendo um presente antigo que ela me deu: um sofrível R, por problema de frequência, em Literatura Portuguesa. No elevador, desse modo, faço a feliz descoberta de que alguns mestres sobreviveram à morte ou à aposentadoria. Mais tarde, andando pelas passarelas do Básico, encontro com o Cassique, que eu comparava com Tim Maia. Fico feliz em vê-lo. Só não ao ponto, obviamente, de pensar em me atirar em seus braços. Aí seria dose demais.

Fico sabendo que ilustres nomes da Gramática estão *démodé*. Nas aulas de Língua Portuguesa, quase não se prestigiam nomes como Cegalla, Othon Garcia, Rocha Lima, Adriano da Gama Cury e Celso Cunha. Até que não fico tão triste por isso. Na linguística, descubro que Saussure, Bloomfield, Jakobson e Chomsky perderam fôlego para Koch, Maingueneau, Ducrot, Labov e Bronckart, entre outros. Descubro, na Literatura Paraense, que os alunos já não desenvolvem pesquisas apenas sobre as obras de José Veríssimo, Bruno de Menezes, Eneida de Moraes, Dalcídio Jurandir ou Inglês de Souza, sobre cujo romance, *O Coronel Sangrado*, apresentei um seminário. Somaram-se a eles novas personalidades, entre elas, o meu colega da graduação, Paulo Nunes. Não era difícil perceber

que aquele rapaz iria longe, desde os imemoriáveis tempos da chapa Verso e Prosa, que ele capitaneava, nas eleições para o CAL - Centro Acadêmico de Letras. Outros, que já existiam, ficaram devidamente sacramentados nos anais da nossa literatura, como é o caso do Benedicto Monteiro, Ruy Barata, Acyr Castro, Benedito Nunes, que recentemente nos deixou, e o mestre Paes Loureiro, com suas aulas de Estética que mais pareciam conferências.

Além dos professores, de modo algum posso esquecer os funcionários técnico-administrativos daqueles tempos, destacando dois, de emblemática presença nos corredores do ILC, pelo seu constante bom humor: Alonso e Juraci. O primeiro já está aposentado, enquanto o Jura continua puxando suas tragadas de cigarro na passarela de entrada do Instituto. Viviam sempre brincando e levantando o astral dos alunos, mesmo nas sacais épocas de matrícula, em que se buscava conciliar o número de disciplinas com os turnos e horários, pois, naquele tempo, não havia o regime seriado, mas o sistema de créditos, um souvenir dos tempos da ditadura militar, que, desse modo, implementava mais um entre tantos mecanismos que pudessem criar estorvos aos alunos, impedindo-os de cursar os semestres nas mesmas turmas, dificultando, desse modo, uma melhor articulação nos movimentos estudantis. Pois bem, seu Alonso era um gozador inato, com seu gostoso sotaque cametaense que lhe conferia um tempero a mais na cenografia das brincadeiras que ele fazia com a estudantada. Do velho Jura, passista do Quem São Eles, com seu sapato branco, símbolo do samba e da boemia, lembro que pegava muito no meu pé, enchendo o saco, por minha preferência (embora moderada) pelo Rancho.

São muitas as lembranças; referencio estas, por hora, deixando as demais para uma nova oportunidade, quem sabe. Mas a nostalgia com que acaricio as que arrolei é suficiente para se perceber que fiquei

fora da terra das letras por um bom tempo, atado pelas aracnídeas teias da burocracia do serviço público. Retorno, como que do exílio, tentando adaptar-me novamente à minha terra. As passagens pela Especialização e pelo Mestrado servem como alento a este velho escriba, pois permitem-no palmilhar, uma vez mais, corredores ainda impregnados pela agradável atmosfera da Academia dos anos 80. Decerto, sua fragrância irá exalar para sempre através do portal espaço-tempo do túnel das letras.



# Miséria e seu Eterno Retorno

*Jamile Santos Lago*

Quando tinha por volta de 4 ou 5 anos, percebi pela janela de um coletivo um garoto cheirando cola e deitado no teto de uma parada de ônibus. Foi chocante. Por volta de dois anos atrás, ou menos, não lembro, avistei pela janela de um coletivo um homem e um adolescente em uma carroça, o mais novo estava cheirando cola. No ano em que eu estava fazendo preparatório para o vestibular, uma adolescente que aparentava ter minha idade estava vendendo bombons no ônibus no qual me encontrava. Todo o dia quando vou à aula, me assusto com o mesmo deficiente que fica sentado numa esquina de uma imensa avenida da cidade. Ele fica ali a pedir esmolas. Aquele homem é pavoroso, aquela situação é pavorosa. Na estação de ônibus da Universidade sempre há algum “louco” ou um esquecido abandonado com uma estética alarmante.

Da janela da minha habitual condução, a caminho da aula, contemplo uma cidade à parte, parece abandonada, porém é bem povoada, são corpos, pensamentos, operários, esperanças, sonhos e crianças. Há muitas crianças, e creio que várias perambulam pelo centro urbano, engraxando botas, limpando pábrabrisas, fazendo malabares. Sempre esbarrava com um garoto que vagava nos bairros de maior referência. Com uma voz rouca, uma roupa além de grande por tamanho natural, também era alargada pelo tempo, aquela roupa deveria ter uma densa história arraigada, escurecida pela poeira, deveria trazer os odores

da vida, da vida daquele garoto. Seus olhos eram vermelhos, mas sua visão não era marejada por pranto. Então seriam vermelhos por ódio? O mais provável: um entorpecente qualquer. Tal garoto deveria drogar-se incansavelmente.

Certa vez ele passou às pressas, corria bastante, e atrás um segurança de loja. O jovenzinho foi puxado pela gola da camisa,

“ladrãozinho!”.

Ele havia roubado um cordão de ouro. A vítima passava a mão no pescoço e chorava, por dor, revolta, talvez. O garoto chorava desesperadamente,

“tio, não fui eu”.

Uma criança que muito sabe da vida, com sua ingenuidade comprometida, chorava desesperadamente,

“tio, não fui eu, não fui eu”.

A vida ensina-nos a mentir... Ou a mentira é uma herança que já trazemos de berço? Mas será que o garoto teve berço? Dúvida.

Pessoas e opiniões: “os pais, apedreje-os”, “Estado, o culpado”, pessoas e opiniões: circulares. E isso espanta, porque a todo o momento vejo a repetição paradoxalmente entrecruzada com a passagem, com envelhecimento, com a queda do que é antigo, com florescimento da morte catalogada em páginas de jornal. As coisas passam, e uma essência permanece, uma essência medíocre, esteticamente horrenda e mal cheirosa, mas que merece contemplação, estaticamente move-se a um fim que parece nunca terminar.

# Arestas

*Jéssica de Souza Carneiro*

Refuto aqui a ideia de Freud de que Deus é um pai castrador. Essa crença separa, desune, assusta, cerceia. O meu Deus é composto de três elementos. O primeiro deles é o amor. O outro é a bondade; depois, a natureza.

Para mim, ter fé é andar pelo mundo, conhecer os abismos e não cair... Não machucar feridas alheias e não ferir a si próprio.

Não devo me queixar de nada. Devo fazer por merecer ser aquilo que sou, ter o que conquistei... Colher na Terra o que plantei nela e tentar, por mérito próprio, no céu, alcançar o sol, mas não um sol que pune, e sim um sol que premia.

As pessoas duvidam disso, embora acreditem cegamente em visões muito mais turvas e embaçadas.

Deixam-se levar pela maré, pela constância da verdade absoluta, pela segurança da sanidade incontestada.

Se um dia eu pudesse endoidecer desse amor que é Deus... Eu veria tudo branco, como a cor da luz que escapa pelas arestas, como a cor envolta dos teus olhos, como a cor da minha lucidez agora.





# Epifania

*André Heron Carvalho dos Reis*

Faz frio, chove lá fora. Debruço-me sobre minha cama tão quente quanto acolhedora. No entanto, a chuva insiste em bater docemente sobre minha janela. Se não bastasse, é noite, e noite daquelas em que se fazem um silêncio gritante, daqueles ensurdecedores, dos quais não é possível esquivar-se. E então, bem baixinho, eu sinto: a falta. É que a noite sempre traz consigo a necessidade de alguém, ela mesma é a própria necessidade: de algo que ilumine. E toda essa escuridão com esse fio de friagem que toca e invade navalhando a alma, esse mesmo frio me lembra que ela existe a própria necessidade de algo que suprima o que não está cheio ou preenchido, a falta.

Não entendo o que seja uma noite em sua plenitude. Principalmente quando acompanhada do frio trazido pela chuva grosseira. Mas a certeza é que ela sempre trás algo: uma lembrança, um sentimento, um aroma, um sonho; ou a pura certeza de que ela existe, e existe para que possamos existir em nossa plenitude. Então, não é pecado nesse momento olhar para o espelho é tentar ver não a dimensão das formas que fomos acostumados a enxergar, idolatrando essas curvas que nos fustigam. Por que não olhar para o espelho e procurar essa falta, essa necessidade, encarar o que nos preenche e invade de súbito a alma?

Elevo suavemente minha mão em direção a ele, esse espelho a quem pergunto e que se esquiva de dizer-me coisas, mas ele não esconde a face de mim, de mim ele não é capaz de fugir e negar o reflexo. O vento bate anunciando a força que se exhibe lá fora. É o escuro, é o silêncio, é a água, e todas elas dentro de mim, simplesmente. E, então, horror! Não falta nada! Não falta nada de repente. Por que procuro nessa imagem réproba o que se exprime de força e clareza insólita? Mas ela não existe, para além das formas ela não existe ela é apenas eu eu dentro de um espelho. Mas nós procuramos, nós olhamos sempre, e se olhamos é porque queremos enxergar para além de nossos olhos. Queremos tocar o impalpável e, de repente, poder achar que o sonho é possível. E, então, novamente ela, a falta, se mostra voraz e faminta dentro do coração e mente de todo aquele que ousa tocar essa noite fria. É que eu sento na minha poltrona de feltro bordada à mão, preparo uma xícara de algo bem quente e espumoso, acendo minha lareira, e simplesmente boto a mesma xícara sobre a mesa, sem que ninguém veja como arde aquela chama que tão lindamente consome a lenha da minha lareira.

Não é suportável ver o belo sem que se possa reparti-lo com alguém. O outro lado do frio é que fazemos de tudo para gerar o calor. E nos rendemos à magia do fogo. Acendemos nossa lareira, esquentamos nossas bebidas, sentamos em nossas poltronas mais acolchoadas. Sentamos ali e nos rendemos a simplesmente olhar como ele consome, como ele atinge sua gama de cores, e olhamos. O problema é que ao contrário do espelho o fogo fala. Olha-se, entrega-se subitamente ao fogo e, quando menos se percebe, a mente se resvala para qualquer lugar. Pode-se pensar no dia que passou, nos sons que se ouviu e ele ainda consumindo, consumindo...

É, a certeza que temos é que para além das suas chamas algo consome dentro de nós. Apesar do frio, do silêncio, do escuro, sempre fazemos questão de deixar consumir e doer, ainda que sem remédio, algo dentro de nós. Quem sabe essa descoberta nos mostre o quanto ainda precisamos dar corpo às formas que temos nos espelhos e chamas de dentro de nosso quarto.

Agora ela está acesa...

Amor.



# Minha irmã virou um átomo

*Bárbara da Fonseca Palha*

Alice foi acordada numa hora incomum: às 6 da manhã, pela mãe, que aos berros lhe perguntava por Beatriz, sua irmã, que misteriosamente desaparecera em plena madrugada. Ainda um pouco atordoada, Alice respondeu que quando foi se deitar, sua irmã Beatriz já estava dormindo, até estranhou, pois a mesma costumava dormir altas horas da madrugada e ainda eram 10 horas da noite. Mesmo assim não se importou muito e tratou de ir dormir.

Enquanto dona Luiza tratava de ligar para as amigas de Beatriz, para os hospitais e até para o necrotério, Alice voltou para a cama, para tentar dormir novamente, em vão... um sono perdido nunca mais pode ser recuperado. Alice havia escutado ou lido essa frase em algum lugar e apesar de não recordar onde, a carregava consigo como uma verdade absoluta e agora comprovava a veracidade do fato! Aconchegada entre os lençóis, começou a pensar no que poderia ter acontecido com a irmã, e então os devaneios começaram.

Foi abduzida, é claro! Afirmou enfaticamente. Numa época em que as explicações racionais não mais satisfaziam às perguntas mais inquietantes, uma explicação sobrenatural solucionava o caso. Mas por que levariam Beatriz?, questionou-se Alice, e a deixariam lá, sã e salva?! Questionou-se mais uma vez: será que sou assim tão

desinteressante? Tudo bem que estava sem namorado há uns três anos, mas ser rejeitada por E.T's seria o cúmulo da solteirice!

Já sei! afirmou Alice, minha irmã virou um átomo! E poderia estar em qualquer lugar do quarto. Agora era preciso ter cuidado por onde pisar, deitar ou sentar. Será que uma lupa ajudaria a encontrá-la?, pensou. Em todo caso, tratou de procurar na gaveta das quinquilharias. Não achava a ideia estranha, afinal já havia assistido a um filme em preto e branco, há algum tempo atrás, em que o personagem principal, após passar por uma nuvem de radiação enquanto velejava, foi gradativamente diminuindo de tamanho, até que finalmente virou um átomo. Bem que Alice estava estranhando que Beatriz ultimamente estava menor que ela, ou era por causa dos saltos plataforma que havia abandonado?, pensou, e continuou procurando por cada milímetro do quarto.

Deixando de lado todas as hipóteses que explicariam o sumiço da irmã começou a achar a ideia boa, afinal desde criança dividia o quarto com ela e agora aos 21 anos de idade precisava de um espaço só seu. Esqueceu a heroica batalha em busca do átomo perdido e passou a redecorar o quarto. Começou, retirando das prateleiras da irmã todos aqueles objetos místicos que só faziam acumular poeira: pirâmides, cristais, porta-incenso. Ah! Incensos, não os suportava, irritavam o seu nariz, mas o que podia fazer?, Beatriz gostava, os tinha aos montes e para todos os objetivos: dinheiro, sorte, harmonizar ambientes, sucesso, amor... Hum amor, esse não jogou fora, não custava tentar, pensou.

Até o guarda-roupas tinham que dividir. Era um daqueles de casal com 6 portas, dividido “irmãmente”: de um lado ficavam as roupas e sapatos de Beatriz e do outro lado suas coisas. Não entendia porque teve que ficar com o lado que não tinha gavetas, somente duas prateleiras, suas roupas íntimas ficavam lá, expostas, fora de uma

gaveta decente. Uma vez até ligou para o serviço de atendimento ao cliente para reclamar da ausência das gavetas do seu lado do guarda-roupa e sugeriu que fizessem um novo modelo que contivesse o mesmo número de gavetas para os dois lados. Quanta bobagem!

Mas, deixando de lado os ressentimentos, começou a separar as roupas e os sapatos. Como usavam o mesmo número, pensou que poderia ficar com os sapatos, já que já dividiam o guarda-roupa, poderiam dividir também as roupas, os sapatos, aquele vestido lindo da Redley que Beatriz havia comprado fazia uma semana, enfim... Beatriz não se importaria, era muito evoluída para esses assuntos, era espírita. Algumas blusas que não gostava separou para doação, puro altruísmo, herança deixada pelos exemplos da irmã. Os sapatos não, os quis todos, afinal estava precisando, os seus estavam muito gastos.

A outra cama pensou em doar também, mas pensando bem e voltando atrás, achou melhor deixá-la no mesmo lugar, podia servir como cama de hóspedes, afinal suas amigas costumavam sempre dormir lá sempre que voltavam das baladas. Se antes dormiam no colchão rente ao chão, dormiriam agora numa cama de verdade.

Separa blusa para doar, joga sapato velho fora, encaixota pirâmide do sucesso, cristal da felicidade, incenso que atrai dinheiro, sino de vento que fazia blim blim, isso sempre a assustava... Quando de repente ouve uma voz: “O que é isso, alguém tá de mudança?”. Era ela própria, Beatriz, ali em pé em carne e osso e um semblante meio reprovador, de como quem quer saber por que suas roupas estavam num saco de supermercado, porque seus excêntricos objetos místicos estavam numa caixa, enfim... Alice não poderia dizer: “é você quem está de mudança e estou separando para doação tudo que não gosto e não posso ficar”. Correu para abraçar a irmã como se não a visse há umas... 8 horas e pensou como realmente pôde acreditar que a irmã havia se reduzido a um átomo.





# Na subida de um novo degrau

*Jamilly Queiroz Vianna*

Acordar naquela manhã não foi difícil. Algo novo estava começando. Uma nova rotina, eu poderia dizer. Mas para os sonhadores como eu, uma nova jornada. Já estava tudo pronto, atrasos logo no primeiro dia são inadmissíveis. Saí de casa no horário previsto para que ônibus, trânsito e outros possíveis fatores não me retardassem.

Estava confiante. A cada passo, dado com vontade, meu pensamento não saía da órbita positiva. “Vai dar tudo certo”, era o que eu pensava, “não vou fazer nenhuma besteira”. Quando menos espero, uma pedra, como dizem todas as línguas, “cortou meu barato”. Tropecei tão feio que eu mesma ri da situação. Creio que o dia, o destino e a situação tão só me permitiam rir naquele momento, já que nenhum sinal de tristeza ou de má sorte se aproximaria de mim naquele dia.

Já no ônibus – sempre no ônibus – minha mente começou a voar. Imaginei os ternos e os termos. Os saltos finos e os assassinos. A retórica e a lírica. Tudo nesse mundo me atraía. Será que ver esse mundo por sua outra ótica me faria amá-lo ainda mais ou me faria pessimista? Meu intuito era olhar de perto. Ver e ouvir, mas acima de tudo, sentir e compreender. Afinal, uma decisão fora tomada, porém,

como em toda juventude e ingenuidade, toda a abrangência dela me escapavam completamente.

O local era... diferente. Um diferente fora da rotina, um diferente novo e chamativo para olhos tão curiosos quanto os meus. As cores eram extremamente neutras em toda sua imensidão. Tudo seguia um padrão. Imparcialidade. Normalmente aquilo me incomodaria, já que acredito que o local reflete seus habitantes. Não importa se há beleza ou não em um cômodo, de certo modo, ele é uma impressão digital gigante de seu dono, diz muitas coisas sobre quem vive ali. Incrível e surpreendentemente, toda aquela neutralidade me pareceu perfeitamente adequada.

As pessoas, o que realmente importava, eram simplesmente pessoas. Cada uma com sua forma, fala e personalidade. A alegre e extrovertida, o sério e imponente, o inseguro e jovem. É engraçado que, falando desse modo, são pessoas que conhecemos e convivemos diariamente, mas não. Cada um é tão único em si mesmo que é difícil descrever com exatidão, logo, as qualidades que nos são genéricas são mais fáceis para cumprir essa tarefa.

O primeiro dia. A parte mais difícil, juntamente com as outras 2 semanas seguintes. Como fazer? O que fazer? Por quê? Com licença. Por favor. Obrigada. Socorro. Errei? Perdão. Agora está melhor. Entendeu? Boa tarde. Até amanhã.

Quando menos percebi, estava passando do meu horário. Pensei, dizem que quando fazemos algo que gostamos o tempo passa muito rápido. Concluí, é... mesmo não sabendo muita coisa ainda, devo ter gostado do serviço. Mesmo que eu demore dez minutos pensando numa frase, são dez minutos de prazer. Prazer de aprender, de descobrir os porquês.

Saí de lá direto para a universidade. Finalmente minha escolha estava se apresentando a mim em toda sua intimidade. No início,

eu apenas a conhecia por fora, poderia dizer que minha escolha era apenas uma colega. Agora não. De repente ela aparecia com os segredos mais obscuros, com umas conversas interessantes e com uns macetes para lá de úteis. A amizade entre nós se formava. E isso me estimulava de uma maneira absurda.

Queria saber de tudo. O quê, para quê e por onde. Sabe quando somos tomados por aquela sensação de preenchimento, mas não conseguimos controlá-la porque o que irá nos preencher não cabe (ainda) dentro de nós? Sabe quando nos deparamos com algo e nos sentimos muito pequenos e angustiados? Foi nesse momento. Enxerguei toda a amplitude de minha escolha.

E foi divino. E foi tão certo. Eu havia tomado a decisão certa. Mesmo com todas as pessoas, mesmo com toda a vastidão do conhecimento, mesmo com o cansaço, mesmo com as noites mal dormidas e com a eterna vontade de permanecer na cama nas manhãs de chuva, aquilo me preenchia.

Eu estava no caminho certo, pensei, na caminhada até minha sala de aula. Estava tudo bem. Aquele degrau seria um dos mais difíceis, um dos mais demorados e um dos quais eu jamais esqueceria. Engraçado. Não há sensação melhor que aquela quando se olha para trás e vê todos os degraus já subidos. Alguns pensam “não eram mais que minha obrigação”, outros choram, outros sorriem. Eu apenas dou aquele sorrisinho de canto de boca de cinema e me sinto grata.

Costumo dizer a mim mesma que “depois da tempestade vem a bonança”. Por mais que, em uma primeira impressão essa tempestade tenha uma cara de má, eu até que estou gostando dela. Ela me refresca, seja com água ou com ventania, ela me conforta, seja com o friozinho ou com o som de suas gotas, ela torna meu dia mais bonito, seja com as gotas de orvalho ou com o azul intenso do céu.

Quero poder chegar no topo dessa escadaria e dizer que valeu a pena. Não importa o quão cansada eu esteja. Tem que valer a pena. Senão, de que adianta? Objetivos, sonhos, chamem como quiserem, uma hora ele aparece e buscá-lo é essencial, é aquele preenchimento, lembram? Ah... Tenho prova amanhã, hora de dar mais uma lida no texto de mil páginas. Boa tarde!

# O amanhecer de um dia qualquer

*Airton Souza de Oliveira*

Desperto, nessa manhã sórdida, a calçada fria, ao relento, me assusta. Sei que são horas quaisquer, mas a exatidão delas me faltam. Confesso que não são apenas as exatidões dos tempos que se ausentam de mim mesmo. A inocência não me agrada, porque os sonhos partiram desesperados em revoadas. Então acordo, com o pensamento cambaleante. O estômago, vazio, reclama e declama sempre a mesma ausência. O hálito ardido e asqueroso traz repugnância para o corpo todo. Os olhos sujos pedem em silêncio, água para poder continuar abertos, enquanto as pupilas vão encolhendo na claridade do dia que cai levemente sobre a cidade totalmente por mim desconhecida.

Para falar a verdade, conheço pouco esse espaço que me acolhe e parece consumir-me feliz todos os dias. Então, resolvo levantar e buscar o que o estômago quer e deseja freneticamente. Mas, o corpo esquelético, resolve não obedecer ao pensamento. Então, sento no chão frio que disfarçou descanso em mim na noite passada e sem volta.

Vislumbrando a área que cerca o espaço, posso ver ao meu redor, casas, portas e janelas fechadas, silêncio. As almas que habitam em cada uma delas parecem dormir sonolentas e sem compromisso. No céu, o sol tímido surge calado e sem força.

Levanto, porque é preciso. O meu compromisso é com a fome que aperta o corpo e com mais este dia em que desejo sobreviver.

Contudo, já tenho um caminho certo a percorrer, pois tem sido assim sempre. O meu destino são as lixeiras da rua do lado esquerdo a que estou dormindo nesses últimos dias. Seu nome, eu não sei. Mas, o aspecto dela me parece familiar. Cada calçada, cada buraco, cor e cada alma que por ali perambulam, são como meus antigos parentes.

Em minha viagem, passadas lentas e calculadas, olhar atento a todos os movimentos. É preciso ter cautela sempre.

Outro dia, passando por uns homens em conversa cotidiana, ouvir falar sobre o tal capitalismo. E agora, observando todas essas casas, imagino, ser isso, o que eles chamam de capitalismo. Ou quem sabe não é o lixo que me alimenta todos os dias?

Não sei! Deve ser os dois. As casas bem ornamentadas e o lixo fora delas. Posso até admirar as casas e seus ornamentos, mas, o mais importante para mim é o lixo que elas produzem dia após dia.

Prossigo em minha caminhada, é preciso. O estômago aperta o desejo e da-me socos, na moleira esperançosa.

Cabisbaixo, mas, com o olhar atento, vou seguindo viagem como um andarilho bem sucedido, disfarço os meus trajes sujos e fedorentos, é necessário, pois, não há dor maior a sentir que aqueles olhares condenativos a me dizerem coisas e mais coisas em seus pensamentos, as quais os olhos não conseguem fingir.

Percorro poucos metros, já posso sentir aquele cheiro natural do lixo e também do resto de comida de quem sabe, da noite anterior. Posso sentir eles me chamarem em uma voz suave.

Alcanço a lixeira que de fato é bem ampla. Então, enfio a cabeça dentro dela e vou recolhendo as migalhas que serviram para mim e para os pombos que já estão há horas voando nas proximidades.

Sento na calçada e reparto o pão sem o vinho. O cheiro é bom. É um despedaçado fragmento de pizza, resto de arroz e feijão, pedaços das mais variadas frutas, um negócio estranho a que não me arrisco nomear e ainda uma variedade imensa de restos de comidas que fizeram a felicidade de outros homens no dia anterior, para mim, um verdadeiro banquete grego.

A vida não é toda ruim assim, e vou me divertindo, comendo para sobreviver e alimentando os pombos que pousam perto de mim.

Penso no tal capitalismo do qual já ouvir falar um dia desses o qual não me recordo exatamente. Então, dever ser isso o capitalismo, eu comendo restos e os pombos mariscando migalhas dos restos.





# O andante

*Adelaide Maria Assunção de Miranda*

Quem é este homem que passa cantando alto pelos corredores da universidade uma estranha música “Fuzila-se um cabano, o senhor de toda a terra...”? Que história viveu para que, sem qualquer timidez, invada ouvidos alhures, com uma música tão insólita? Onde estarão seus sonhos, aprisionados em correntes, ou nos lábios de uma meretriz? Ou será um louco sem razão alguma para sonhar sonhos novos, vivendo apenas os sonhos velhos e para eles?

Ele anda rapidamente arrastando seu chinelo de dedo, com o vento levando sua calça pelos tornozelos, como se o vento fosse uma força contrária tentando impedi-lo de seguir adiante, teimando em desgrenhar ainda mais seu emaranhado cabelo. Mas sua música o ajuda a lutar contra seu adversário: o vento. A música (quase um lamento) é sua companheira de luta e, sua voz de barítono, sua espada desembainhada. Também carrega uma sacola de pano a tiracolo, com a mão esquerda segurando a alça ao ombro, como se ali carregasse um tesouro precioso, ou como se a sacola desbotada comportasse sua existência, tal o cuidado.

Quem é este afinal? Terá um destino, um porto seguro? Alguém o aguarda com um caldo quente para agarrados tomarem juntos, ou não terá ninguém? Quiçá seja um líder revolucionário onde, numa

roda de vanguarda, grita (ou canta) palavras de ordem, a favor de desterrados? Então o grupo seria sua família e, juntos, saboreariam boias frias, biritas e sonhos, até a chegada da polícia com seus rifles, seus cassinetes, suas botas duras e seus magros salários.

Parece ser vergonhoso falar com ele. Ninguém se atreve. Ele sabe disso. E gosta. É sua forma de agredir. De chocar.

Logo adiante está o rio cinzento. Em suas águas reflete um sol redondo e, na calçadinha do arrimo, está um menino vendendo ovos brancos, cintilantes. Ali sentadinho ele grita, “Ovos quentes, cozidos, para vender, quem quer? Ovos quentes, cozidos, para vender, quem quer?”, como uma entediante musiquinha. Uma estudante que por ali passa até o olha, mas não o vê. Ele está ali desamparado, sem Conselho Tutelar, sem juiz, sem ninguém. Então para um pouquinho de gritar e degusta um ovo. Em casa, sua mãe aguarda. Não o menino, mas o dinheiro que ele trará. Em casa, não tem um caldo quente, para que no colo da mãe, tomem juntos. Em casa, só tem um padraço que bebe os ovos vendidos.

Entrementes, o homem solitário caminha, sem imaginar que pelo menos uma pessoa o olha e o vê: o menino vendedor de ovos. Repentinamente ele corre até o menino, na beira do rio, toma a bandeja de suas mãos e, repousando-a no chão, procura em seus bolsos todo o dinheiro que possui para entregar ao garoto. Dois pares de olhos se fitam. Talvez seja esse o único momento desse dia em que ambos olharam e viram os olhos de alguém. Foi um olhar verdadeiro.

O menino pôs o dinheiro no bolso e saiu correndo imitando galope.

Os ovos foram jogados para cachorros famintos adiante.

Quem é este que, de tão magro, decreta guerra ao vento? De onde tirou o dinheiro para os ovos, para depois entregá-los aos cães? Quem é este que, não conformado, seguiu o pequeno vendedor de

ovos e não pôde evitar quando, de tão feliz, o menino se meteu na frente de um ônibus?

Era um dia ensolarado e, no asfalto, jazia uma criança, diante de flashes, câmeras de televisão e olhares curiosos. Até que todos cansaram e foram embora, ficando somente um homem com uma sacola a tiracolo de onde retirou um trapo que cobriu a cabeça de onde escorria massa encefálica. A seu lado, velando, estava um cão sarnento.

“Chegou a ambulância!”, um moleque veio anunciar sem necessidade alguma, pois a sirene soava. Sem necessidade alguma, pois o que restou do vendedor de ovos se resumiu a um corpo com cabeça desfigurada. Um corpo que vestia um shortinho imundo com uns trocados no bolso.

Quem é este por cujo rosto escorre um rio de lágrimas incontidas? E ainda alguém da ambulância lhe pergunta: “Você era o pai dele?”. Ele nada respondeu. Ele se recusou a responder, pois qualquer resposta não mudaria absolutamente nada.

Então chegou o pai torto com a mãe fazendo alarde. “Meu Filho! Meu filho!”, ela gritava. Não era um grito de dor. Era um grito de culpa, quase vergonha. Era um grito que insultava o homem que chorava.

Ele virou as costas e foi embora. Foi chorar em outra freguesia.

Quem é este homem que passa cantando pelos corredores da universidade uma estranha música? Quem encontrará seus olhos? Quem entenderá suas lágrimas? Para quem mais servirá os trapos que carrega em sua encardida sacola?

Não podia ser como ele queria: em cada canto, um lar, em cada lar, uma alegria. Ele não tinha canto, nem lar, tampouco alegria, e fazia do som de cada momento, um lamento. Todavia ele nunca esquecerá o som daquele dia.



# O décimo terceiro cigarro

*Rayane Clícia Ataíde*

Peguei mais um cigarro na carteira esfumaçada. Era o meu décimo segundo daquela noite. Saboreava cada tragada com a leveza de minha insana juventude.

Meu celular vibrava de vez em quando anunciando uma chamada continuamente rejeitada aquela noite. A mesinha de centro da sala estava cheia de cinzas de cigarro e de um pouco de vinho que derramei.

Ouvia músicas que tilintavam na minha cabeça misturadas a lembranças ininterruptas. Tentei formar letras com a fumaça do cigarro como a lagarta de Alice, mas apenas via formas indefinidas que saíam pela janela de onde vinha o vento frio do inverno.

Nevava. E eu estava vestida apenas com um moletom velho e uma calça de algodão. Todavia, me sentia segura com o frio, como se absolutamente nada me pudesse atingir naquele momento.

Minha taça de vinho trazia uma marca de batom. Nem parecia que há poucos minutos eu teria ido a uma festa não fosse a imensa vontade de me jogar do oitavo andar do meu prédio.

Levantei-me do sofá e fui à geladeira. Peguei um pote de sorvete que o Pedro havia deixado lá pela manhã ciente de que eu odeio sorvete. Peguei uma colher e liguei a TV onde estavam

passando programas baratos e sem sentido algum. Tomei quase todo o sorvete a colheradas lentas e irrisórias.

O celular não parava de tocar, o que me irritava. Deixei o pote de sorvete semivazio na mesinha e peguei o celular, não sem antes pegar meu décimo terceiro cigarro e acendê-lo com o isqueiro dourado.

Caminhei a passos nus até a sacada do prédio e fiquei olhando o movimento da rua. Poucos carros passavam por lá, afinal, já passava das três da manhã.

Tirei o moletom lentamente e a calça de algodão também. Toquei meus seios por cima do sutiã sentindo arrepios a cada curva. Tirei-o. E por último a calcinha cor de vinho. Vi-me completamente desnuda na sacada do prédio. Apenas com um celular na mão direita e o décimo terceiro cigarro na esquerda.

Não sei se alguém me viu. Mas isso nem importava, afinal, eu morreria agora.

Acabei de fumar o último cigarro da minha vida e larguei o celular no chão da sacada. Ele já não tocava mais. Desistiram de mim, afinal.

Debrucei-me sobre a sacada e fiquei sentindo o extremo frio em meus ossos frágeis. Eu só sentia aquela fragilidade humana barata. Eu era uma Verônika de Paulo Coelho, por isso me joguei do prédio.

# O pássaro amarelo

*Ives de Oliveira Souza Júnior*

Dia apressado era o meu. Acordar cedo. Levar as meninas para a aula. E depois a esposa ao emprego. E por fim chegava eu no trabalho. Ofício difícil e estressante. O sinal do relógio avisando o meio-dia era minha redenção. Saí do prédio da Receita com muita agilidade. Naquele dia, optei por não ir almoçar com os colegas. Queria me sentir só. Fui àquele restaurante à margem do rio. Distante do centro da cidade, famoso pela badalação nos finais de semana, mas sempre ermo em dias produtivos. Sentei numa mesa bem ao lado do parapeito, para ter uma visão ampla e limpa da paisagem. Pedi uma moqueca de peixe. Comi e me satisfiz. Ordenei ao garçom que me trouxesse a conta. No mesmo momento em que ele entrou na cozinha, um rapaz que ocupava a única mesa além da minha, levantou-se e foi embora. Sem companhia, instantaneamente, me senti encolher naquele espaço que era tão pequeno, mas que pra mim era tão grande. Olhei para um esteio ao meu lado. Percebi um pássaro pousado. Um lindo pássaro amarelo. Tinha uma crista, um bico longo, e suas asas eram rajadas em preto e branco. Nunca havia visto aquela espécie, eu, um curioso na observação de aves. Fiquei a contemplá-lo. Ele, como que sentindo que alguém o olhava, retribuiu, fitando-me nos olhos. Assustei-me com a atitude dele. Instantes se passaram.

Os dois ali, parados, apenas trocando olhares. Olhares penetrantes. Uma impressão. Eu já conheço essa ave. Uma sensação. Essa ave me conhece. Um casamento místico através de olhos. Senti um profundo prazer dentro de mim. E sei que o pássaro também sentiu. O garçom chegou. O passarinho voou. Meio entristecido, deixei o cheque sobre a mesa, e fui direto para o carro. Não conseguia tirar da cabeça a imagem do pássaro e seu amarelo vibrante. A mente fervilhando em ideias. Cogitei a possibilidade de passar a tarde toda lá, de voltar nos próximos dias, de me hospedar no hotel ao lado do restaurante. Num repente lembrei que tinha de buscar minha mulher no trabalho. Um choque no parabrisa dianteiro. Abri a janela. O corpo do pássaro amarelo caído no chão.



# O último pulsar

*Schirlei Stock Ramos*

O tiro havia atingido o meio do peito. A luz do sol cintilava o vermelho da carne e da sangria que se espalhava pela calçada escorrendo pela rua e reunindo ainda mais curiosos. No chão, envolto em sangue ele conseguia ouvir o burburinho das pessoas dizendo: “bem feito, deixa ele aí”. “Aqui se faz, aqui se paga”. “Bandido, teve o que mereceu.”

Ali, deitado com os braços estendidos, sofrendo à espera de socorro, o assaltante oscilava entre a vida e a morte, entre o céu e o inferno. Tudo acontecera tão rápido. Da decisão do assalto até a chegada da polícia. A troca de tiros, a adrenalina da fuga e por instantes a certeza de que a fuga era certa, mas foi interrompida pelo estampido, seguido da pressão da bala que lhe atravessou as costas, saindo no peito. Tudo tão rápido e agora aquele lapso temporal, que a alma turva já nem conseguia mensurar.

Os olhos pesados esforçavam-se para focalizar a luz, quem sabe veria um rosto conhecido, alguém para quem pudesse apelar. Mas os olhos pesados mal conseguiam ver o povo que zombava e falava coisas sobre o criminoso. E assim, além da humilhação daquela hemorragia fatal, naquela circunstância vexatória, sabia ainda que tinha que suportar o peso daquele estigma. Era ladrão e carregara esse peso por onde quer que tivesse andado.

Oscilante, sentiu que sua vida estava em declínio. Que as constantes escolhas criminosas ao longo dos anos teria seu tributo e o acerto seria ali, não haveria remissão. Sentia-se cansado, humilhado. Já não tinha mais ilusões, desvaneceram-se os sonhos e isso já não era de agora, não era consequência daquela situação. A vergonha de estar ali, em condição de miséria humana e o medo do que estaria logo por vir, agora que seu corpo era um ancoradouro de morte o fez querer, por breve, entender como ficou desfigurado e arruinado daquela forma. Como chegou a isto? Como veio acabar assim.... Seu único leito a calçada e como companheiros somente aquelas pessoas que zombavam e julgavam justo seu sofrimento.

Não teria ele sido um dia uma criança para sua mãe? Não teria nunca tido brinquedos infantis? Não teria brincado com o barro, ou corrido nas ruas? No entanto, agora, jazia à beira do abismo, no limiar da vida, com a morte em seu encalço. Era, ali, um flagelo humano em uma calçada suja, onde inerte, desprovia-se de memórias do passado e de esperança para o futuro, restara-lhe apenas a tortura do presente, um pesadelo de enorme terror.

Não sabia mais quem fora, não sabia mais o quanto roubou, ou quantas vezes teria roubado. Não conhecia as pessoas lesadas, tampouco os motivos que o levaram a roubar, sabia apenas que era um ladrão. Conseguia, porém, lembrar-se da expressão de algumas vítimas, do medo expresso nos olhares e o quanto isso lhe foi, por tanto tempo indiferente. Conseguia lembrar-se de algumas mulheres, de quem a dignidade, por vezes, também ele lhes roubara. Compreendeu em meio à oscilação e ao pensamento débil de quem já agoniza as zombarias e provocações do povo curioso que o cercava. E mesmo seu coração de ladrão ressentia-se de estar ali, dilacerando-se, de alma faminta. Daria tudo por mudar sua condição.

Veio-lhe à mente, já perturbada pelo pavor do fim iminente,

à expressão de sua mãe, que agora lhe parecia de olhar tristonho. Será que sempre teria sido assim? Enquanto a mente rodava em devaneios, recordou-se também dos poucos anos que ficara na escola. Sua infância fora por muitas vezes pisoteada e com isso sua parte sensível já morrera antes. Lembrava-se dos dias trocados por noites que nada teriam lhe rendido na vida. Lembrou-se de madrugadas de solidão nas ruas, que não voltou para casa por vergonha e desprezo por sua própria vida. Entre lampejos e lembranças desconexas, agora tinha a certeza de que um dia fora sim criança, fora jovem e que tivera em sua vaga existência momentos em que poderia ter feito outras escolhas. Agora, talvez, tardiamente se dava conta de que tudo sempre fora uma escolha.

Com um último recurso de autonomia humana, tentou mexer o corpo, que imóvel já quase sem utilidade, tentava ainda resguardar a alma que já tentava desprender-se dele. Com o corpo insensível, lembrou-se então de um afago, sabia bem como era, já havia sido acariciado, mesmo sendo um bandido também, um dia gostara de alguém e de coisas que lhe pareciam melhores das que ele havia escolhido para si até agora.

Ao ter consciência de sua condição, lhe custava agora mais dor lembrar-se do passado. Não importava mais a digressão ao ponto de onde teria partido até chegar ali, naquela condição degradante de homem frustrado, ferido, zombado por estranhos, pois sabia que qualquer balanço de sua vida não seria bom. Atrás das barreiras que ele havia criado ao redor do coração, irrompeu uma onda de arrependimento. Queria poder voltar atrás. Daria tudo por refazer a vida, por recobrar as forças de seu corpo já inútil, mas sabia que somente a dor que sentia, ali naquele momento, não seria suficiente para cancelar o débito moral de uma vida inteira desperdiçada.

A tristeza de externalizar todas as suas emoções, ali, sob os

olhares dos curiosos, o deixava com uma expressão contorcida de dor, o corpo, porém, era inerte, insensível, anestesiado. Corria-lhe uma lágrima amarga que lhe turvava mais a vista. Desmanchava-se em choro solitário, convulsivo, um choro de quem falhou tão miseravelmente. Nas poças de lágrimas ainda nadavam algumas recordações. Chorava por sua vida. Chorava por si mesmo.

Por um momento, sentiu os lábios ressecados, teve sede e o corpo, antes nulo agora parecia pesado ainda que estivesse estirado no chão. Nessa hora ouviu o barulho da sirene da ambulância que se aproximava. Novamente seus olhos se turvaram. Mais lembranças vieram à tona. Recordara-se de que quando menino gostava de ajudar sua mãe com os afazeres de casa. Porque parou de gostar? Sente espasmos no peito e estão cada vez mais frequentes, o sangue escorre molhando a sujeira da calçada. A ambulância chega.

– Consegue me ouvir, senhor? Foram as últimas gentis palavras que ele conseguiu ouvir, pronunciadas não por alguém que ele amava, mas por um estranho, ainda que solidário, um estranho do qual suas vistas já não podiam enxergar. Queria responder, mas a força lhe faltava e as palavras não rompiam a inércia dos lábios pálidos. Sentiu o corpo ser arrastado, por entre as pessoas que assistiam a cena. Queria abrir os olhos ver a luz do mundo, tentou respirar profundamente, mais uma vez, mas seu corpo já não lhe respondia, e a luz derradeiramente se apagava.

As pessoas que ali estavam nada sabiam acerca daquele criminoso. Não sabiam quantos crimes ou a carga de culpa levava consigo. Era um criminoso como tantos. O ladrão, mesmo quando os olhos já estavam esmorecidos pelo horizonte febril de morte, apenas sabia de si, que era um filho obstinado, cuja mãe teria o coração partido e cujo pai há muito já teria perdido as esperanças nele depositadas. E antes que seu coração desse o último pulsar quis

ainda resgatar na essência de seu caráter, ideais de amor e justiça, ensinados em algum momento de sua jornada desastrosa.

Quando a ambulância partiu, os curiosos começaram a se dispersar e a rua, aos poucos, foi ganhando ares de normalidade. Um homem que trabalhava em frente à calçada, jogou um balde d'água no sangue ainda morno, dissipando vestígios de qualquer agonia ou dilaceração. Enquanto a água lavava a calçada, tornando a rua novamente um cenário tranquilo, no ar ainda pairava uma sensação de que para aquele homem, ali, naquele momento, pilares de amor e justiça projetavam-se abstratos entre o céu e a terra, um lugar onde fatalmente toda a humanidade será, um dia, confrontada.



# O último romântico

*Tércio Heitor de Sousa Moreira*

Guardo parte do meu romantismo em um pote de manteiga, e todas as manhãs ele corriqueira na ausência ou na presença cafeína. Mas não se engane; esse não é o início da história.

No início, o romantismo era levado na aba do chapéu, e por vezes me caiu na tentativa de um voo inesperado. Eu era novo, ele, malcriado.

Achei melhor, portanto, levá-lo no bolso e lá e cá em um tempo ameno apresentava-o. E por vezes foi medrosamente exibido. E quem com interesse o olhou não tardou logo a esquecê-lo.

Então o guardei em uma caixa de sapatos no fundo do armário. Vieram pessoas e me disseram – é frio e cafajeste. Tempos a fio conheci ao meu redor pessoas que andavam descalças por natureza, outras que também guardavam caixas no fundo do armário, embaixo da cama ou no sótão, e ainda outras que há muito já haviam se desfeito do paralelepípedo de papelão. E vivi por muito tempo acreditando saber o propósito de se ter uma caixa de sapatos.

Até que um dia veio alguém de longe e, sem que eu visse, vasculhou meu armário, abriu a caixa de sapatos e, vislumbrada, cuidou do que estava dentro. De fato, por meses isso se repetiu até que ela voltou de onde veio e levou consigo o que guardava o papelão

em prisma do fundo do armário. Pouco tempo depois foi minha vez de arrumar minhas malas. Mudei-me sem caixa alguma.

Conheci novos lugares, novas pessoas. Até que um belo dia começo a receber cartas. Leio-as. São como instruções. Sigo-as e renovo a essência que antes guardava no fundo do armário. Porém, nem o destinatário e nem a remetente souberam onde e como guardar o tal conteúdo.

A essa altura, eu já tinha uma caixa e também um armário quando resolvi abandonar tal conteúdo próximo de uma escada. Ouço passos desajeitados pelos degraus, não tarda muito para que a pessoa de passos curtos desça. Então um tropeço acontece. A essência é espalhada por todo lugar, por toda a conversa, em qualquer bom dia.

Ao correr dos dias, das conversas, dos meses, eu percebo que ela realmente sabe o que fazer com o que outrora esteve no fundo do meu armário. Eu o espalho pelos cantos da minha casa, pelas minhas roupas, pelas minhas palavras e ela traz sua essência e a divide comigo. Mas parte do romantismo eu guardo em um pote de goiabada. Pois agora eu sei que caixas de sapatos só servem para sapatos.



# Os embalos da vida

*Charlos Alberto Cavalcante de Melo*

Hoje, quando subi no ônibus vi exatamente quatro pessoas com livros em punho, atentas, desconhecidas. Passei pelo cobrador e tentei naturalmente ver o que elas estavam lendo - uma curiosidade, até então, aceitável - mas como não pude parar para mexiricar me encaminhei ao assento no final do ônibus, e para o pesar geral, como também para não fazer de minha história à La José de Alencar - não encontrei nenhuma moça com vestido longo e perfume de sândalo. Sentei próximo à janela e comecei a pensar em leitura, livros e no ser humano, pois me espantei com o número de pessoas lendo num mesmo ônibus, pelo fato de não ser comum a grande quantidade.

Lembrei das minhas tardes de verão, em que desde muito cedo lia muitas revistas em quadrinhos, pois meu pai era dono de algumas bancas de revistas e sempre trazia os exemplares quentinhos e sempre fui estimulado a imaginar, graças à minha mãe com suas histórias que passavam a semana toda com os mesmos personagens e acontecimentos diferentes, lembro bem que tinha até teatrinho. Logo fui crescendo, seguindo a lei natural, e conheci a tão estimada literatura infantojuvenil, que hoje em dia é massacrada pelos “críticos” taxativos - e por muitas vezes pré/conceituosos amantes/mucamos da boa literatura, a chamada de Clássica, que muitas vezes é escrita

em caixa alta apenas para dar o tom de solenidade e respeito. Eles se detêm em caracterizar, pré conceituar e dar significados torpes a algumas obras contemporâneas que, às vezes, só porque vendem em número considerável são intituladas de best sellers e fadadas ao lugar comum, ou seja, obras mercadológicas, sem conteúdo, portanto de péssima qualidade. Mas é aí onde se esconde o perigo.

O problema é que muitas pessoas associam leitura à obrigação, quem não se lembra de ter sido atizado a ler um prazeroso Machado de Assis na hora errada. Logo, ela é sempre tratada como uma ponte para a intelectualidade, uma apoteose por meio da mente, e deixa de cumprir a sua função principal: dar prazer, abrir horizontes, indentificação, ou seja, fazer os símbolos girarem. É a mesma coisa de que olhar para um Van Gogh e pensar apenas na sua história e não deixar que a mente penetre a pintura, não deixar que a lágrima caia na face e se eximir a apenas saber seus dados, à la site de buscas. Ao passo que se proliferam os “críticos” que usam aquelas viseiras, usadas pelos cavalos no passado, pessoas de mentes abertas e perspicazes se impõem, sem medo de parecer demodê ou ignorantes aleatórios, ao afirmar que pra tudo há sua hora, motivo e intenção.

Normalmente as pessoas que têm seu primeiro contato com um livro na faculdade são as mesmas que autoengradecem e exalam ao mundo seu gosto pelos clássicos da literatura, deixando para os livros modernos/contemporâneos apenas a qualidade duvidosa, idéias previsíveis, lugares comuns e até ousam a enquadrá-los como sem relevância literária. Essas pessoas usam seus títulos acadêmicos (ou não) para depreciar obras literárias de importante bem para a humanidade, seja por seu teor literário ou pela mensagem que esta acaba incutindo no ser humano. Algumas dessas obras são como as obras da série de livros Harry Potter, as quais começaram a me embalar no início dos meus onze anos de idade, deixando meus

começos de noites mais felizes, juntamente com o Disney Cruj. Lembro que estudava à tarde e quando saía da escola não esperava a hora de chegar em casa para ler um livro de mais de 500 páginas – para quem foi habituado a ler livros infantis e HQ isso era um verdadeiro horror – que tinha como cenário principal uma escola e como personagens principais três crianças da minha idade, mas que por trás daquela fascinação toda que aquilo me causava tudo sempre teve um motivo, uma mensagem por trás. Ideais em que hoje acredito estão enraizados nos livros como os de J.K. Rowling (autora da saga Harry Potter e de outros livros). Ela com maestria soube conduzir uma saga de sete livros surpreendentemente, deixando por trás de tudo mensagens de amor, amizade, perseverança, altruísmo e fé em si próprio e no outro. Sem dizer que prende a atenção do leitor por horas, que passam rapidamente, de maneira tão leve e desvencilhada de pretenções que não tem como deixar de ler, assim como a leitura de muitos clássicos.

Muito desses filósofos sociais ainda ousam citar o nome de J.R.R. Tolkien em suas críticas mal fundamentadas, demagogas e pobres (de espírito) que mesmo em trabalhos acadêmicos não saem dos muros de suas faculdades ou das suas rodas de conversas mentecaptas. Pois bem, existe literatura para todos os gostos, horas, de boa e má qualidade, que cumprem ou não seu papel, mas fugindo do lugar comum de “pelo menos estão lendo” temos que ter uma noção de mundo de que uma criança comum não vai ter grande tendência a ler Maupassant, Kafka ou Dostoiévski que são literatura de qualidade mais trabalhada, contudo não caí ao gosto de todos. Poderá até um dia cair, porém em outra situação, outro momento. Pessoas que deveriam estar exaltando o bem-estar, prazer ou felicidade ao ler estão presas à dicotomia “bom e ruim” e acabam deixando seu caminho seguir em uma só direção, para um só lugar.

O que me conforta é que *Drácula* de Bram Stoker, quando foi lançado, não foi bem aceito, hoje é um livro que nos dá uma aula do que é literatura. Não que alguns Best Sellers tenham chances de chegar aos pés da obra desse escritor irlandês, todavia, generalizar comumente é cair num erro. Por isso repensar é preciso, conhecer antes de atacar, assim como um guerreiro vai à batalha, conhecendo antes de fadar o inimigo ao fracasso.

“Hoje, estou colhendo os resquícios do meu verão, construindo uma mente para primavera, não pensando no outono, quanto mais no inverno... sem me preocupar com as mudanças climáticas”.

# Pedágio identitário: uma experiência na escola da rua

*Auricélia Silva Monte*

Precisava-se daquilo, era manhã tarde, e as identidades desfilavam ao deslizar na pista *Zygmunt*. Cada nova abordagem um *bum Baumantico* se desvelava, e a fragmentação liquidada se desdobrava, e nova formação instável se velava. Nessas terras americanas de pedintes vários, éramos mais alguns ultradesiguais contidos numa publicação bakhtiniana não reconhecida. Os sentidos distintos afloravam em momentos pontuais de conversas com os outros e em conversas sem os outros, mas com eles. Com esse vaivém o coração ansiava por respostas e o cérebro sem entender transmitia emoção em círculos nodais - o porquê da indiferença dos iguais.

Lá circulava bastante Real de Ficção, ao toque da unha no espelho escuro do carro surgia um sinal, um sim ou um não e, sim e não. Muitas foram as moedas servidas com um sorriso, mas também muito inchaço na garganta quando a mão estendeu vinte, mas o olhar não fora dado.

O pedágio das experiências identitárias que se revelam e se transmutam, e se revelam e se transformam, e se revelam e não se fixam, olham-se, negam-se, assustam-se, calam... silenciam...

A vastidão de desejos que se cruzam e se atrapalham na corrida desse dia, não permitia a visualização do real para todos, na faixa

sufocada a dizer: Pesquisa no Brasil se faz assim: Pedindo!

Nesse dia voamos como pássaros às vezes estáticos, mas mudamos, porque a visão de repouso permanente nos assusta, daí preferimos ser dinâmicos como os dois reais jogados da janela do carro gentil, que voou... voou... voou em meio a tantos outros carros em movimentos apressados, mas chegou ao destino de nosso bolso envergonhado.

Já se foi... lá foi o dia e agora não somos mais eus, somos outros... somos outros e eus. Somos nós, sujeitos voláteis na liquidez identitária do real brutal que experimentamos.

Amanhã é outro dia. E agora!?! Somos mais.

# Relances vindos da floresta

*Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira*

Ainda estava escuro quando ele acendeu o cigarro. A fogueira liberava faíscas enquanto nos aquecia. Estávamos no coração da floresta amazônica, tropical e úmida, com seus sons e imagens, cheiros e mistérios.

Ele começou a falar: - Quando um povo estava todo vivo aqui, numa hora dessa, todo mundo se banhava no rio, crianças, jovem, velho, casal, todos. Depois pintavam o corpo com urucum e o dia começava. Ninguém usava roupa. Isso não existia. Eu não esqueço nem um dia do meu povo. Eles estão comigo. Lembro dos olhos, dos rostos, das mãos, dos pés, das costas deles.

Passei o dia refletindo sobre aquela conversa. Quanta saudade havia naquela voz, quanto lamento também! Não poderia ser tudo diferente?

Aquele lugar estava impregnado dos ecos da tradição de muitos milhares de anos. Suas lendas claramente relacionavam-se a eventos geológicos que haviam ocorrido há muito tempo. Suas histórias, lugares, cerimônias, cantos estavam cravados ali.

Difícil era lembrar o mundo que eu havia deixado para trás. O mundo da sofisticação acadêmica, da confrontação e da intriga.

“-*Imã kaprã!* Licença! Boa noite! Qual é a janta aí?” Comer

junto era sempre uma boa ocasião para aprender. Me perguntou: “-Quantos irmãos teu marido tem?” Respondi: “-Três.” “- Então está bom, quando marido sai, não fica só, eles ficam contigo e cuidam de ti.” Assustei-me com aquela declaração e fiz meu discurso: “-Não. Não posso deitar com os irmãos do meu marido.” Ele me olhava assustado sem acreditar no que ouvia. Na cultura dele era assim.

E ali estávamos mais uma vez, empacados pela diferença cultural. Não havia o certo ou o errado. Havia a diferença apenas!

Mais uma vez meus pensamentos me conduziam para distante dali confrontando a minha verdade com a verdade daquele povo. Tohina! A diferença era patente no sabor da culinária, na poesia, nas danças, na concepção do mundo e da vida. E eu representava o colonizador que contribuiu para a destruição da floresta e daquele povo! Será que era por isso que eu não parava de pensar e de me maravilhar com as recentes descobertas? A necessidade de um povo dominar o outro explicaria os tantos problemas existentes entre esses povos como a luta pela terra, pelos direitos de preservarem seu espaço sem inundação? A dominação, na verdade, operava em todos os sentidos. Afinal eles eram a minoria política. Será que precisavam desaparecer só por isso? Ou essa era a ordem natural das coisas?

Não, não podia ser. Ali havia sonhos, cultura, riquezas, conhecimentos. Não poderíamos simplesmente ignorar tudo isso e admitir que o espírito colonialista sobrepujasse a vida! Era preciso fazer jus ao espírito da união de todos os povos face à Mãe Terra.

Havia tanto a aprender, tanto a absorver e tanto a trocar com eles. Por que preferir o etnocentrismo, a vida sem alteridade, sem admitir o diferente?



# Sob a luz do candelabro

*Wilson Max Costa Teixeira*

Celebrações embebem os céus em minhas horas crepusculares – cheias de sombras, cheias de luzes. Pena que não haja um coral de anjos alados entoando glorificações na hora em que me acode ter visões celestes como as que tenho ante as escrituras sagradas. As nuvens iluminadas pervagam com aquela habitual efemeridade, parecem-me novilhas que algum pastor perdeu – mas só existem assim em meus devaneios. E eu, saindo do torpor das névoas, desvencilho-me da cadeira pelas estantes; tomo o livro, acendo o candelabro e vou a folhear as páginas iluminadas desse halo cambiante; e sem dar por isso, a claridade e a sombra se alternam desvendando o sentido de cada letra do velho texto. Nestes lances divinais que a delírio não desmente, afaçam-me as imagens que me deixam embevecido. Vejo ruínas, vejo a terra adusta e o Cristo soerguido, segurado pelos braços, desmaiado ao madeiro; enquanto isto, Satanás – sentado muito quedo nalguma montanha azebre – joga pedrinhas lá do alto para distrair-se. Os demônios sempre me pareceram uns vadios, nada fazem: uns se coçam, outros deitados sobre a relva perturbam alguma gente viva. Tudo corre calmamente: o céu, a terra, alguns romanos brincando com dadinhos. O Cristo soerguido, pregado ao madeiro, teve um dos flancos corrompidos ainda há pouco porque um moleque desajeitado,

o que trazia as armas de um soldado romano, tropeçou numa pedra e enterrou sem querer a lança no defunto; mas não há importância, que o corpo morto já está bastante aniquilado; as mãos e os pés já os dilaceraram os martelos na hora da crucificação, mesmo o seu rosto deformou-se como qualquer coisa depois de morta. Satanás ainda joga pedrinhas do alto da montanha; faz caretas de tédio; (o sol morre por entre os montes); Satanás deita-se, enfarrusca-se voluptuosamente pelas pedras, mal disfarçando o priapismo que o acomete sempre ao fim da tarde; põe-se de bruços, o pelame vermelho empoa-se; bate-lhe com a aragem uma sonolência enquanto se estorce pelas pedras, mas não esconde uns olhos travessos ao ver um carneiro que bale numa encosta. O Cristo, já o levaram à cova de um tal José, natural de Arimateia; lá enfurnaram o defunto exânime.

# Última página de um romance - vida

*Fernando Jorge dos Santos Farias*

## LXX

Amarelada na parede a folhinha marca 1979. O universo carioca com um crepúsculo triste, chuvoso, em tom cinza desmaiado, não entende a despedida de Dalcídio. Incontrolavelmente, o vento só aumenta o seu bufar, também em desalentos. O sol com um brilho acanhado esconde-se atrás de nuvens pesadas, inibidas, ensopadas em um choro juvenil, preso, pressentindo a ausência do pai. O Rio como um todo, abruptamente, molha-se em chuva-choro, lamentando o repouso eterno do operário do romance amazônico.

E a quietação tem data certa. A última página de sua saga revela o dia 16 de junho em semblante frágil, fastigioso, cheio de um friúme como quem recebera a visita fulminante de traças e tende a esfacular. A corrosão do tempo imprime nesta lauda as marcas do cansaço, desgaste total, e comprometimento, até no derradeiro momento, com as imagens simples e angustiantes, de sua terra. Como artesão da palavra, o romancista do Marajó na última folha de seu Romance-Vida, necessita de sua ferramenta em punho, e assim, em sacrifício, sangra o papel com letras vacilantes, gagas, porém impregnadas de sinceridade:

*O último grão de sanidade está para cair nesta tarde de gelo e vermelhidão no campo violeta onde os porcos fuçam silenciosamente. Assim os arvoredos distantes se cobrem de anil, bois antigos muregem dobrados na campina seca.*

O corpo, jito, anuncia, que precisa dormir. Eternamente. Há (des)conformidades com o fim. É rebelde, movimenta-se por entre linhas trêmulas, um também trêmulo curiboca velho de 70 anos de idade, pensamentos confusos, encharcados em um paraensísmo imensurável e uma sajiqeza, engelhadamente teimosa, em viver. Em um ambiente pinclado de azedume, o escritor paraense sente-se capenga, passarinho tonto a cair, em campos cinzentos e queimados, iguais aos de Cachoeira. Os olhos miudinhos e vagos, insistem em manterem-se vivos e a focar a sensação doce e ingênua e injusta que é o viver. Em um breve instante o homem simples da província sente a vida risonha, franca e luminosa, nunca vivida em inteireza. A enfermidade o torna desamparado, inquieto e vítima de suas fragilidades.

O relógio na parede, pinga, as horas que escorrem, escassamente, concordando com o peito em contração distante, amarga e fraca do escritor. Suas ideias fogem como porco-do-mato em disparada...e ele, sujigado pela “alta literatura”, arrasta-se e as persegue. E se antes se viu inundação, agora, árvores e nuvens e brisas e águas. Param. Um assobio fino e melancólico da morte rasga o silêncio e convoca a presença do aruaná que boia sem muito entender. O chincoã espreguiça-se em um toco molhado e, banhado em frieza, contempla o gavião-coré que sobrevoa aquele homem judiado, e com seu canto agourento, anuncia que eivém o pior. Dalcídio, ciente da coerência testemunhal de sua obra, desabota um amarelo feixe de sorriso e repousa em planície comum, nos campos da imortalidade. A pouca consciência vacilante no ar observa vida aos olhos da posteridade. A luz se põe e o corpo precisa dormir. Sumariamente, esgota-se o

cálice de sua existência. A doença ceifa, de vez, sem nenhum pesar e com grande faturamento, a vida do marajoara que repousa, singelamente, agasalhado pelo Rio. Chega ao fim a saga, ilustremente sofrida, do escritor tipo bicho de concha. Este, em outros tempos tronco de acapu, agora, avista-se derrubado pela lei natural da vida, porém, observa-se eternizado no pensamento gapuiado na luta dos homens e lugares-comuns: mariscadores, chão de aninga, porto de pescadores de tambaqui e pirarucu...

Em meio a um imenso vagalumeio que surge, avista-se sair do coração sapopema do escritor d'água os personagens criados por ele. Feito partida de santo, acenam, em despedida, para seu criador, que se recolhe em sua concha. Acaçapa-se. Muito provavelmente, voltara o índio sutil ao interior de seu carço de tucumã.



# Uma solução imaginável

*Adriana Cunha de Moraes Santos*

Arrumando os jornais velhos da estante, deparei-me com inúmeras notícias no caderno de política sobre as pilantragens de nossos representantes do Executivo e Legislativo, entre elas, uma mostrando um prefeito de um município do Pará, flagrado com “a meia na mão”; expressão que eu inventei, pois pedem esmolas (propinas), e guardam na meia (a cueca está fora de moda). Folheei sem prestar muita atenção aos detalhes. Sabemos que se tornou rotineiro a esperteza desses político e o que nos parece é que nada vai mudar.

De repente, cansada de dobrar os vários jornais, sentei no sofá da sala e fechei os olhos. Era como se estivesse sonhando, imaginei uma solução de acabar com esta escancarada roubalheira. “Vi os políticos sendo convidados para um safári na África, cada um recebendo das mãos de um de seus inúmeros assessores um envelope com o convite e as condições da viagem. Teriam que levar seus suplentes também. Eles não poderiam, por hipótese nenhuma, desviar as passagens de avião para os parentes, sob pena de multa e o não comparecimento à viagem significaria execução sumária, quero dizer, exoneração do seu cargo. Fiquei imaginando a preocupação deles em chamar seus marqueteiros para poder exibir seus melhores personagens. Uns

representariam os ursos selvagens, na verdade queriam ser os pandas porque são mais carismáticos, mas estes são chineses, Outros, os elefantes, com todo aquele porte, representando força e poder. Alguns se contentariam em representar os alces com toda sua magnitude, pose e aparente inocência; na verdade são espertos apesar da frágil aparência, e têm aqueles que preferem os veados, afinal lembra o Bambi, um personagem cheio de beleza e majestade. Os suplentes, loucos para destruir a imagens de seus colegas, levam, na maior, malas e botas de couro de jacaré. Falsos ambientalistas! Está bem, o que importava mesmo era reuni-los em um só lugar.

Chegando na África, um chefe de cerimônias, exibindo um olhar irônico, os acompanharia até um hotel, um tanto luxuoso. Sorrindo, meio amarelado, explicaria:

- Sejam bem-vindos, se instalem e almozem. Às quatro horas iremos para um passeio, conhecer os animais... selvagens.

Às quatro, todos a bordo de jipes alugados seguiriam até o lugar onde encontrariam com os selvagens animais. Na reserva dos leões seriam convidados a descer, prometeriam segurança, mas numa distração os guias e motorista se retiravam deixando aquelas carnes podres como banquete para os pobres leões. Imagino a cena: Os representantes dos ursos tentariam correr, mas de tão lentos e pesados acabariam sendo os primeiros a ser abocanhados. Os que representavam os elefantes, pesados e sugadores, correriam balançando suas trombas, mas sua força e poder não seriam páreo à desenvoltura sangrenta dos esfomeados leões. Os alces tentariam se proteger com seus enormes chifres, tanta pose e magnitude, tentariam em vão subornar os seus algozes:

- Prometemos a vocês que será proibida a caça de animais, não poderão guardá-los em jaulas.

Acabariam sendo destroçados pelas garras e dentes afiados das



feras. Então aqueles que escolheram os veados dançariam exibindo um balé magnífico, tanta delicadeza e beleza terminariam no último ato: boca dos leões.

Enfim, eu voltaria para o Brasil e encontraria o país todo desorganizado. Exigiria uma nova eleição, só que nenhum político ficha suja participaria, e muito menos os que estivessem respondendo algum processo, pois nenhum político é condenado aqui porque a Justiça é lenta, cega, muda e aleijada, pior é mendiga, vive de esmolas. Quem dera ganhar tanta esmola... Mas no final da eleição voltariam os políticos “olha para o umbigo” e nada fariam para consertar o Brasil. Iriam utilizar a meia soquete para carregar as propinas, afinal ela é mais discreta. De nada adiantaria tentar dar fim aos políticos ladrões se não educar o povo, ele não sabe votar. Passam a vida toda em filas de hospital, sem pelo menos um lugar decente para morrer (morrem nos corredores ou na porta dos hospitais). Vivem utilizando-se de jornais, rádios e televisões agora até internet para reclamar da violência nas ruas, dos alagamentos e buracos. Fazem passeatas, trancam as ruas queimando pneus atrapalhando o pobre de trabalhar (porque os políticos têm helicóptero) e esquecem que foram eles que colocaram seus representantes no governo. Outra eleição, voto errado, dinheiro na meia, povo reclama e fica tudo na mesma.

Abri os olhos e concluí que de nada adiantaria alimentar leão com a carne estragada dos governantes e representantes do Planalto, talvez não exista solução. Recomecei a dobrar os velhos jornais agora só relia notícias de shows, cinemas, livros e novelas. Quem sabe a ficção é mais interessante. Comecei a ler um artigo sobre extraterrestres. Peraí! Encontrei uma solução! Vou mandar todos eles para Marte. Quem sabe lá não exista cueca, meia...



# Voltar é sempre partir

*Maria de Nazaré Barreto Trindade*

Vinha caminhando pela rua sob um sol de 40 graus. Nenhum espaço a sua frente tinha sabor de saudade. Esperava contar com sorrisos e lágrimas. A volta é sempre partida. Num ínfimo tempo, aporta à janela de Maria. Está só. Vasculha galerias das lembranças em busca de uma sentimentalidade que está perdida. No escuro, no frio e escuro porão sombrio de sua memória. Vê um rosto. Cabelos soltos ao vento.

Espaço desdobrado em cores de antes.

Perde o sorriso. Sob lentes desfocadas aguarda a primavera. O outono já chegou. E trouxe consigo certezas do cinza. Ri-se da agonia, ri-se do medo. O asfalto parece queimar-lhe os pés descalços. A agonia prevalece sobre a dor. Onde foi Maria? Qual estrela que se findou. Procura entre pedaços de guardados, cheiros, fantasias, sabores de noites mal dormidas, exalantes perfumes sobre a esteira de vime. Candelabros sufocantes que amaciavam a noite com finas luzes. Passa a mão na tez reluzente de uma foto amarelada. Descaminhos.

Sobrou nada. O vago silêncio de outrora, quebrado pelo murmúrio da rua. O escaldante rei que toma todo o espaço e finca sua espada de raios na face macia. Caminha em direção da porta. Quebrada e suja.

Não é entrada, é saída. É caminho que não se deve fazer. Entra. O sofá da sala está banhado em mofo. Outrora divã de sussurros, cúmplice de beijos e de esperas. Agora, vazio. A parede guarda pedaços dos que se foram. Papéis amassados sobre a escrivaninha denunciam dúvidas, incertezas, amores findos, amores idos. Aguça os sentidos. Inspira fundo na direção da janela aberta.

O porto traz um cheiro de solidão e de mar. Logo o ar se enche de uma brisa morna que o invade até o mais profundo da alma.

Maria se foi... Deixou o rastro de um amor. Deixou pedaços de bem amar. Cantigas perdidas no espaldar do dia. E agora, sobressaem-lhe as marcas da vida. Olha para o vazio. Vê o mato, erva daninha que toma rasteiro cada pedaço do jardim de outrora. As onze horas fenecem, as margaridas desmancham-se. O girassol teimoso gira em busca... da luz. Procura vestígios. Pergunta a rua: onde foi Maria. O vento responde sussurrando-lhe ao ouvido: partiu, sem medo, sem demora. Levou consigo a alegria de outrora. A rua ficou pra trás. O porto ficou pra trás. O amor, já tinha partido. Agora, flutuava.







Contos





# Das manhãs sonoras

*Wilson Max Costa Teixeira*

Deus coçou o queixo, caiu farelo de pão; nesta manhã o velho demiurgo acordou atacado de achaques, só não fez descer fogo do céu porque a gente indesejável já se tinha ido; de soslaio apenas enxergou os anjos varrendo os areais – era hábito seu observar a criadagem que penava nos afazeres. Deus era mal-humorado pelas manhãs, tinha até o péssimo hábito de espetar com o seu garfo de ouro os insetos de carapaça brilhante por cima da mesa. E mesmo sendo Ele a emanção de todas as coisas, não podia evitar que alguma voz mais habilitada lhe repreendesse por trucidar suas próprias criaturas. Nesta manhã de hoje lamentou não ter uma pedra à mão para sacar num passarinho que lhe interrompia o silêncio dos anjos trabalhando – eram esses descuidos de Deus que chamavam sua grande misericórdia.

Agora que ficara velho e comia na mesa da cozinha, olhando pela porta detrás, não atinava direito para conversações nas primeiras horas do dia; enterrava o pão numa tigela com leite e levava à boca, sem pressa; só interrompia a frugalidade de seus gestos quando a cozinha dava pra ficar muito suja, atraindo as moscas, que lhe atazanavam os ouvidos e caíam em seu leite frio; nestes dias Deus gritava, transformava alguém em estátua de sal, soltava relâmpagos pelos corredores para reclamar da criadagem. Zangava-se também quando lhe adoçavam demais o leite, porque atraía abelhas, sempre

elas, impertinentes e doces; mas quanto a isto Deus não reclamava sinceramente: enquanto elas vojavam, zumbindo por cima da mesa, Deus fazia com que viessem até o halo de sua presença para pousarem em sua boca; e sem que ninguém o visse fazê-lo, o Criador, meio que distraído, ia empurrando com as pontas dos dedos uma a uma, sem pressa. Era com razoável satisfação que o Altíssimo ia mastigando a carne doce e tênue dos insetos; mas dos bichos que lhe aferroavam a face, Deus não mais se importava.

Enquanto Deus comia por cima da mesa, uma criança engatinhava perto duma pia de louças por lavar, era um menino de bunda suja que brincava com o globo de vidro azul de atas douradas; ele arrastava a esfera com as mãozinhas, empurrava-a com força para longe, e a esfera corria saltitando, riscando o chão de cerâmica entre chispas, bulindo com os pés do Todo-Poderoso. O globo batia nos cantos das paredes e se quebrava em milhares de vidros estilhaçados... O menino se ria todo. Mas, de súbito, a esfera de vidro azul e atas douradas se refazia milagrosamente para a traquinagem do Filho Eterno e desgraça da quietude. Outro dia o Menino Deus irritou o Sagrado: o Primogênito, engatinhando por debaixo da mesa, encostou-lhe inocentemente o sexo úmido enquanto brincava com a esfera; Deus irritou-se, lançou um raio que fez brilhar a cozinha inteira chamuscando os cachos dourados do Deus Filho, que chorou para zanga do Velho.

Deus não suportava a idade da infância, apenas se tinha feito menino para não lhe chamarem caduco, ou rabugento, palavra que vinha de rabujo e soava muito parecido a “rabo sujo”, o que lembrava Satanás e seus anjos. Mas era fardo sobre-humano aquela criança barulhenta de cueiros molhados a revirar a esfera azul pelo chão; fosse um menino quieto, não espezinhasse o Altíssimo, o misericordioso Deus não o teria dado à chusma de matadores.

Deus ficava mudo por cima da mesa comendo o pão com o

leite frio. Sentia um prazer imenso daquele som etéreo dos anjos varrendo os areais – o passar das vassouras na areia fina, que o vento movimentava incessantemente desde a fundação do mundo. Deus tremia de gozo com o ruído dos grãos descendo pelas dunas em remoinhos leves, o deserto de toda a criação se revirando como um corpo enfermo. Os anjos seguravam pela barra da estola, como a imitar mulheres de vestido: é que as charpas de suas vestes jamais deveriam tocar o chão, trazer um minúsculo grão de areia para a habitação do Eterno. Os dias deveriam ser assim, e se eles não varressem todo o areal até o findar das horas, o sol também não se recolheria para o cair da noite. Contudo, nem mesmo estes instantes de gozo perenal contentavam o Santíssimo por tantas interrupções inoportunas. As tantas miudezas, os psitacismos das aves, os escrofulosos mal curados, toda a sorte de infortúnio vinha pousar aos pés do Onipotente.

A mãe do Eterno, que passava os dias debruçada numa roca, costurando um manto que a cobrisse, o atormentava. A porta do pequeno cubículo onde a Virgem trabalhava era de carvalho negro, tinha trameças de bronze; abria-se ali o pequeno orifício da fechadura, por onde chave nenhuma passava; e por mais que lhe batessem à porta para fazê-la parar com a barulheira, a Virgem não podia ouvir, que ela mesma já vai idosa e surda na solidão de sua alcova. Deus se agastava por demais com o ruído soturno daquela roca batendo a desfiar barbantes, odiava aquele manto que não se acabava nunca de fabricar. Mas odiava, sobretudo, o cordeiro que baliava dentro do cubículo, o cordeiro de lã da Virgem.

Deus coçava o queixo olhando em torno. Aí segurava a tigela, bebia a papa de pão molhado, limpava a boca. As moscas que vojavam há pouco caíram por sobre a mesa, Deus as transformara em feijões torrados. As abelhas que andavam em sua face também sumiram. Os anjos penavam lá fora, e as trevas jamais chegavam. Mas agora

que a Virgem sossegou com a traquitana de fiar, apenas um gorjeio incômodo tornava a manhã imperfeita: era um passarinho desavisado que trilava irritantemente. A melodia da pequena ave acendia em Deus a cólera de sua ira: o Eterno rilhava os dentes descaindo os lábios, queria fulminar a ave estúpida; mas logo quedava deixando-se da apoplexia para cair em completo deperecimento; é que Deus há muito se tinha ficado catatônico – foram os séculos convivendo com as criaturas imperfeitas da criação. O passarinho, este sorrateiramente havia entrado pelos arcos das ogivas, daí o matreiro desceu ao Jardim Secreto onde o boneco de barro mija continuamente de cima dum chafariz; a ave mergulhou na fonte, gorgolejou na água, debicou um fruto proibido e voou até a rosácea aberta que dava para a cozinha de Deus.

A ave estúpida trilava melodias que irritavam sobremodo o Santo dos Santos. Naquela hora Deus lamentou não ter uma pedra à mão para sacar no passarinho; Deus olhou em torno, os cotovelos postos sobre a mesa, as mãos soltas, tateantes, como se estivessem a procurar algo; foi quando segurou um pão, que rapidamente se materializou num pesado seixo... Da manhã sonora não se escutou mais nada. O jardim calou profundamente pra os lados da cantoria. Passaram-se tempos sem que ninguém mais ouvisse outro pássaro; naquelas horas apenas um silêncio tumular e amplo esprou-se pela casa inteira envolvendo a criação, envolvendo Deus enquanto Ele comia. Foram assim os dias da velhice.

# Vozes do caos

*Mônica de Nazaré da Costa Pereira*

*Todos os dias, antes de dormir, fecho meus olhos e oro a um Deus que não sei reconhecer. É que ainda não o vi. Não tivemos nenhum tipo de contato, por isso não sei reconhecê-lo. E isso me incomoda, porque de uns tempos pra cá sinto que Ele anda me rondando pronto para me furtar algo que ainda não faço ideia do que seja. Ele anda me seguindo e eu não consigo saber de onde Ele vem. E nem porque vem... Eu tenho medo... Tenho medo de tudo que pode vir por trás. Tenho medo que Ele não resolva vir de frente para me roubar cara-a-cara. Tenho medo do susto e do incômodo de ser surpreendida. Queria que amanhã fosse um dia diferente. E que minha casa fosse diferente. Tudo aqui me deixa tão apagada... E magra. Estou só pele e osso. Ai Deus, não quero que me conheças agora, estou tão feia. Não me roube agora, pois já não tenho nada. Passarei pra debaixo da cama, quem sabe lá Ele não me encontre. Não quero que me veja. E se me encontrar nem atrás, nem frente terei. O espaço é tão curto, do tamanho certo para meus ossos. O jeito será Ele chegar de lado. Mas agora para qual lado? Sinto-me inquieta por pensar em ficar debaixo da cama e não saber de que lado Ele virá.*

Todas as vezes que oro a Deus eu me sinto perturbado, porque sinto que falo com um estranho que vive correndo nas ruas sem rumo. Um quase louco. Ele ou eu. Quem corre mais? Já não sei... Outro dia

uma borboleta entrou em casa e não soube mais sair. Debateu-se toda no balancim da sala até quase perder suas cores. Era azul. Bateu suas asas até a morte. Morreu no alto e caiu. A vida parece pouca... Fiquei sozinho mais uma vez. Um dia Diana, antes de me deixar, disse que Deus estava nas borboletas. Não fiz por mau. A borboleta desistiu de viver, pois a janela sempre esteve aberta e quis morrer no balancim. Às vezes acho que Deus não passa da janela pra dentro, pois minha casa anda tão bagunçada. Não cabe ninguém. Na verdade não quero que venha aqui, pois não quero que saiba da minha bagunça e da borboleta morta. Vou sair de casa. Não quero falar com Ele, não hoje, porque não quero me sentir sozinho mais uma vez.

*Debaixo da cama eu tenho um mundo só meu. Eu sei que Ele pode vir pelos lados e eu talvez não esteja olhando para o lado certo, mas por enquanto eu posso olhar para um dos lados e sentir que não tenho medo. Sentir que Ele não me assustará por trás e que não virá me encarando. Tenho medo de encará-Lo. Acho que não teria estômago pra isso. Quando eu era pequena minha mãe dizia que Deus ralhava com quem fazia as coisas erradas. Mas ela nunca me ensinou o que era o certo... Nunca tive conceitos... Nunca ditaram as normas. Viver livre demais me assusta porque temo que Deus faça o mesmo que fez a minha mãe. Quando menos esperamos a vida se acaba. Até as flores que dormiam no jardim se acabaram. Nasceu uma única flor solitária. Roxa. Cor da morte. Acho que vivi errando desde sempre. E agora sinto esse Deus mais próximo que nunca.*

O sol estava mais forte que nos outros dias, mas mesmo assim saio. Tinha que esquecer um pouco de Deus. Quem sabe eu ignorando-o um só dia faça com que Ele se lembre de mim e pare de correr feito louco atrás de quem não procura por Ele. A minha mágoa é que Ele não me olha, isso até antes mesmo da minha casa começar a ficar bagunçada. E eu estou aqui agora sem saber pra onde

ir, nem eu aguento minha bagunça. Quem sabe se eu gritasse? Se eu colocasse fogo em meu próprio corpo? Chorariam algumas mulheres que eu amei, inclusive Diana, mas onde Deus se encaixaria no meu desespero?

*Não! Não tem cabimento eu ficar aqui, escondida desse jeito. Se Deus resolver me raptar terei que ser forte. Mas como vou saber quem é Ele se o desconheço? Um dia minha mãe falou que Deus era um grande ser. Mas se Ele é tão grande, como eu não o enxergo? Estou mais cega que nunca. Mais cega. Acho até que estou enlouquecendo... Estou me sentindo tão só. Preciso ver gente! Já sei, vou pra rua! Vou andar um pouco. Beber um pouco de sol nesse meu corpo repugnante de medo.*

Quando olho para as pessoas na rua, vejo muitas vezes rostos alegres. Será que já encontraram a Deus? Ou será ao contrário? Os velhos mendigos choram nas portas das igrejas. Querem uma esmola. Querem viver. Será que já encontraram Deus? Queria que Deus não corresse de mim uma só vez apenas. Acho que não falaria só de mim. Falaria desses homens nas portas das igrejas. Falaria dessa guerra entre os homens que não acaba nunca. E pediria um amor que me fizesse esquecer tudo isso. Mas faz tempo que o vejo pela janela de casa correndo sem rumo, procurando algo que acho que nem Ele sabe o que é. Somos dois sós. Acho que descobri seu segredo porque agora Ele chora. Começa a chover.

*Acabou o sol e meu corpo se embriaga de chuva. Não tenho mais medo, pois não estou mais só, tenho a chuva e ela me parte em milhares de gotículas que caem no chão e deixam meu rastro. Agora ficou mais fácil d'Ele me achar. Deixei minhas gotas pelo caminho. Vou ficar naquela praça da esquina e esperar por Ele e espero que quando venha que me leve tudo de uma só vez e que eu fique logo sem nada para perder o medo de perder tudo. Vou esperar sentada na praça. É então que percebo, Deus está mais próximo que nunca, pois na rua encharcada o céu aparece no*

*chão. Meus pés pisavam onde Deus pisa, de acordo com minha mãe. Estou no território d'Ele e algo pode acontecer a qualquer momento. Não vou negar, tenho tanto medo. Queria tanto alguém pra me fazer companhia. Alguém pra amar e sentir que nunca estou só. Para esperar por esse Deus, de braços abertos pra vida, com alguém que seja eu de uma forma que ainda desconheço.*

A chuva até que está agradável. Molhou-me o corpo por inteiro. A mim e a uma moça que está nesta mesma praça. Será que Deus está nela? Por que todos fugiram da chuva e só ela que não? Parece gostar de se banhar desse jeito. Ou é Deus? Como Ele não pode sentir a chuva, pois acho que não tem pele, está nela para sentir ao menos uma vez como é sentir-se pintado numa tela na vida real. A chuva pinta essa moça. Todas as gotas que caem nela são multicoloridas. Acho que na verdade Deus se aquietou. Parou de correr e agora pinta uma das mais belas de suas obras-primas. Deus é o grande pintor.

Moça? Cheguei mais perto.

*Tenho medo desse homem que se aproxima. Pensei que fosse Deus, mas não era, pelo menos achei que não era. Eu estava molhada e com vergonha. Mas ele também estava. E sorria. Senti que Deus estava no sorriso molhado dele.*

*Diga.*

*E os dois sorriram um riso acolhedor, que aquecia o corpo inteiro. E ela, estendendo sua mão para ele, olhou para o céu e sorriu (nesse sorriso cabiam todas as últimas cores inventadas pelos poetas de acrílico que desenham palavras imortalizadas em meio ao caos). E entre os dois havia um propósito: viver desconhecendo o futuro começado desde hoje.*



*Ambos sabem que alguém os levou até ali. Só não sabem como... Já não recordam o medo e a angústia. Os olhares equilibravam a poeira do cosmo e repousaram o pensamento para nunca mais reprovar e ser reprovado. E ali permaneceram até o caos gerar a noite e tudo voltar a ser como nunca fora antes.*



# Jurupari

*Franciorlis Freitas Viana*

O moço vai passando por trás da cadeira de balanço do avô, mas este percebe e chamando-o quer saber para onde o neto pretende ir parecendo um papagaio. O neto explica que a indumentária colorida está na moda. O idoso não entende como uma camisa lilás, um tênis branco com cadaço verde e solado róseo pode agradar os jovens de hoje em dia. Sem falar na calça jeans apertadíssima “isso deve machucar o saco!” pensa o avô. Quando começa a pronunciar a frase “no meu tempo...” o neto interrompe o velhote.

- Qualé vô, corta esse papo de velho, pô! Seu netinho vai é arrombar uns xirizinhos essa noite...

A mãe lá do quarto, na máquina de costura, ouve o jovem e grita: - Isso é jeito de falar com seu avô? Respeita os mais velhos, se não vou aí e te dou umas boas palmadas na bunda!

Na sala neto e avô riem da irritação da costureira. São cúmplices mórbidos. O idoso sente sua alma pulsando na veia indômita dos vinte anos do jovem. Está cansado de liberar uns trocados para o neto comprar camisinhas ou pagar um motel para levar as piriguetes. No fundo, bem no fundo há nele uma filosofia (daquelas que devido à ausência de requinte, não constam nos tomos catedráticos) que afirma “quando ele as come, é como se eu as comesse também”. Esse sentimento rudimentar de macho é sagrado.

O avô quer saber onde ocorrerá o festejo. O neto o corrige, esclarecendo que hoje se chama “Rave”. Responde que será na sede do Villa Nueva; conhecida casa dançante do município. A única remanescente dos dias aurorais do idoso. Agora repaginada e adequada aos novos tempos. A menção à sede deixa o ancião bastante assustado. O neto percebe e pergunta “O que tá rolando?” O avô pigarreia, deixa de balançar-se. Compenetrado inclina o peito para frente, encara o neto e diz:

- Vila Nueva? Foi lá que um dia eu vi o jurupari.

- Jurupari? Que é isso velho? É de comer? - e o jovem caiu na risada.

- Jurupari é o nome que tomei do Guarani para me referir ao demônio.

- Ah, tá! Que dizer que o senhor quer que eu acredite que o demônio - o neto de puro desdém fez questão de espichar na pronúncia a vogal “o” - apareceu para o senhor, no Villa Nueva?!

- Quando eu tinha a sua idade. Em um baile temático, patrocinado pelo saudoso Prefeito Antero Dias (que Deus o tenha em um bom lugar!). O Villa Nueva estava ornamentado com características ribeirinhas. Se não me falha a memória o tema era justamente sobre os mitos e lendas da Amazônia. O prefeito escolheu essa temática, não porque se importasse com o folclore nortista, mas porque sua filha Eliane, que era professora formada, garantiu que isso daria um ar culto ao mandatário do município... O jovem percebeu que estava prestes a ouvir mais uma daquelas histórias mirabolantes do avô. Admiráveis dos seis anos aos dez, interessantes dos onze aos catorze, toleráveis dos quinze aos dezesseis, chatas dos dezessete até a idade atual. Não é que necessariamente os causos tenham ficado prolixos. É que os adultos na sua adultice sempre buscam a verossimilhança nos contos que lhes são contados. Quando não as

encontram, reputam as palavras por falácias e as desprezam. Bom será o dia em que for desvendado que se tem buscado algo em uma procura invertida. Dever-se-ia olhar a vida e em não encontrando verossimilhança com a ficção, execrar a realidade por não se ter elevado ao patamar dos romances, fábulas e crônicas. O neto, que antes de ser parado pelo avô pretendia esperar os amigos no pátio da casa, olhou o relógio e pensou “acho que a galera não deve demorar muito. O vô vai começar a lorota dele, vou fingir que estou gostando, logo meus amigos chegam, eu corto o papo e zarpo fora!” plano devidamente ponderado, voltou à atenção ao idoso que continuava sua falação.

- Estava vestido com extrema elegância - o avô parou um pouco, puxou na memória e prosseguiu - na cabeça um topete feito com o melhor óleo de mutamba do boteco - e riu. Seu avô era um bom pé de valsa! Os brotos brigavam para que eu as puxasse para uma contradança. Naquela noite, porém, estava cansado. Dancei com as irmãs Sara e Selma (as irmãs frenéticas, como eram conhecidas), depois fui sentar a um canto, solitário. Tapava-me a vista os casais de namorados que dançavam logo à frente. Ouvia-se na caixa de som uma música da ternurinha Wanderléa. Ah - exultou o idoso - era o auge da Jovem Guarda! Se não me falha a memória, estava justamente pensando em como o Roberto Carlos era sortudo de conviver com aquela mulher, que na época era muito gostosa “Papai, olha os modos! - berrou a filha lá do quarto” quando uma moça belíssima surgiu entrecortando a chusma de dançantes. Nunca nesses setenta anos de vida, encontrei uma garota tão bonita como aquela. Era simplesmente estonteante. Como toda aquela abundância de carnes coube dentro daquele vestidinho rubro? Tinha as madeixas louras. Não um louro oxigenado. Um louro puro, quase dourado.

O comprimento batia nas nádegas. Unhas pintadas de esmalte preto. Boca carnuda. Dentes branquinhos. Peitos que soltavam aos olhos. Coxas que deixavam qualquer mulher-fruta no chinelo. O mais impressionante, entretanto, é que ela veio em minha direção. Sim na direção do seu avô. Estendeu-me as mãos, convidando-me para o salão. Abismado que estava nem atentei para o fato de que não era usual uma mulher arrastar um homem para dançar. Emendamos treze músicas seguidas. Quando olhava a mulher, parecia-me um anjo. Quando encostava meu corpo ao dela, enrijecia-me até o grelinho do c... “papai! - berrou novamente a filha em reprimenda” Nesse ritmo levamos até as cinco horas da manhã. Quando então me dei conta de que até ali não pronunciara um palavra sequer com a desconhecida. Resolvi arriscar:

- Qual é o seu nome? - A mulher me fitou. Vi suas retinas de um vermelho mais forte que seu vestido; como vinho em taça de cristal. Ela abriu um sorriso insinuante. Riu de canto de boca. Respondeu:

- Me chamo Luiza.

Nesse instante a noite realmente começou a se recolher no horizonte. Notei que após me dizer o nome, ela olhou para o firmamento e fez uma expressão de preocupação. Desapegou-se das minhas mãos e sem me olhar uma última vez, virou-se e se entremeteu na multidão, às carreiras. Sumiu. Demorei minutos esperando que ela voltasse; como percebesse que não, saí a sua procura em todos os cantos do Villa Nueva, sem, no entanto, achá-la. Perguntei aos meus amigos se a tinham visto, mas eles responderam que não tinham visto ninguém comigo naquela noite. Que estive sozinho o tempo todo. Certo de que não estava pirado. Continuei procurando a mulher, da

qual conhecia apenas o prenome: Luiza. - que partira sem nem sequer me deixar, a símile daquele famoso conto de fadas, o sapatinho de cristal como pista. Um prenome e nada mais. Quantas Luizas devem existir no mundo?

Após rodar toda a sede, veio a mente o lugar óbvio onde ela deveria estar: o toailete “lógico, idiota! Ela sentiu vontade de urinar, não deu para segurar e por isso saiu correndo. Se bem que faz tempo... Terá sido o número dois?” dirigi-me rapidamente para o lado onde ficava o banheiro. Estava fechado. Sorte que a porta era de madeira. Bati repetidas vezes. Chamei: - Luiza! Luiza! Ninguém respondeu. Fiquei preocupado, e como os seguranças da Villa Nueva estavam ocupados demais para me socorrerem “quem sabe, Luiza não passou mal e está desmaiada aí dentro” resolvi arrombar a porta. Com um chute o fiz. Foi então que vi Luiza por um instante, não mais que um instante. Ela estava de costas para mim. De repente seu cabelo louro começou a se transformar em um longo rabo. Na cabeça surgiram chifres. Braços, pernas e pescoço foram recobertos de pelo. A mulher ficou com a aparência de um bode. O ar se encheu de um odor insuportável de enxofre. Ela (ele) se virou para mim com um aspecto horrível. Olhos esbugalhados. Soltava fumaça pela narina. Rinchava como cavalo. Fiquei apavorado. Juro que me urinei todinho! Comecei a clamar pelo sangue de Nosso Senhor. Congelado de pavor, espiei nos olhos da criatura. Ele (ela) me reparou. Deu um berro de agonia, um pulo para o alto e evaporou no ar. Só depois disso consegui me mexer do lugar. O bicho que vi era o cramulhão em pessoa.

Após terminar o relato, o neto estava sobressaltado, mas para não dar o braço a torcer gracejou: - Cramulhão, é?- e caiu na gargalhada - então, além da Jovem Guarda será que o diabo também é chegado em um tecnomelody? E gargalhou mais alto ainda sob a advertência do avô que o mandava ter cautela com o assunto. Lá fora

um carro buzinou. Os amigos do jovem haviam chegado. O neto deu um beijo na mãe (que lhe rogou que retornasse cedo) e outro no avô. A este disse o moço: - se preocupa não vô, se o capeta/cramulhão/demônio/ jurupari me aparecer hoje eu traço também...

Na festa, tarde da noite, o jovem depois de exagerar na bebida, sentindo-se nauseabundo deixou a companheira dançando com um amigo e foi se sentar a um canto. Cinco minutos depois, uma mão de unhas esmaltadas de preto o convidava para dançar. Vendo tudo trêmulo, distinguiu levemente uma matiz vermelha no vestido da pessoa que lhe arrastava para o salão. Ouvia-se na aparelhagem a música Closer to Heaven, do DJ israelense Astrix. Em dado momento o jovem ao enrolar seus dedos nas madeixas da moça, percebeu que eram louros. Resolveu perguntar: - Gata, qual é mesmo o teu nome? Foi então que ela abriu um sorriso insinuante. Riu de canto de boca. Respondeu:

- Me chamo Luiza.



# A teoria incompreensível das marés

*Arthur Martins Cecim*

E dizia, entre os vestígios de areia sóbria:

Um conto de como as ondas nos contam seus breves sonhos

Um conto ou breve passagem das ondas...

Uma breve história no breve passar de uma onda...

As levas de pequenas ondas, misturadas a minúsculas e confusas flutuações. Flutuações da própria mágoa. Pequenos moinhos e remoinhos que com véu dançavam ao léu e se criavam e descreavam na água, todos aqueles rebentos que vinham, juntos e como uma costa cega, quebravam na margem, e quebravam tão calmos, que a serenidade em mim acordava, doce, como uma criança acorda terna de um sonho tenro, distraído.

Vi a vida naquelas sagas eternas da água, os motins de raízes e frutos que boiavam aos bandos e que se traziam e balouçavam, vazios e solenes, a uma música eterna música das formas que acariciava os ouvidos e possuía lágrimas tão felizes, a brincar de brincar, que eu me sentia tocado e lembrado pela vida e ao mesmo tempo distraído por aquelas balanças de sons, é verdade que as águas são as sereias, que citam a vida, tão náufragas, que recitam a formação das coisas, são tão a cítara das causas.

Os vasos e taças das ondas vinham, e se brindavam, e quebravam, e elas davam aquela gargalhada pequena, e no desvario, retornavam ao velho jardim de suas infâncias, as ondas se plantavam e, ao correr lisas e despidas, se lançavam ao chão como se a vida nunca se gastasse, como se a vida nunca se odiasse, mas tão somente se comovesse. A maré vivia treinando sua morte, mas sua morte era a vida que queria se tentar várias vezes. Por vezes, uma brenha abria-se entre as vagas, e uma delas tomava a frente, vinha correndo como se tivesse rosa nos sorrisos, se intrometia entre as suas outras irmãs, e se jogava, valente, entre elas, e na bandejada das águas, na colheita da mãe, era trazida de volta, filha dos princípios líquidos.

Me lembro, lembro dos peixes que serenavam, estendidos sobre o lençol da areia, calados com o manto do sol, arrefecidos por uma ternura do meio-dia, aquela quando o tempo pára para que o mundo tenha tempo. Lembro bem de quando eu vagava entre os

traços dos peixes, que faziam um quadro da vida ó no chão, os olhos deles esbugalhados e espelhando o céu das guelras, um lenço, lembro, que certa vez havi entre eles, que dizia algo de amores, esquecido naquelas ondas de tempo e pedra, o mar das pedras da praia e as ondas dos peixes mortos, bÍlis aos bilhões, e eu buscava por um chaveiro, só isso, porque vagava a procurar pequenas idades entre aquela eternidade. Sentia medo ao olhar de esgueira aqueles olhos de esgueira, me esmerava pelas pedras mais altas, descarrilhava com minhas sandálias de criança, lembrei das palavras pais que sempre ouvi e das nuvens mães que sempre me acompanharam, e do vento calmar que sempre me amaciou, e do sol que sempre se horizontou para mim. Os princípios primais da praia me acenavam a descer a encosta, a descer as arribanças, com um copo sem coisas, a catar os mortos da praia: uma pilha varrida, uma tampa de interiores da vida das casas, uma carta de primeiro amor borrada com o batom de um lábio infinito, suplicando ao eterno, a lata de uma pipa, com o cheiro necessário para a cera de uma criança, advertia-me com um peixe estranho que surgia baiúdo e boiúdo, cheio de ar, e com odor de antigas serenidades. O sol me tocava, ardia, rixava, no batismo alto dos dias e no calor dos esquemas das horas, até o meio-dia, quando s pescadores se retiravam, levando suas linhas como honrarias, levando as tarrafas com ares de inauguração, do mesmo modo e credo com que se chegavam de manso no coração da praia, pelos torneios certos das margens, aqueles torneios que insistiam-se tortos mas que os pescadores mesmos sempre sabiam daquelas insistências, e não conheciam mais tortuosidades não. Mas a cara de um ou outro deles vinha meio tortuosa, com as linhas de pesca em mão, talvez porque estivesse de missa com o dia, a levar a sério o vosso alimento, ó.

Vadiei por entre aquelas pedras e rochas sem saber do mundo, a tocá-lo nos seus princípios, e fustiguei, busquei e investiguei os

ossos deixados pela vida das causas ao longo do corpo da praia, ao longo da costa nua da praia, e pregos e martelos mortos dormiam, cândidos, entre as faces daquele jardim casto e vasto. Vi ovas, ventres abertos, casulos, pássaros, motes de maré a chegar, o fim da vaza dela, as marolas a se assanhar, os beijos das ondas a bater, abençoadas pelo sol nefasto e caloroso, e golar, em glupes de líquidos, a glamorar, em seus passeios atrevidos, e rebatiam, de glórias em glórias, até elevar e ensaiar seus vestidos a uma altura sincera e respeitosa. Então era hora de eu me ir dali, e, sem achar o chaveiro que buscava, biscateei ao menos uma lata ralada que não tinha mais inscrição e cuja face era já só uma ruína cinza por causa da batijão da água. Vi, de costas, os peixes lá atrás, em meio às vidas esquecidas dos objetos do papiro infinito da vida, enquanto o vento me soprou de contrário, meus cabelos passearam um pouco à larga da brisa, e senti a alma do fim da tarde em parte me acompanhar até o início dos caminhos da praia, em parte se despedir de mim ali, ali mesmo. Nunca mais iria ver aquela tarde. A cada dia eu me despedia dos dias. Cada dia era mais uma onda em minha vida. Uma pequena lágrima correu de meus olhos como se fosse um regato livre, feliz, quando me despedi daquela tarde e de todos os seus atores. Uma pequena infância correu de meus olhos feitos de infinito.

Vim para casa, batizado pelo tempo e pelo vento, mas o caminho era longo, torto, e ridículo, porque me perdia por querer. Tinha o odor de peixe na mão, cheirava sentidamente à escama, vinha pelo tráfego do caminho lendo os rizomas do chão. Eram mils os dias que via no chão, porque ali também lia coisas de pequena idade, um turbilhão de esquecidos, ah mas a praia, ali barranco abaixo, me encantava, porque por ela eu lia as infâncias e as velhices do mundo, o caminho do mundo, os caminhos eternos do mundo, perdido, a se buscar. Adorava ver com olhos sinceros os olhos sinceros dos peixes

que pareciam borbulhar alguma sílaba esquisita, ouvia o latir rueiro de algum cachorro, de parque na praia, a latir de troco com outro cão, a remoer montanhas de impropriedades, pássaros a fazer céu sobre as carcaças, as carcaças tinham jeitos de inocência, porque não tinham mais a lei de poder dizer o não, mas entrediziam pergaminhos, palavras gloriosas, estufavam seus orgulhos, a aceitar de bom grado o fado de suas ruínas. Eu adorava vagar, vaguinho, menorzinho, entre aquelas marchas de pedras, suas colunas, seus amontoados, suas pontes sobre um morto que adormecia, orgulhoso, a suplicar pelas nuvens, seus olhos que ficavam com o raio dos olhos meio navegado, virado, vermelho, e como entumecia, crescia de bilioso a bilião.

Gaivotas calmas pastavam, e eu subia a ribeira, astuto e feliz, com um leve pesar nos olhos. Por fim, olhava para trás uma última, na derradeira mirada, e via o céu de espumas vermelhas a se massagearem, os fortes e fortalezas do sol a se retirar em júbilo, as profundidades alaranjadas a fazer castelos em torno daquele reino, as rajadas de amarelo e azul a contrair o ápice da Terra, os pássaros a cortar aquele quadro criador e genial, os enxáguo da maré a tomar sua antiga posição, a deposição do sol, se retirando para um retiro só imaginável em nossas imaginações, o milagre do céu tornado azul anil, escuro, profundo e belo como um mar inesquecível, apaixonante, viril, impressionante, cor de amplidão de alma.

A gralha das gaivotas molhava os sons, levantando e encerrando o véu das cavidades, elas eram o feixe do novo mundo, o fim da tarde abria suas alas e entrava a alma libertadora do anil. Então era o tempo no meu tempo que eu chegava à minha casa.

Agora, vejo a vinda das ondas baixas e rasteiras, vejo a expansão das ondas, sinto o rogar do vento como um assemelhar de palavras, um mar de areia a zonzear e me rumar para o sono, sono do sonho.

Aqui me sento, a ver uma família feliz brincar adiante de meus

olhos, os músculos da água, que trocavam seus tecidos, e um brilho laminante refletia-se, elas caíam, todas de mãos agarradas, no jardim da margem, os sons bucólicos, os risos líquidos, o balbuciar daquelas tensões, agoniadas, cada uma tentando entrar no túnel, e os caldos que se engolfavam, e assim, uma vida de onda mestra, imponente, a desfilando com gama até se desfazer e revezar seu caminho para o meio dos chaqualhos, os músculos e os corpos das ondas vagas se contorciam, cegos, numa brincadeira de infâncias. Os pássaros passeavam pelos meios e véus do céu. O mar cadenciava suas mãos. E as cristas dos líquidos avançavam como coroas.

Vi, à margem da praia, chegando a mim feito uma mensagem dos séculos das ondas mundiais e eternas, que trazia areias e pensamentos da maré, uma carta, carcomida, de vidas:

E dizia, entre os vestígios e a areia sóbria:

Fui de casa o irmão isse que o tempo n tava bom  
fomos mas a chuva por isso ficamos na nossa casinha pra  
ver a lua ver  
se ela ia ficar a noite fez frio mas o que importa é o  
sabor de viver e bem e  
brincamos na beira de contar quantos passos as ondas  
davam e quantos anos se passariam em um minu u e meus  
irmãos adoramos catamos tudo qu ia na praia e  
voltamos de sorriso infinito pra casa naquela noite de lua e areia  
eijo

Bebéia

Os pedaços daquela mensagem, secretamente rasgados pela mão da água, deixavam eternidades silenciosas entre aquelas palavras viajantes, havia um brilho decantado de areia nas beiras do papel, parecia-me que tinha a vida de um mundo naqueles enunciados.

Enquanto isso, avarias da água, passagens dela, me tocavam na margem, tocavam meus pés, e se iam de volta, tão acariciosas, tão de toque de pétalas, que senti um desejo terreno de dormir. A lua começava a se abrir, O, abria o céu como um animal. O ruído dos regatos da água, ruídos líquidos, ruídos familiares, hipnotizam. Pequenos animais começavam a surgir, naquela selva de areias, pássaros noturnos, peixes, lagartos, e o corpo em crise do mar, sob o abismo do céu escuro, vasculhava suas mensagens entre as cordas da água, que se teciam e avariavam, à busca de mensagens.

Tenho certeza que outras mensagens podem estar secretamente atravessando as passagens do mar, passeando pelas vidas da água, enquanto a marola ficava de parábola, com suas sílabas líquidas inconstantes ou permanentes, as vidas passageiravam por ali pelas mensagens, e eram trazidas com tal honra pelas ondas, eram trazidas com tal seriedade e amor pelo universo das ondas, com tanto anseio e ao mesmo tempo, calma e calor, que achei que aquele universo infinito do mar as trazia para nós, eu, as lermos com calma e ávida paixão pela vida vivida daquelas idas, para lermos com ardor e amor aqueles cantos de vida secreta, as traziam de passos em passos, pelos banhos e bandejas da água, pequenos cosmos de palavras, para as ler com arvor e pureza, iam elas, de rebordo, corrigir seus destinos para outras mãos mais tenras e sensatas, elas as mensagens, sinceras como quem as trazia, as forcinhas das vagas. Principalmente, elas as traziam com uma sinceridade ansiosa.

O ruído incomodava. De glope e glope da água, em suas sílabas nervosas, os nervos da água se contraíam, como mensagens eternas pelos longos e vastos caminhos mansos, a marullha batia, com toque de chegar, no fundo das casas de madeira, e seu molho e banho ali naquele rumo sem rumo era só uma dança valente das marias, mariações da água, que rebelavam seus cabelos, e freavam

suas rampas e pulavam pelos lados. Quem ali dormisse ai ia, isto sim, sentir como se um canto de sereia fosse lhe lançar em profundo e delicioso sono. As janelas abertas daquela casa na margem, elas convidavam a estranha lua a iluminar os campos retos e altos do mar, que se escureciam quanto mais a distância se eternizava. As lamparinas, lembretes entre as noites, a bailar com leves remissas do vento a largo, se entreolhavam, e batizavam a água com seus fâcos, como se abrissem fendas infantis no escuro animal da água. Também vinham, me lembro com lucidez, mentiras pelas veredas da água, almas mortas, contadoras das histórias das ilhas longínquas e cósmicas, veredas... veredas... vadiavam de acaso... os breves contos das ondas... os breves contos das ondas... os breves cantos das ondas...



# Sonho

*Airton Ícaro Cantúaria Gonzaga*

A gente aprende bem cedo que só querer não dá. Sonhos de astronauta quebraram aos nove (estuda muito, muito, e no final o espaço deixa os ossos fraquinhos). Sonhos de bailarina quebraram aos 11 (professora disse que se continuasse comendo daquele jeito, com aquelas fofuras saltando pela lycra rosa, nunca seria grande coisa; agora, prefiro padarias a teatros). Os de professora se machucaram bem feio aos 8 e meio (só de ver como as professoras começam o ano e vão ficando murchinhas até perto do Natal vai doendo forte no peito, e a gente desiste). Fora os quebrados dos sete anos, oito, oito e meio, nove e sete dias. Ser rica (aí a gente descobre que esse emprego já tem dona), ser dona de casa (até ver que isso nem sonho é), ser cantora (até dizerem que voz de criança chateia), ser cientista (e meu irmão gargalhava dizendo que isso não era coisa de criança, muito menos menina, muito menos de alguém que tivesse alguma coisa na cabeça). Eu não gargalhava. Ficava vermelha, meio vergonha, meio raiva. Virava, corria e ficava criança, sonhando com coisa fácil. De vez em quando, deixando de pensar. Matando sonhos, às vezes. E os anos iam, iam... me levando junto. Olhava pra trás, meio triste, meio cansada. Sem lágrima nenhuma, meio que sem saber qual era a da tristeza. É difícil entender que as coisas morrem. Primeiro, a gente aprende que bichinhos acabam. Depois, pessoas, vovô, vovó, titios, todos eles

terminam. Aí outras coisas vão morrendo, e ninguém repara muito. Ninguém prepara a gente. Meus sonhos se espatifaram com tanta vontade no chão da infância, e eu lá, deixando quebrar. Triste, olhando. Perdendo alguma coisa difícil de sentir. Perdia mesmo assim.

- Cê sabe o que acontece, né?

- Hum?

- O que acontece! Quando fica assim, sonhando à toa.

- Ah. Hum... Não. Não sei.

- A gente só quebra a cara, porque a vida continua enquanto você fica sonhando.

Não é que eu não soubesse. Mas assim, vindo de um cara grande, respeitado até, irmão da vida toda, não dava mais pra ignorar. Ele ria enquanto falava, isso incomodava quase todo mundo. Mesmo acostumada, eu sempre o escutava com bochechas vermelhas, enquanto as palavras gargalhadas ecoavam. Sempre escutava o que ele dizia, já que sempre parecia uma piada, mas era sério às vezes. Naquele dia, dia de coisa séria, decidi treinar. Para não sonhar. Ou para sonhar menos. Conteí isso pra menina que sentava do meu lado, de segunda a sexta, pelas manhãs sonolentas do colégio. Ainda não era minha amiga, só que ficava perto e escutava, e isso já era meio caminho andado pra qualquer futuro entre a gente.

- Não sonho mais.

- É? E por quê?

- Não dá. Nunca dá. Se eu não aprendo a viver, viver logo, as coisas vão doendo com o tempo, e aí eu perco minha vida e o sonho vai acabar indo junto mesmo. Então... deixa logo ir.

- Coisa estranha! Nem sei como é que deve ser.

- Nada demais. Tudo o que vem assim, na cabeça, eu deixo passar. O que tenta ficar, eu quebro com outro pensamento. E a vida segue, entendeu?

- Sim. E aí você fica feliz, né?

Não sabia. E doía não saber. E mesmo doendo tanto, segurei, sabendo que essa sensação não me fazia rir sozinha ou pular do nada ou sentir gosto de chocolate enchendo a boca inteira. Ela só doía. E seguia doendo.

Em um dia estranho, um sonho velho, de ser caminhoneira, saiu correndo e cresceu. Quando acordei, pensava na rua, como nunca pensei antes. No asfalto, na bagunça, nas rodas, no calor. Pensei, e com o corpo leve, subi na bicicleta, a caminho da escola, sem café na barriga e sem fome também. Pilotando no equilíbrio, imaginei a bicicleta tão grande quanto cabia na imaginação, e desandei a pedalar meu caminhão de duas rodas, rápido. Suor e cansaço escorrendo, falando, sem parar pra respirar, com a menina da cadeira do lado.

- Ei, ei, entende de caminhão?

- Olha, sei que é grande e cabe muita coisa. E é coisa de homem.

Calei a boca. Já tinha escutado aquilo antes e a conversa acabou tão rápido que a outra arregalou os olhos, pensando ter dito uma besteira tipo grande. E tinha. Mas nem ligava. Nem eu. A gente aceitava, o tempo passava e a gente ficava de boa. É. De boa.

Uma dor nova todo dia. Essa não era nova, mas minha coleção aceitava figurinha repetida. Algumas já faziam pilhas largas e pesadas, pressionando bem no peito.

“Coisa de homem”. Isso ecoava, enquanto eu arrastava a bicicleta de volta pra casa, sem pilotar, só trazendo do meu lado, bem perto, tentando dividir a tristeza. Ela rodava lenta, como que parando pra chorar. Ainda bem. Sem minha imaginação, eu ia estar numa pior.

A frase da menina da cadeira do lado ficou até de noite. Eu, com raiva, pensando em tudo que as três palavras já tinham me roubado. O que é de homem? Barba, bigode, sair tarde, chegar tarde,

ou só chegar e sair e pronto, roupa fácil, coisas legais pra fazer. Eu podia viver sem quase tudo aquilo, mas e as coisas legais? O que sobrava pra mim? E pras outras meninas nas outras cadeiras? Depois de um tempo, saquei que caminhão não dava pra mim. Mas tinha tanta coisa, além disso, que tive que esquecer, porque as palavras, as três, surgiam de algum lugar escuro e com língua, destruindo tudo. Só que, se eu quisesse aprender a não sonhar, tinha que treinar mais. E pra treinar, essas palavras eram boas, matavam um monte de sonhos.

Aí segui quebrando sonhos, e enquanto eles morriam, outros vinham alagando os pensamentos. E apesar de querer me afogar ali, feliz da vida, fingia que não ligava, pra quebrar esses novos que vinham. Às vezes, os pedaços de uns se juntavam com outros e formavam coisas tão legais de ver que quando ia quebrar, eu tremia sem ar. Tanto que eu queria respirar...

Foi então que um dia, indo com pedaladas lentas pra escola, a mulher da esquina me fez parar. Cantava, com um violão velho no colo. Mas os dois tão afinados, tão bonitos, deslizavam pelo vento. Música velha e uma emoção que nem tinha nome ainda. Eu chorei depois de muito tempo. Acho que ela nem viu. Mas tudo bem. Uma caixinha na frente dela se enchia de moedas, de umas pessoas sorridentes próximas. Quis pôr, mas meu dinheiro contado do lanche ia fazer falta. Pensei melhor. Pus mesmo assim. Se ela viu as lágrimas caindo junto com as moedas, não parou de cantar pra ficar olhando.

Cheguei tarde na escola, perdi uma aula, não me importei. A menina da cadeira ao meu lado perguntava o que tinha acontecido, se tudo ia bem. Eu segui direto pra cadeira com respostas lentas, ritmadas com meus dedos, como a mulher fazia no violão.

- Ei, você tá bem? Chegou tarde.
- Tô bem, tô bem. Tô sim.
- Certeza?

- Absoluta, na boa. Tranquila, tranquila.

Viramos pra aula. Ela, pelo menos. Eu, eu tava longe. Mexendo os dedos, no ritmo da professora, no ritmo do vento batendo na janela, no ritmo errado. Meu ritmo.

Então, beleza.

Nem fome deu. Quase não lembrei que tinha que sair, voltar pra casa. Lembrei do meu irmão e da única coisa ruim na música: minha voz de criança. “Vozes crescem”, pensei, feliz. Entre tantos pedaços arrebatados de outros sonhos, o que mais tinha era espaço pra música crescer. E ela cresceu. Discos velhos do papai. Os dedos batiam. Nunca mais vi a mulher, mas tudo bem. Meu ritmo. Mamãe cozinhando e cantando. As pernas se movendo e eu seguindo. E eu cantando também, em silêncio. Sonhando canção, dedos batendo. Ouvindo, sozinha. Dentes batiam, língua fazendo melodias pequenas, e os dedos dentro do bolso. Parados. Sempre marcando o ritmo.

E aí, mesmo nos dias que só me sobrava a música, eu não ficava mais sozinha. Pelo menos, largava rápido da solidão. Mesmo quando me sentava quieta, no quarto escuro, com uma gotinha querendo vir dos olhos por causa de um dia ruim, músicas me tiravam pra dançar. Então, beleza.



# A grande preamar

*João Pereira Loureiro Júnior*

Acordou afogado em insônias. Despertou para um dia de naufrágios. Desceu de sua rede, como quem desce de um sono feliz. Os pés no chão frio eram apenas um vago instrumento de colisão com a terra. A frialdade do barro incomodou apenas o corpo porque sua alma acabara de adentrar um palco repleto de olhares curiosos. Nada era tão urgente como sua vontade de viver. Suas mágicas de outrora personificadas no velho traje poeirento na cumeeira pareciam observar o arenoso passado que ficou naquele homem de trinta e poucos anos. Ele agora era um vivente solitário das horas preguiçosas do meio-dia; era um mágico aposentado que jamais chegara ao seu último show.

Sem mágicas mirabolantes, Dionísio atravessou a casa sentindo pela primeira vez um gosto adocicado de vida; de onde vinha aquele ar petrificado de felicidade? Com a tapera fechada, talvez viesse das frestas que nessa manhã pareciam um amontoado de olhos observando-o em sua solidão. Indiferente ao torpor cotidiano das coisas, ele abriu a porta que dava para o mangalzinho e uma lufada fria se arremessou para dentro do recinto fétido e incolor. Dentro, a luz do dia pôde olhar detidamente os objetos fazedores do cotidiano daquele homem. No alto, esquecidos instrumentos do apogeu de mágico misturavam-se a remos e velhas redes de pescar. Estancado

no vão da porta, sereno de acomodações ele olhava. Lá fora a maré preparava sua preamar escondida nas raízes das árvores. Com uma lufada de vento cuspida dos açaizeiros vieram lembranças apodrecidas do que ficou numa longínqua noite que o tempo carregava nas costas...

Foi numa densa noite de Natal que um imenso barco de luzes e bandeirinhas coloridas chegou ao porto abandonado. Travestido como um ser mágico que fugiu de um reino encantado, Dionísio saiu de seu casulo no alto do barco e anunciou num boca-de-ferro a chegada de “A Grande Preamar”, poético nome do barco que levava a arte da magia aos vários recantos daqueles rios amazônicos. Naquela noite começou o reinado do ilusionista e a sua malfadada sina que o levaria àquele casebre escondido no qual ele agora remoía suas lembranças preso à dor do que não podia mais ser revivido.

Dionísio desceu os degraus que o deixaram na terra encharcada do quintal e foi até o jirau. Lavou o rosto; voltou apressado ao interior da casa, fugindo do frio ou talvez das lembranças. Sentou no banquinho. Tomou um gole de cachaça e se pôs a tecer a rede de pesca encomendada pelo Zé Paulo; tinha que entregar em uma semana e ainda nem havia chegado ao meio. Na medida em que tecia com o instrumento de pesca ele destecia seu remoto passado tão insistentemente lembrável naquela manhã...

Quando se espalhou a notícia da chegada de “A Grande Preamar”, os truques da magia começaram a animar as noites da vila. Com o auxílio de dois ajudantes, Dionísio passou a encantar os habitantes da região, através das ilusões da prestidigitação ainda desconhecida do povo ribeirinho. Noite após noite, todos foram paulatinamente tragados para as margens da maré durante os dias em que a preamar se estendia no período noturno. Mas, quando a maré cheia começou a adentrar a madrugada, o espetáculo foi



interrompido. O povo então descobriu algo inusitado naquele show: Dionísio só se apresentava durante a preamar; um ritual particular que jamais fora quebrado, pelo menos enquanto durasse o apogeu de “A Grande Preamar” e seus shows mágicos.

O interstício entre uma preamar noturna e outra foi suficiente para que se espalhassem por toda a região do Salgado maledicências sobre o extravagante dono do barco-espetáculo que singrava os rios levando magia aos povos. Quando o show retornou às noites, o público se multiplicou; isso fez com que Dionísio prorrogasse sua estada por aquelas terras. E assim, o carismático “homem mágico”, foi jogando sobre a vila as grandes novidades até que elas esbarrassem na formidável repetição dos dias. Quando chegou julho, o tradicional espetáculo foi interrompido por um misterioso acontecimento: um dos ajudantes do mágico desapareceu depois de mergulhar no rio; buscas intensas foram empreendidas para que se encontrassem o desaparecido; cuias e rezas foram jogadas ao mar. Tudo em vão. O homem tinha sido levado pela iara, diziam as vozes do povo. Ninguém, porém contrariou tal afirmação; com o tempo o homem, de desaparecido, foi esquecido.

Muitos diriam posteriormente, que o mundo de Dionísio começou a desabar com o desaparecimento do ajudante. O espetáculo voltou, mas o Dionísio de outrora não. Com apresentações mornas, o público repudiou a melancolia do até então notável apresentador. Ele estava relapso, talvez mundiado pela maré ou quem sabe pela visagem de Cândida. Assim, o “homem-mágico” se isolou no barco. Uma reclusão voluntária e os meses seguintes se tornaram tristes. Notícias e fofocas ganharam força, mas nada de concreto se ouviu sobre o que estava acontecendo com Dionísio.

Foi preciso dezembro chegar com toda sua aura mágica para que se ouvissem notícias do homem preso em seu castelo flutuante.

Era noite de arraial de Nossa Senhora da Conceição quando foi anunciado no boca-de-ferro a volta de “A Grande Preamar”. O povo ficou empolgado. Notícias correram apressadas pela região e alcançaram todo o norte da Amazônia. Com a primeira preamar noturna o espetáculo voltaria fazendo parte da programação do arraial.

Era noite bonita quando uma multidão se apinhou em frente ao barco colorido. Crianças, jovens e até os mais velhos se postaram ansiosos para ver Dionísio. Quando ele apareceu, aplausos e vivas espocaram no ar junto com foguetes que a comunidade preparou. A alegria estava de volta, mas não por muito tempo. Quando o mágico ameaçou fazer seu primeiro número, ele parou. Amedrontado, ele recuou e inexplicavelmente correu para o interior do barco deixando o povo embasbacado. O pobre ajudante, imóvel vendo aquela cena, correu pra dentro em busca de respostas. Quando voltou cabisbaixo, o povo impaciente o ouviu apenas murmurar aos prantos:

“Ele enlouqueceu. Hoje não vai haver mais show...”

Sem responder às perguntas e gritos vindos do povo, ele entrou e apagou as luzes do barco. O colorido de antes deu lugar à escuridão. O povo se dispersou indignado com o mágico. E assim, a preamar se desfez em vazante que testemunhou o repentino bruxulear de vagalumes envolvendo o barco. Por essas bandas, o povo sempre dizia que quando há muitos desses insetos brilhantes tem gente morta por perto. E aquela noite foi inteiramente habitada por vagalumes.

No dia seguinte alguns pescadores viram o ajudante partir numa canoa com seus bagulhos. Na solidão da embarcação, Dionísio isolou-se do mundo. O barco parado no porto tornou-se triste e medonho. Durante as noites de preamar os vagalumes iluminavam o barco. Em alguns dias a própria vila, numa espécie de vingança inconsciente, deixou pra lá o recluso homem. Com o tempo Dionísio

já não era o “homem mágico” de outrora, mas um mero desconhecido barbudo que raramente era visto se banhar na maré preamar. O silêncio do barco de mágicas tornou o passado inexistente.

Cerca de dois meses depois do acontecido naquela noite sem mágica, Dionísio voltou a ser notícia: era noite na vila, e aquela era a primeira preamar noturna do mês quando as luzes do barco se acenderam e as bandeirinhas coloridas já desbotadas pelo tempo, surgiram na escuridão. Algumas crianças curiosas se aproximaram do barco e viram um Dionísio barbudo e despenteado trajando suas roupas de mágico, que agora o assemelhavam a um mendigo. Dentro de algum tempo boa parte da vila já havia se dirigido para o porto. Queriam rever o “homem-mágico” e explicações que nunca foram dadas. Quando iam se aproximando do barco, os habitantes da vila viram estupefatos, um homem barbudo envelhecido pela solidão, sentado cabisbaixo num banquinho. Com a voz irreconhecível ele falou aos que ali o observavam.

“Hoje eu sou um amaldiçoado, eu já não sei fazer mágicas. Estou aqui hoje apenas pra lhes contar o que se passou comigo.”

Àquelas primeiras palavras seguiram-se murmúrios surpresos. Com a voz pesada pela melancolia, o povo ouviu a história que até hoje é recontada e magicamente revivida pelos ouvidos de quem a escuta: Tudo começou antes mesmo do primeiro ajudante desaparecer na preamar, numa noite de show Dionísio se encantou por uma jovem na plateia. Depois de flertar com ela por dias, ele a convidou a conhecer o barco e ela aceitou. Ele então a levou aos aposentos da embarcação. Os ajudantes estavam pela vila se embebedando. Nunca souberam daquela noite. Quando a noite avançada já havia esgotado todas as conversas possíveis, Dionísio disse estar apaixonado pela jovem, mas nesse momento ela contou-lhe com espantosa espontaneidade uma arrepiante história que o fez sentir calafrios.

Apesar de achar o mágico um homem muito bonito, ela não poderia dar-lhe esperanças, pois há muitos anos ela aguardava naquele mesmo porto onde o barco estava ancorado a chegada de seu noivo. Sobrevivente da 2ª Guerra ele voltaria em breve para se casar com ela; seu enxoval já estava todo pronto. Onde ela morava? Foi a pergunta feita por Dionísio à misteriosa jovem que lhe respondeu:

“Aqui! Desde que me fiz noiva, moro aqui neste porto. Aqui é a minha casa. A casa da espera. Da minha apaixonada espera.”

Foi com aquelas frases que o mágico se deu conta de que falava com uma visagem. Não havia como voltar, estava perdido para sempre. Antes de descer pelas escadas do porto e alcançar a enchente para desaparecer nas águas escuras, a jovem Cândida disse que logo estaria de volta, que se quisesse ele poderia esperar junto com ela a chegada do seu noivo. Ia ser um dia de grandes festas...

Depois do horripilante caso, Dionísio começou a mudar. Ele não a viu mais depois daquela noite; mas, dia após dia, foi esquecendo suas mágicas. No começo foram apenas esquecimentos rotineiros, mas com o passar dos meses a memória já não era a mesma. Nem o *Grande Manual de Mágicas* lhe ajudou. Tudo estava reduzido à aparição da jovem. Mesmo assim ele ainda conseguiu manter o espetáculo por um tempo, mas com o desaparecimento de um ajudante, ele sucumbiu às suas fantasias, aos seus medos e àquela história que ouviu certa noite, do outro ajudante:

Aos quinze anos, a jovem estava de casamento marcado com um rapaz da região; com a ida do jovem para a guerra, ela ficou sozinha. Um ano depois e ele estava voltando. Mas durante a viagem de volta, o barco que o trazia pelas águas amazônicas afundou e ele desapareceu. Quando soube da notícia a jovem enlouqueceu e passou dias forjando um lúgubre enxoval de flores na margem da maré. No dia seguinte a família encontrou a jovem enforcada no porto.

A trágica história assombrou a vila e com o tempo se tornou uma lenda. O porto foi abandonado e lá, diziam, começou a ser a morada da visagem de Cândida e seu enxoval inacabado...

Com lágrimas nos olhos Dionísio terminou de contar sua história e se despediu do público, desapareceu no interior do barco. As luzes apagaram-se e, nessa noite, até os vaga-lumes não apareceram. Cronistas informais chegaram a poetizar aquela noite, narrando que daquele dia em diante Dionísio estava fadado ao pior dos encantamentos: A maldição de ter conversado com uma visagem. Os anos passaram e sob aquele teto de palha escondido em meio a mata do mangalzinho, Dionísio habituou-se à solidão. Como o fantasma de Cândida fazendo seu enxoval, ele tecia àquela rede tentando subsistir naquele mundo de seres desgraçadamente encantados pela realidade.

Naquele dia em que despertou naufragado em insônias, ele saiu em direção à maré e subiu na sua montaria. Aproveitou a enchente e desceu o rio rumo ao porto abandonado. Quando foi se aproximando segurou a canoa num galho da margem do rio e ficou observando de longe o porto; viu sua antiga embarcação deteriorada pelo tempo. Esperou a preamar. Quando as águas se calaram na quietude do ambiente, ele sentiu a frialdade de um sopro sobrenatural, olhou novamente o porto e nada viu; decidiu então vestir suas galantes roupas do mágico de outrora. Tomou um gole de cachaça e com um grotesco chapéu de palha se fingindo de cartola fez um cumprimento como quem termina um espetáculo e em seguida desapareceu nas águas escuras da grande preamar.



# Às vezes azul

*Mayara Lopes de La-Rocque*

Tenho andado dias debaixo do mesmo sol que, para mim, se põe à meia-noite; e à meia-noite começa um dia, em que eu me desconecto desse mundo e adormeço. É o tempo que se inverte e não nos vemos mais. É o tempo que anda do meu jeito, e desanda dentro do seu espaço, bem debaixo dos seus pés. É o tempo que permanece em seu contrário eterno, e você insiste em dizer que eu sumo por aí, que brinco de pira-esconde por entre as árvores do céu, por entre os prédios da terra; e eu te respondo todas as vezes que não, que eu apenas acompanho o tempo e só permaneço no tempo de mim, em meu contrário eterno.

Você bate à minha porta e me pergunta se estou. Você liga pra minha casa e pergunta se sou eu. Mas todas às vezes eu estou de saída, estou quase sempre com pressa de partir. Digo para que deixe um bilhete. Sim, um bilhete azul por debaixo da porta, e vou saber que é você. “Quando tiver tempo te mando uma resposta, um sinal.

Sim, um sinal azul”.

Foi quando hoje olhei para o dia e o percebi da cor do céu. O percebi repleto de vidros azuis, feito azulejos. Um dia claro quase como água na piscina. Escuro, quase salgado de mar, e embora quase azul-marinho, água dele não caía, mas escorria turquesa, e embora azul-escuro-quase-preto, finalizava uma cor dos olhos da pena de um

pavão. Hoje, meu amigo, posso dizer ser um dia azul. Hoje o tempo vitrifica enfeites, e bilhetes ao monte estão escritos no céu e eles te dizem tudo o que poderias entender. Poderias ao menos saber que eu sou como esse dia, tenho vezes a mais, vezes a menos e às vezes. Sim, às vezes eu estou às vezes eu não estou. Às vezes eu sou, e não sou. Às vezes é o coração que bate. Às vezes são as pernas que estremecem. Às vezes, a fala que é desatina, às vezes é a mesma que engata. Às vezes eu preciso ler a alma de alguém para entender a mim. Às vezes eu preciso que ninguém exista para eu sentir que eu existo em mim. Às vezes eu preciso que alguém leia perdidamente minhas palavras, às vezes eu necessito que elas sejam invisíveis, e só os inteligentes as possam ver. Às vezes eu preciso recuperar minha sensibilidade, às vezes, quem precisa dela? Deveríamos ser duros como pedras e quebrar apenas com as ondas do mar. Às vezes. Sabe, nesses dias que não tenho te visto eu tenho visto como que de repente, assim sem mais nem menos, as áureas das pessoas e finjo não acreditar que vejo. É tudo bobagem, não? É um mistério que talvez não caiba a mim. E eu fujo dele como se tivesse sempre que pegar a um outro trem para um outro lado do mundo, um mundo mais coerente do que esse. Por que às vezes eu sou cheia de às vezes, e tanto faz. Às vezes eu sou tão cheia, que o tanto de tantos me faz estourar. E eu fico vazia novamente. E eu tento me reescrever página por página. Mas o parágrafo para, e às vezes nem começa. Então, chega um momento que as frases continuam como num salto. Um salto da falta que tem um ponto final, para um texto que continua porque suas linhas são tortas, porque sua melodia é frenética, porque sua canção é perdida, e uma canção perdida, de certa forma, não para de prosseguir na tentativa talvez de se encontrar; mesmo que chegue seu fim, não para de procurar; mesmo sem saber o quê. Pode ser uma porta, podem ser duas. Pode ser um rosto, Pode ser um pedaço de doce, pode ser o gosto inteiro do amargo, pode ser alguém, pode ser



o amanhã, pode ser Godot, pode ser o próprio Samuel Becket.

Às vezes eu fico a esperar uma mensagem inesperada; o telefone que toca; o telefone que não toca: o tempo que para. O tempo que corre e o telefone que toca novamente e eu atendo e é você: o tempo que se dissolve. E então você me pergunta como estou, e o que tenho feito. Bem, e eu te digo que o chão que suspende é o mesmo chão que desaba. O corpo que vibra é o mesmo corpo que fica inerte, são os ossos que quebram e a alma que ilumina. Que nós temos um olho que ri e o outro que chora; nós temos olhos que mudam de cor; que ora faíscam cintilantes, ora perdem o brilho; ora se perdem brancos, ora se perdem de tão pretos. E você se espanta: “Nossa, quanto tempo!” E eu respondo que o tempo. O tempo, meu amigo, se constrói de passados dissolvidos num presente sem tempo algum. E o futuro é a cabeça que não para e dá muitas voltas no espaço que se modifica e não volta, e não volta jamais. Mas então, o que tenho feito. Bem, eu tenho sentido uma saudade absurda e não sei exatamente do quê, e tenho mentido um pouco para mim mesma por causa disso. Tenho deixado meus altares se encherem de poeira. Tenho me esquecido dos deuses e também dos homens. Sabe, é esse tempo que me pega desprevenida. Não sei prepará-lo e ele me entra cru e com um sabor estranho na boca - o tempo que é a própria vida; a vida. Tenho imitado a vida como ela tem de ser, mas talvez até agora eu não tenha vivido.

Tenho vestido roupas e sapatos, alguns bem novos, é bem verdade, mas que desbotam um fio a mais, um linho a mais, um tecido a mais, um couro a mais, uma cor a mais, a cada dia que atravesso a mesma rua e me perco pelos mesmos passos. Tenho escrito cartas e mais cartas em pensamento, na tentativa de me comunicar com alguém. Tenho sentido a necessidade enorme de um vocabulário novo, de um dicionário completo para não faltar conversa, nem texto algum. Tenho lido bons livros, de fato, bons autores, mas a sensação

que tenho às vezes, é a de que eles encham ainda mais a minha mente que preciso tanto esvaziar. Você sabe mais do que ninguém das minhas manias loucas, dos meus sonhos loucos. É, tenho tido sonhos loucos sim, mas esse é assunto para outros capítulos. O que eu tenho sentido... É a necessidade louca de parar de querer ver o mundo do avesso e entender melhor sua roupagem que até então eu não visto. E enquanto isso eu ando nua e carrego pudores que me vestem até o pescoço, e pago meu preço por isso; e é por isso que eu tenho sentido uma vontade doida de parar de achar que o mundo todo está de cabeça para baixo e seguir em frente e seguir alto e enfim alcançar a chuva. A chuva que também é azul. Você sabe que eu sempre gostei da chuva. Daquele tempo frio que bate na calçada molhada e volta para o seu rosto levantando os fios da pele, endurecendo seus poros e rachando o canto da boca. Daquelas vilas com ruas pequenas e postes mal iluminados, das quais atravessamos várias vezes pela madrugada para encurtar nosso caminho e atravessar nosso medo; encurtar a nossa fobia de não-ter-ninguém-por-perto justo naquele momento que precisamos tanto. Mas você sabe que no fundo eu gosto de certo medos, eu gosto de correr certos riscos e depois me inundar em choro dizendo que eu me arrisquei demais que eu não poderia ter feito isso que eu não poderia que. No fundo eu sempre gostei do mistério que tem um medo, do mistério que nos tornamos por termos um medo. No fundo, eu sempre gostei de um mistério; daquelas histórias mal contadas, daquelas falas interrompidas e até mesmo das não ditas; daqueles olhares indecifráveis, aqueles dos quais nunca poderemos atingir; daquele sorriso calado que surge do nada e ao nada volta, sem se poder explicar; daquela pessoa que passa e ninguém vê, mas você a percebe e percebe que, por alguns instantes, ela parece parar ao seu lado e você marca, decodifica todo e qualquer movimento e rastro de cheiro; quer sentir o gosto que tem o tato, o timbre que tem a voz,

mas prefere observar os tons, apenas os tons que seguem num ritmo acelerado que para você se torna lento e duradouro àquele momento que se transforma num balão interno que vai crescendo, crescendo, crescendo num alimento diário e insaciável de tanto mistério, mistério, mistério.

Foi assim que um dia conheci um cara. Quando eu o olhava tinha a impressão de que ele ia explodir e a sensação, de que era porque ninguém mais olhava para ele. Isso sempre me intrigou a cabeça, era como se ele possuísse peças que eu tivesse de encaixar. Essa ideia ecoou na minha mente durante semanas, e permaneceu em mim durante meses, quando passamos a conversar. Ele sempre dizia não caber dentro dele mesmo. Repetia claramente: “- Eu não caibo dentro de mim!” e eu não o entendia, apenas ria e ria mais ainda quando estávamos embriagados de tanta noite, tanto dia. E passei por tantas noites e tantos dias sem o entender. E por ser tanta noite e tanto dia, um dia eu o entendi. E hoje, meu amigo, mais precisamente, neste momento eu o entendo ainda mais. É pena que para isso tive que sair de casa, trancar todas as portas e janelas e andar por aí, andar de um lado para o outro como se quisesse marcar todos os espaços por onde os meus pés pisassem. Fiz uma longa viagem e quando voltei para casa, e mergulhei em quadros que eu já havia esquecido, abri armários que já estavam mofados, arrombei gavetas que estiveram trancadas por muito tempo, e reli meus escritos com rasuras em papéis amassados, tive que abrir todas as portas e janelas novamente. Tive que ir até a sacada e olhar o céu e tive que mandar algum sinal para o meu amigo. E se você tivesse olhado para o céu, meu amigo, teria entendido meu sinal azul. Teria entendido que a mensagem era o próprio céu com seus vitrais azuis, com seu dia todo azul e seu tempo todo azul. Teria me entendido mais, com o meu tempo nem quase sempre azul. Nem quase. Nem sempre. Às vezes azul.



# O Filho da Lua e a Princesa da Rua

*Sávio Barros Souza*

O Filho da Lua sempre estava à espreita, nunca era tratado pelo seu nome, sempre o chamávamos assim nas histórias que minha avó contava. Ele cavalgava um cavalo sem cabeça, o cheiro que sua passagem exalava era pútrido, sua voz paralisava o sangue nas veias, coagulava no cérebro e seu chicote em chamas cozinhava a pele das vítimas. Era meu personagem de terror favorito nos contos da minha avó.

Minha avó contava que havia se encontrado com ele há muitos anos, mas ele não a matara, mas apenas a marcara para sempre. Nunca ficou exatamente claro porque ele não havia matado minha avó; eu e meu irmão achávamos que ela tinha alguma coisa que ele queria, éramos crianças e qualquer coisa atiçava nossa imaginação. Mas ela tinha uma cicatriz para provar seu encontro. Eu e meu irmão estávamos sentados no pátio da nossa casa do sítio. Estamos passando férias no sítio da minha família, minha avó estava sentada em sua cadeira de balanço bem em nossa frente.

Meu pai era um homem gordo e barbado, ele estava dentro de casa. Tinha uma cerveja na mão direita e o controle da TV na mão esquerda, mas a TV estava parada em um único canal, no futebol. Era uma quarta-feira à noite. Minha mãe tinha morrido há muito tempo. Meu pai dizia que não era culpa minha, mas eu sentia dentro

de mim a culpa muda. Ela morreu ao me dar à luz e a saúde física e psicológica do meu pai só decaiu depois disso.

Minha avó nos contava pela milésima vez as histórias da sua juventude e seu encontro com o Filho da Lua. Ela que ensinou a mim e meu irmão a chamá-lo assim, pois ela dizia que a lua era sua mãe. Quando ela fica cheia era de raiva porque seu filho rebelde havia matado outra pessoa, quando ela sumia no céu ela vinha para a terra para procurar seu filho desgarrado e quando ela parecia um sorriso seu filho havia lhe agradado, voltando para casa

Assim começou minha avó:

“Era o auge da Segunda Guerra. Os exércitos malignos de Hitler tinham invadido a Polônia. Meu pai e nossa família não éramos judeus, então não tínhamos porque temer. Mas não poderíamos suportar fazer parte de um governo tirano e violento e não queríamos ficar perto dos horrores da guerra. Nós éramos pacifistas em tempos muitos difíceis de ter qualquer crença. Meu pai resolveu que era hora de mudar. Ir para um lugar onde a guerra não tivesse chegado com tanta força, onde o povo fosse bom e hospitaleiro, onde nós pudéssemos recomeçar e ficar livres dos horrores. E escolhemos este país. Era exatamente o que nós queríamos um país jovem, que estava começando, com um povo receptivo. Nós não sabíamos falar a língua, mas aquilo era um detalhe naquele momento. Meu pai montou um pequeno mercado e vivemos felizes por muito tempo. Até quando as coisas estranhas começaram a acontecer.”

As coisas estranhas que minha avó falava me impressionavam, assustavam e fascinavam ao mesmo tempo, mas meu irmão fez uma careta quando minha avó disse isso. Ele sempre me disse que não acreditava no que ela dizia, que esta parte da história era apenas sandice de uma velha gagá. Mas eu achava que ele morria de medo, e essa sensação nunca me abandonou. Eu confesso que não acreditava

que essa parte da história fosse real também, mas só o fato de ela existir já alimentava minhas ilusões.

Ela continuou sem dar muita importância à careta do meu irmão. Foi aí que eu vi que ela havia mudado ligeiramente a história.

“Quando eu completei dezoito anos comecei a ter sonhos muito ruins, muito ruins. Quando eu dormia vinham imagens de matanças há muito esquecidas na minha mente, do medo que as pessoas sentiam quando estavam cara a cara com a morte, eu podia quase respirar o ar que elas respiravam em grandes golfadas, podia sentir as batidas dos seus corações que pareciam bater junto com o meu. No início eu fiquei muito confusa, eu não sabia que era ele me preparando para sua chegada.”

Em suas histórias anteriores ela sempre dizia que seus sonhos eram com ele. Com sua forma, seu cavalo, suas roupas e seu jeito cruel. Mas parecia que ela tinha passado por tormentos ainda maiores, ela nunca havia falado daquele modo.

“Era uma noite chuvosa de março. Pegamos o costume das pessoas desta cidade de sentar na porta das casas quando escurecia. Quando a chuva parou, eu peguei uma cadeira e coloquei na porta da nossa casa, fiquei observando o movimento das pessoas que passeavam, namorados que não se tocavam, crianças que brincavam. Fiquei lá até perto da meia-noite, o movimento tinha quase parado. Minha mãe já tinha me chamado duas vezes e eu estava pronta para entrar. Quando ele surgiu. Ele vinha cavalgando do fim da rua, umas quatro casas depois da minha. O cheiro de podre exalou por toda a rua. Ele vinha cavalgando lentamente, mas eu não podia ver a cabeça do cavalo, ao invés disso eu o via claramente. As patas do cavalo não faziam barulho quando ele pisava no barro e nas pedras da rua. E quando dei por mim ele estava bem na minha frente.”

Eu sempre me assustava com a descrição que minha avó fazia

do seu primeiro encontro com o Cavaleiro da Noite, era como se fosse possível vê-lo.

“Ele estava todo trajado de preto, suas botas, suas calças, sua camisa era preta e lúgubre como a dos padres de antigamente e sua pele era negra como a noite que nos cercava. Só a imagem daquele homem magnífico era suficiente para me fazer esquecer o cheiro que a cabeça, ou a falta dela, no cavalo exalava. Ele estava bem na minha frente. Seus olhos me olhavam, macios como plumas e ele abriu um sorriso. Desceu do cavalo e me disse assim: – Meu nome eu não me recordo, mas alguns me chamam de Filho da Lua. Eu gostaria que uma belíssima e nobre dama como a senhorita me acompanhasse em um passeio, aceita? – então ele estendeu a mão para mim e inclinou o corpo, o gesto mais cortês que um homem já dirigiu para mim.”

A história não mudou mais até aí, mas eu e meu irmão não esquecemos aquela mudança simples. Pode parecer paranoia, mas nossa avó nos contou pelo menos por dez anos a história do mesmo jeito. E, de repente, a história muda do nada. Ela era muito velha, mas não era caduca. Nós sabíamos que a história tinha mudado por algum motivo. Depois de contar esta parte seus olhos miraram o horizonte atrás de nós, como se ela ainda pudesse vê-lo.

“Quando ele me estendeu a mão meus gestos foram mecânicos. Levantei-me, me virei de costas, peguei minha cadeira e entrei em casa. Sem gritar, sem desesperos e acreditando que não passava da minha mente já cansada. Quando me virei para fechar o portão, esperando que ele tivesse ido embora, nunca vou me esquecer da cara de decepção que ele fez. E quando ele e seu cavalo viraram uma luz prateada, a Lua estava bem acima de nós”.

Meu pai resmungou alguma coisa da sala. Parecia que o time dele estava perdendo, isso o chateava muito. Minha avó se virou e perguntou se estava tudo bem. Meu pai respondeu, na sua voz



embargada de bêbado que estava e continuou com sua atenção virada para a TV.

Minha avó virou de novo para mim e para meu irmão e ficou nos olhando, com seus olhos claros e um sorrisinho sapeca no rosto.

“Vovó, a senhora nos contava da primeira vez que viu o Filho da Lua...”

“Eu sei, meu filho, eu estou velha e não caduca.”

Minha avó era a pessoa que mais amávamos nas nossas vidas, também pelo fato de não aceitar de forma alguma que qualquer pessoa insinuasse que ela estava ficando caduca. Incluindo seus únicos netos.

“Eu estava reparando o quanto seu irmão é parecido com seu pai” – ela olhava para mim com seus olhos azuis. Eu não havia puxado para a família da minha mãe eu tinha nascido muito parecido com meu pai. Minha pele era negra, meu nariz era largo, mas meus olhos eram claros como os de vovó. Não chegavam a ser azuis, mas eram verdes.

“Voltando à história que eu contava antes de ser interrompida pelo futebol do pai de vocês. Eu continuei indo até a porta todas as noites, ao mesmo tempo em que eu tinha medo de olhar para ele eu me sentia atraída. Mas ele nunca mais apareceu. Eu ainda era jovem, por isso tinha toda a minha vida para esperar. Até que um dia ele voltou, da mesma forma de antes. Ele vinha subindo a rua calmamente, o cheiro do cavalo exalando por toda a rua. Mas desta vez eu estava decidida a falar com ele. Ele parou bem à minha frente e desceu do cavalo, mas não me pediu que fosse passear com ele. Ele me disse outras palavras: – Todos estes dias eu passo por aqui e vejo muitas pessoas, incluindo você. Vejo na maior parte moças, mas nem todas são tão bonitas quanto você. Se me permite a ousadia, me arrisco a dizer que você é a princesa desta rua – ele falou isso sorrindo. Sua voz era assustadora, mas era muito cavalheiresca e

brincalhona – por que princesa e não rainha? – ele pareceu surpreso que eu não estivesse mais com medo, e até eu fiquei surpresa com minha ousadia. Mas a resposta dele foi mais surpreendente que qualquer coisa – Todas as rainhas envelhecem, mas você parece não envelhecer nunca. Levante-se! – Eu me levantei e ele pegou minha mão esquerda. Foi como se toda a dor do mundo pesasse sobre os meus ombros, mas estar com ele era como se todo esse sofrimento não pudesse me machucar. O toque era frio como gelo, mas nos olhos dele ardia uma luz fria como a da lua.”

Minha avó esfregou a mão esquerda, que já estava toda enrugada, mas a cicatriz ainda era bem visível no ponto em que ele a tocara. Ela parou de falar por alguns momentos e ficou parada. Acho que ela tentava se lembrar do momento exato em que a marca foi feita. Era um momento muito forte, ela viu todo o sofrimento do mundo condensado em um único ponto. Feliz aquele que não viu o que ela viu naquele dia, mas se tivesse dado a ela a oportunidade de escolher ver ou não ela escolheria ver. Era uma mulher que escolhia o conhecimento ao invés da escuridão, e ele também há escolhera. Depois ela continuou, como se nunca tivesse parado.

“Ele continuou falando: – Todas as rainhas envelhecem incluindo minha mãe – nesse momento ele olhou para cima e a Lua brilhava amarela sobre nossas cabeças. Eu me afastei dele, entrei em casa, quando me virei para fechar o portão ele continuava lá parado. Mas seu rosto não era de decepção. Seu rosto mostrava que ele seria o único homem que me entenderia depois daquele toque, e ele sabia disso. Depois desse encontro eu tive muitos pesadelos, mais terríveis e mais intensos que antes. Mas dentro de mim eu sabia que isso era alguma coisa dele.”

Minha avó estendeu a mão esquerda e nos mostrou a cicatriz, a forma de serpente ainda estava lá. Era estranho, pois nas outras

histórias que minha avó contava apenas a voz dele era suficiente para paralisar as vítimas, seu toque causava uma dor quase mortal, mas quando minha avó contava sua própria história era como se ele não quisesse machucá-la, mas não pudesse evitar. Por isso tentava infligir o mínimo de dor possível. Nas outras histórias ele era um homem impiedoso e cruel, e tratava suas vítimas como objetos de sua diversão. Mas enquanto minha avó falava dele eu percebi que outros sentimentos afloravam das palavras dela. Isso me assustava, mas ao mesmo tempo me relaxava.

“Agora, meus netos, está na hora de eu contar do meu último encontro com o Filho da Lua...”

Eu e meu irmão nos calamos e até paramos de respirar. Sempre achamos que o toque havia sido o último encontro dela com o cavaleiro de preto, mas ela parecia que tinha mais alguma coisa para nos dizer. Ela não conseguiu terminar. Um cheiro de podridão encheu o ar. Eu e meu irmão fechamos nossos narizes, mas minha avó respirou bem fundo e sorriu. Dizem que as lembranças mais firmes sobrevivem através dos odores.

“Acho que chegou a hora...” – suas palavras eram doces e enigmáticas, seus olhos apontavam para algo atrás de nós quando sua cabeça tombou para o lado e ela morreu. Eu ouvi um barulho atrás de nós, mas meu irmão não pareceu ter ouvido. Ele olhava para nossa avó fixamente. Eu me virei para trás e um homem todo de preto atravessava o jardim que circulava toda a casa. O homem estava vestido todo de preto e sua pele era negra; quando ele se aproximou do pátio eu pude ver seu rosto. Ele era muito parecido com meu pai, logo era muito parecido comigo também.

Ele passou entre mim e meu irmão; eu não podia sentir nada que viesse dele; não podia ouvir sua respiração, nem sentir as batidas do seu coração, mesmo que meus sentidos estivessem aguçados pelo

medo naquele momento. Mesmo assim ele parecia mais vivo que eu. Meu irmão estava em estado de choque, ainda se dando conta do que estava acontecendo com nossa avó.

Ele parou na frente da minha avó e tocou sua mão esquerda e puxou-a para si, mas minha avó não se moveu do lugar. O que ele puxou para si foi uma moça que parecia ter saído de dentro daquele corpo frágil de idosa. A voz dele era realmente assustadora quando chegava aos ouvidos, mas eu pude ouvir claramente o que ele disse.

“A rua se foi, as casas se foram, as outras moças não estão mais aqui, mas minha princesa continua a me esperar. E como uma princesa você não envelheceu nem um dia.” – Ele a olhava nos olhos.

“Eu vi a Lua nascer e morrer muitas vezes depois que fizemos amor pela primeira vez, mas eu não estava pronta para ir para sempre deste mundo. Agora eu estou.” – A moça ainda tinha os traços de minha avó, mas seu cabelo não era mais branco e agora havia ficado novamente loiro; ela era branca como gelo e seu vestido era de um azul muito claro de límpido.

Os dois atravessaram o gramado do sítio até o cavalo, o Filho da Lua era um ser amaldiçoado que sabia amar. O corpo de minha avó continuava lá na cadeira de balanço, seus bracinhos magros haviam tombado em seu colo e sua cabeça descansava para o lado, acho que ela dormia o sono dos justos. Os dois se desfizeram em uma luz prateada e a Lua lá em cima surgiu de entre as nuvens; ela parecia sorrir para nós. Meu pai resmungou uma pergunta, sobre o que estava acontecendo, e eu respondi:

“Pai, a vovó foi embora com o vovô.”

# “A pipa azul”

*Elias Abner Coelho Ferreira*

Abriu lentamente os olhos ao acordar. E a primeira visão que teve foi de um forte clarão que em segundos dissipou a tremenda escuridão há pouco reinante em seu pesado e triste inconsciente. Os olhos, não suportando a luz, fecharam-se rapidamente. Só aos poucos, bem devagar, foram se abrindo outra vez e se adaptando a ela. O clarão foi ficando cada vez mais tênue e lentamente tomando forma delineada. A luz começou a se concentrar, distinguindo-se do restante. E a primeira forma concreta que surgiu foi a de um objeto comprido e muito reluzente, suspenso acima de sua cabeça. O objeto pouco a pouco começou a mostrar os limites de seu verdadeiro contorno e lentamente precisando suas reais dimensões... Até, por fim, surgir em definitivo e tomar a forma de uma simples e comum lâmpada fluorescente. Havia várias delas, aliás, enfileiradas no teto branco de PVC.

Ficou a observá-las, uma a uma, por entre os olhos semicerrados. Por incrível que pareça só agora percebeu que nunca havia prestado muita atenção em lâmpadas, fluorescentes ou não. Eram tão comuns e estavam em quase todos os lugares, mas por vezes passavam despercebidas. Era de se espantar que durante praticamente o dia inteiro poucos lembrassem que elas existiam, só lembravam ao

acendê-las durante a noite e de apagá-las pela manhã. Mas agora percebia bem a importância que tinham: fez-se a luz e a luz iluminou as trevas, das quais acabara de emergir.

Examinou cuidadosamente o lugar onde estava o máximo que pôde. Buscou interrogar cada canto desconhecido até onde a vista ainda cansada conseguia alcançar. Apesar do esforço não o reconhecia. Onde estava? O que acontecera, afinal? E que vultos brancos eram aqueles que via passar de vez enquanto por perto? Seriam anjos? Anjos...

A cabeça doía fortemente, em pontadas finas e estridentes de dor, com o mínimo movimento e até mesmo com o simples mover dos olhos interrogativos. A dor o deixava confuso, mais do que parecia estar e só servia para complicar ainda mais a situação incógnita em que se encontrava. E por mais esforço que fizesse não conseguia compreender o que havia acontecido anteriormente. Só tinha a certeza de que estava tudo tão confuso... Havia a dor. Tão escuro (mas não estava claro?). Tão só... Mas espere! Parecia nevar. Não nevava? Em pleno verão amazônico? A dúvida.

Se nevava não tinha certeza. De nada tinha certeza, nem mesmo se ainda estava vivo ou se estava em meio a um sonho incompreensível. Tudo estava muito obscuro em sua mente aflita, e os lampejos de lembranças não o ajudavam em nada. Eles serviriam muito agora, por mais que fossem insignificamente pequenos e pobres. Tudo serviria; tudo que viesse clarear os sentidos e trazer à memória o porquê de estar ali naquele lugar desconhecido. Por que a lembrança de alguma coisa não poderia ser simples como uma lâmpada fluorescente que ao ser ligada traria luz para a escuridão, ajudando as pessoas desorientadas a encontrarem o caminho que procuravam? Tentou procurar um interruptor para ligar a lâmpada da memória. Nada. Mas não desistiu.

E pouco a pouco na obscuridade de seus pensamentos começaram a surgir algumas vagas e incompletas lembranças, como flash de uma vida distante. Por vezes vinham, passavam ligeiramente diante de seus olhos fechados e sumiam no nada; não conseguia processá-las completamente e pareciam sem sentido algum. Era uma manhã, aquela – lembrou-se. Deu bom-dia para uma senhora que passava com uma criança no colo... “Tá quente, filho?” Quente? Quentinha tia...! Apagou novamente. Viu-se depois num lugar calmo e sem ninguém, como em uma cidade fantasma, só tinha a sensação de plena liberdade... “Ei, garoto, cuidado!” Virou-se. “Meu Deus! Alguém chame...” Interrompeu os pensamentos e apertou os olhos em mais uma crise aguda de dor, fazendo com que em instantes as fagulhas de lembranças a muito custo reunidas fossem apagadas completamente. Escuridão e silêncio outra vez.

Ficou quieto esperando a dor passar, tentando recuperar a cadeia de pensamentos interrompida. Sentiu uma brisa fria acariciar-lhe o rosto. Abriu os olhos pela metade. O ventilador que até então permanecia parado girava mansamente suas palhetas enferrujadas pelo tempo. O tempo parecia não passar e nem mesmo sabia se agora era manhã, tarde ou noite. Faria alguma diferença saber? Foi quando duas pessoas entraram pela porta que se abria ao lado conversando mansamente, como se quisessem não ser ouvidos, e ele só conseguiu ouvir algumas frases incompletas e sem sentido “... Da perna e um dos braços, apenas... Foi muita sorte... Muita sorte...” Perna? Braço? De quem? Na verdade somente agora notara que não conseguia se mover... Seriam os seus?

Tentou levantar e chamar alguém para pedir uma explicação, porém o máximo que conseguiu foi erguer alguns centímetros a cabeça do travesseiro e ver quem eram aquelas pessoas. Uma delas, um homem todo de branco e com um ar sereno, não reconheceu

de imediato (seria um anjo?). Já a outra lhe era bem familiar... O vestido amarelo florido (eram margaridas, não eram?)... Aquele rosto corado do sol do Vêr-o-Peso... E os cabelos castanhos então? Os olhos verde-claros desbotando num quase cinza... Os olhos. Por que estavam aflitos e vermelhos? Por que estão vermelhos, mamãe? Quis perguntar. Por que a senhora está chorando? Os lábios mudos produziam uma dezena de palavras murmuradas silenciosamente e que só ele conseguia compreender. Chorou também. A mãe beijou-lhe a testa suavemente e sorriu para ele. Um sorriso manso, como de quem promettesse alguma coisa, mas que tivesse quase certeza de que não conseguiria cumprir... Quem sabe festejassem seu aniversário! Era na próxima semana, não era mamãe?

Era sim. Mas o sorriso triste que ela forçava não tinha nada a ver com isso, era simplesmente uma forma de querer suavizar a culpa que sentia corroer-lhe a alma pelo que aconteceu... “Tão novo, tão novo – vivia dizendo a si mesma – e eu não devia deixar ele fazer isso... eu dou conta...” Mas no fundo era preciso e eles sabiam que era. Ainda era muito novo sim, um rapazinho apenas, mas compreendia a situação da família e por isso sabia que seria preciso o sacrifício. Até quando?

Continuou deitado, imóvel; mudo. Olhava a mãe com os olhos cheios de lágrimas vacilantes, que ora apertava como se quisesse vê-la melhor, ora os arregalava com o entusiasmo de uma descoberta, como um naufrago avistando ao longe uma ilha paradisíaca, ou de uma súbita lembrança, quem sabe? Não conseguia compreender como a atmosfera do lugar havia mudado, mas percebia que com a presença da mãe ali conseguia aos poucos encontrar o interruptor da lâmpada da memória e clarear os pensamentos. Começou a lembrar das coisas vagarosamente... As lembranças vinham mansamente ao seu encontro de forma completa e perfeita. Em pouco tempo



lembrou-se de tudo que aconteceu. E o acontecido foi tão rápido e inesperado que nem teve como evitar...

Acordou cedo naquele dia, como sempre fazia desde quando passou a estudar à tarde. A mãe já tinha levantado fazia tempo e o cheiro do café que ela estava fazendo perpassava por entre as frestas das paredes de madeira e exalavam por toda a casa. Levantou-se ainda pensando nas histórias que o avô contara na noite anterior. Tomou banho com a água fria do tanque e bebeu um pouco do café quente com um pedaço de pão com manteiga. Pediu a bênção e beijou carinhosamente a mãe, pegou o carrinho e saiu. O dia estava lindo lá fora e o movimento já era bem intenso. O sol de junho já ardia gostoso. Sorriu.

As pessoas lotavam as calçadas do Comércio naquela manhã. Tentou abrir espaço por entre elas e com muito esforço conseguiu passar. O sufoco foi passando aos poucos. As pessoas se dissiparam rápida e apressadamente, sumindo pelas ruas estreitas como por mágica. Viu-se só ali. As ruas estavam vazias: sem gente, sem carros, sem barulho. O céu limpo, sem nuvens. Havia algo errado? Lembrou-se do Curupira da história do avô e sentiu medo de estar enfeitado; mas em plena Cidade Velha? Isso não era coisa do mato? Deu de ombros e desceu da calçada para atravessar a rua. Os olhos sonhadores agora estavam fixos na pipa azul que rodopiava lá no céu dando ponta-cabeça... Bem que poderia ser ele a guiá-la, percorrendo aquela imensidão azul como um pássaro livre sem limites para voar. Sentiu-se livre também, como se ele e a pipa fossem um só, cavaleiro galopando em busca de aventuras rumo ao desconhecido... Nisso ouviu um som agudo, distante, que parecia vir do nada e lhe deu uma sensação de medo, e o fez perceber que a liberdade era passageira. O som cresceu rapidamente e ele deu um pulo de susto quando percebeu o que já estava bem próximo. Arregalou

os olhos atônitos olhando em volta. Tudo estava ali: as pessoas, os carros, os berros dos ambulantes. Tudo estava como sempre estivera. Tudo aconteceu tão rápido... A buzina enlouquecida... O choque! A neve caindo turvando o sol... Seu carrinho de pipocas amassado sob as rodas dianteiras do ônibus. E ele ali, no chão. O sangue lhe escorria pela face, enquanto um homem gritava desesperado com as mãos na cabeça pedindo para alguém chamar uma ambulância. E a pipa azul voando solta por entre as nuvens – que haviam chegado sorrateiramente – livre e agora sem ninguém no controle... Ele ofegando... Ela rodopiando... Ele desfalecendo... Ela sumindo... Sumindo... Até desaparecer completamente no horizonte distante...

E o horizonte também sumiu.

# Amigos.com

*Marcelo Pires Dias*

Na época da escola era muito importante estar em um grupo. Assim era possível tirar “brincadeiras” pesadas com as meninas e amedrontar os moleques das séries inferiores. Não havia internet naquele tempo, só em banco e era raro ter um amigo de verdade, sobravam colegas para as brincadeiras de rua, para pregar peça nos outros e até para contar histórias de assombração.

Anos depois, ainda conservo algumas antigas amizades na página de um site de relacionamentos que pouco uso, muitas dessas pessoas talvez nem falaria comigo na rua, mas é importante estar lá e conservar essas amizades, pode ser que um dia a gente se reúna...

Viro a noite em frente ao computador depois de levar trabalho para casa, o que é comum. Durmo sob o teclado e quando me espanto já é de manhã, o sol já aparece. O dia parece estranho...

No total, a minha página no Face (outro site de relacionamentos badalado do momento) tem 347 “amigos”, 80% dos quais nunca tive contato no mundo real e nem vi pessoalmente, a maioria são amigos do amigo de um colega distante. Às vezes adiciono as garotas que conheço ou que saio eventualmente, assim não preciso necessariamente ligar no outro dia e não esqueço os nomes delas. Basta adicionar ou add. Todos esses amigos parecem ser legais,

cheios de qualidades, sempre bem vestidos, nos melhores lugares, com as melhores fotos, lendo os melhores livros e comentando os filmes como críticos de cinema. Não é raro postar frases de escritores famosos, muitas apócrifas, as da Clarice Lispector são as que circulam mais. De longe todos são agradáveis e pouco ameaçadores.

Chego no trabalho e a internet está fora do ar. Passo a tarde toda sem internet, o que é pior que ficar sem água para tomar banho ou sem comida na geladeira. Esse é o ônus do mundo digital, inventam coisas que você conseguia viver antes e não consegue viver depois... exemplos: celular, mp3, internet móvel.

Recebo a ligação desesperada da minha irmã.

– Marcos, não sei o que aconteceu, mas tem um monte de gente ligando e te procurando... tenho uns vinte recados anotados. Tu ficas distribuindo o número residencial por aí é?

Estranho. Quase nunca dou o telefone residencial! Será que atropeli alguém e não percebi ou deixei de pagar alguém ou deve ser esse pessoal do telemarketing querendo vender. Hoje nem é meu aniversário para tanta gente me ligar.

2º dia. 9h36 da manhã.

Acordo tarde. Ligo o celular e levo um susto: 77 ligações perdidas, a primeira 7h15 e a última 9h34. Quem podem ser essas pessoas me ligando desde cedo? Desconheço todos os números. Pelo menos três não são do país. Tudo isso é muito estranho... não esperava ligações de ninguém, muito menos nessa quantidade abusiva.

Entro na web e percebo que a página do Face está fora do ar. Procuo a causa nos fóruns da web e descubro que a página está fora do ar desde ontem à tarde. Parece ter sido um ataque hacker pesado. Afetou meio bilhão de usuários.

Sigo em frente. Chego um pouco tarde na agência. Todos me olham com ar de preocupação. Ocupo minha mesa, checo meu e-mail e levo outro espanto: 347 mensagens não lidas! A primeira vez que tantas mensagens ficam sem leitura, geralmente isso acontece quando viajo para lugares sem conexão, como o interior, mas nunca nessa quantidade. Abro alguns e leio mensagens com as palavras “amigo”, “saudades”, “quanto tempo”... parece que todos me conhecem e desejam interagir comigo, mas não vejo motivo para tanta gente desconhecida me procurar... nem sou famoso ou algo do tipo.

Já voltando para casa, o trânsito caótico do Entroncamento me consome. Consigo pegar uma transversal com trânsito livre e quase bato um ciclista... foi por pouco. Sigo tranquilo ouvindo música... quando percebo que alguns carros parecem me seguir.

Tento sumir da vista dos carros, mas parece que realmente três carros me seguem. Acelero. Entro na avenida João Paulo. Avanço um sinal e deixo os perseguidores para trás. Será que queriam me sequestrar? Isso nunca aconteceu. Não é comum desconhecidos te seguirem por quase 15 minutos! Algo muito estranho está acontecendo. Queriam me sequestrar?

Não vejo mais nenhum suposto carro me perseguindo.

Em casa, chego suado e preocupado. Parece que não durmo há anos em dois dias com tudo isso. A casa está vazia. Abro a caixa do correio e lá dentro muitas cartas. Muitos postais, convites, cartas, cheques postais. Como pode? Quase sempre recebo contas e nunca cartas pessoais? Os remetentes são os mais estranhos possíveis... desde Frankfurt (não conheço ninguém na Alemanha) até Porto Alegre, a qual não viajo há muitos anos.

Tenho a sensação de estar sendo observado e seguido ao mesmo tempo.

Acesso a internet e vejo que há muitos convites de pessoas que querem me adicionar na rede social. São muitas pessoas, nenhuma conhecida.

É melhor ir dormir. Amanhã tudo irá se resolver, assim espero.

3° dia, 7h45

– Acorda Marcos! Acorda logo! Tem umas duas pessoas estranhas te procurando... estão lá fora!

– Quem pode ser uma hora dessas? - olho pela fresta da janela  
– não conheço nenhuma.

Resolvo sair pela porta dos fundos. Pulo o muro baixo do vizinho e saio na outra rua. De longe, percebo que não são só duas pessoas. Há mais gente e todas olhando pela janela da minha casa, batendo na porta, conversando entre si... o que querem essas pessoas?

Ligo para o trabalho. Digo que estou doente e não poderei ir, mas recebo a informação de que há pelo menos umas nove pessoas me esperando no escritório... todas querem tratar de assunto particular. No celular, 70 ligações perdidas, 140 mensagens não lidas, 216 e-mails não lidos, 352 pedidos de amizade no Face! Isso é muito estranho! Como pode? Tantas pessoas me procurando e querendo amizade?

Ligo para um dos números.

– Olá, quem fala?

– Sou eu, Marcos, a Mariana, quanto tempo...

– Não conheço nenhuma Mariana que tenha esse número...  
por que você me ligou?

– Na verdade somos amigos... pelo menos no mundo virtual

– Por que me ligou?

– Você disse que queria me conhecer pessoalmente fora web...

recebi por DM (Direct Message).

Desligo.

Então todas as pessoas da minha página de relacionamento receberam uma mensagem que não enviei e agora me seguem? Deve ter sido um erro do site. Não pedi para conhecer ninguém... e nem que me seguissem... isso é absurdo.

Depois de vagar pelas ruas do bairro, resolvo voltar para casa.

A casa está vazia. Tudo está calmo. Até que surpreendentemente percebo uma grande movimentação na rua... olho pela janela e vejo uma multidão de pessoas. Homens, mulheres e crianças, gente conhecida, muitos desconhecidos... todos com objetos na mão... alguns com discos, outros com livros, álbuns de fotografias... instrumentos musicais, alguns com comida.

Atendo uma das pessoas na porta.

– Opa, Marcos? Tudo bem? Estamos todos aqui. Viemos atender seu pedido... somos todos amigos e queremos conversar...

– Mas quem chamou vocês aqui... eu nem te conheço e nem a maior parte de vocês!

– Oras, o chamado foi seu. Recebi a DM... lá dizia que queria encontrar com todos, aqui na sua casa...deu o número de telefone, o endereço... dizia que haveria uma grande reunião e queria todo mundo aqui...

– Definitivamente não fiz isso...

– Estamos aqui. Não vai nos convidar para entrar?

– Não.

De repente um dos “amigos” tomou a frente e disse:

– Vamos invadir!

Todos correram em direção à porta e forçaram a entrada... em poucos segundos derrubaram a porta, quebraram as janelas e seguiram em minha direção. Fugi para o quarto. Eles reviraram a casa

à minha procura, derrubam a mobília gritando em coro... Marcos! Queremos você aqui! Não fuja... somos amigos!

Pulo a janela e corro pela rua desesperado. Uma das pessoas percebe e chama os demais para correrem atrás de mim. Em poucos segundos há uma multidão correndo atrás de mim!

Corto caminho pelos quintais... saio na outra rua, uma viatura da polícia percebe que estou correndo e a multidão me seguindo e também inicia a perseguição... as sirenes são ligadas... os transeuntes entram na perseguição... pensam que sou um ladrão! O que era pequeno, agora tomou uma proporção enorme!

Corro o mais rápido que posso... mas as pernas não aguentam... a polícia começa a atirar. Levo um tiro na perna. Tento ir em direção aos policiais para explicar, mas levo outro tiro... já há um cordão de isolamento e uma multidão muito grande assistindo tudo.

Um dos perseguidores toma a frente e grita:

– Só queríamos ser seus amigos!

Desmaio...

8h43 da manhã

– Marcos, acorda! Já tá na hora de ir para o trabalho...dormiste em cima do teclado...fica perdendo tempo no Face – disse a minha irmã.

Vejo o e-mail e nenhuma mensagem não lida, no celular, nenhuma ligação perdida...tudo parece normal...foi um pesadelo.



# Nada S/A

*Ana Lúcia da Conceição Ramos Maracahipe*

Não sinto nada! Eu deveria sentir? Pergunto a você, senhor dono das verdades! Vazia, eu? Sua resposta pronta é que me parece vazia de sentido. Covarde? Até pode ser. Mas isso não explica o motivo de eu não me apaixonar. Paixão! Sabe? daquelas que tiram o fôlego, que causam encrências, que definham os resquícios de amor próprio, de limites morais. Imoral, sim! É assim que enxergo a paixão. Mas não é por isso que eu não me apaixono. Falta tanta coisa nos carinhas que saio. As relações são sempre assim: um misto de tesão com conhecimentos apurados do corpo masculino. Mas depois são dois corpos separados, que já não tentam ocupar o mesmo lugar no espaço. Se os uso, não sei? Você precisa entender! Sexo é troca momentânea! Compreende? Eu faço por eles o que eu espero que eles façam por mim, antes e durante, depois é depois. É quase um sistema capitalista. Quando acaba, não tenho nada para dizer, doar, trocar ou vender, entende? Não sinto nada! Você acha que eu sou D-E-P-R-A-V-A-D-A? Você pode me ajudar? Tem alguma coisa que eu possa tomar? Você pode me dá um estimulante ou um novo medicamento à base de “adrenalina amorosa”, revestido com uma tarja preta com os seguintes dizeres: não tome na presença do seu médico, danos irreparáveis para Vidas Cretinas. Ridícula, eu? Sei lá!

O carinha, ali da esquina, me olhou com aquele ar de: se ela desse pra mim, não precisaria entrar nesse lugar... Você também acha que “uma bem feita” com um desconhecido me daria à sensação de descontrole, de perda, de paixão? Não desiste de mim! Você poderia me ajudar se achasse alguma coisa... menos abstrata, entende? Ela está abaixo do meu umbigo. Não estou me insinuando! É que esse jogo é como cocaína. Quando percebo já estou em você e você já está em mim. Mas eu não sinto nada! Posso ver o seu rosto, ouvir seus gemidos, transformar essa sua vida regrada e patética em cena de filme de ação, mas no final não tem happy ending, por que você não vai significar nada pra mim, entende? Mas isso não tem importância agora. Vem cá, me deixa fazer você viver por alguns segundos dentro de mim! Delegacia. Quero saber desde quando é proibido ser libidinosa? Tudo bem! Eu vou embora. Você não me ajudou em nada! Médico imbecil e brocha. Mas saiba que quem perdeu foi você. Por que eu já estou acostumada a não sentir nada.

# A bailarina

*Leandro Cavalcante Lima*

Decidida e atenta a bailarina atravessa a rua. Para onde vai com sua ansiedade? Passos indiscretos. Transcreve nas esquinas, conjecturas das sapatilhas em repouso. Pousa. Observo suas torções na avenida. O palco: sua arte, sua casa, sua arena. Ela sua, porque luta. Por que deliberadamente cruza as pernas enquanto caminha? Qual sua posição? Seu paradigma estético? Por que enfrenta os transeuntes com doçura, se não pode ampará-los?

Conforta com um toque. Não. Esse despropósito é intransigente. E está fora das tuas entrelinhas dispersas. Cacos de frases desconexas se confrontam. Uma xícara de chá? Haroldo entenderia teu desígnio. Eu não, mortal que sou. Quero as horas incontidas do bailar. Mas, apesar de olhar, tocar com teu inconsciente, não podes querer desejo. Teu movimento é eufórico. O entender é avesso. Chegas nas margens do tráfego. Atravesso em teu encaicho. Não, não. Sai, sai. Agora tenho que ler os escolhidos traços meus. Fora observador! Diz-me tu nos olhos fixos.

Ela lança-se no espaço da dor, da luz, da poeira e baila. Baila, baila, baila. Contemporânea da infinitude, convidativa dizes: não quero, mas vem. O gesto é perspicaz. Não guarda as intenções do gesto meu. Só posso desentendê-la. Lê-la nas suas facetas convergentes é

uma possibilidade. Ela não se dará por inteiro. Confusões são sempre permitidas. Contudo, o enlaço precisa manter-se com fitas sinceras. Vira as costas e entra em uma casa. Teatro “De los pasitos”. É meu lugar ausente. A mão alva e rosada diz: entra sem medo. Na penumbra do patamar interno, olha. Os cílios escrevem na mão da consciência. Agora aprecia homem.

Ela desaparece por entre a gente. Massa de corpos alegres se beijam tocam e falam. Meu in-lugar. Estou onde? Cá meu corpo. Sou similar. Inverossímil. Sentados, braços dados se consomem em expectativas. De uma perspectiva solo: desejo, espero. Sonora a luz anuncia o espetáculo. Labirinto. Quem é esta?

A bailarina se espalha nos espaços retorcidos enquanto a plateia vibra. Uma intensidade defeituosa é meu estigma. Direi, em surdina, somente para mim, nos meus ouvidos. Ela metamorfoseou-se. Esplêndida. Vira-se contra meu corpo. Gestos, passos, toques em uma atmosfera insensível. Ela é.

Minha face diz olá. Estou aqui ainda. Já não a quero como antes. Uns lábios trêmulos respondem em notas sólidas. Lembras, lembrás dos envelopes brancos. Não. Não eram meus. Respondo com os ouvidos atenciosos. Toca-me sua dispersão cênica. É para eu fora de mim que dizes: olho. Senta ao lado meu. Que corpo belo. Que eficácia na linguagem do movimento. Ela é a morte. Pessoas outras se falam. Ela é o assunto, o tema das bocas úmidas.

Gelo. Sua respiração é contumaz. Água, aceno, banho. A muringa geme. Gelo. É fria. Sim, é água.

Gotas na escuridão. Mil palmas crepitam. Chove. As palmas caem no telhado. Ela as ouve. São delas os atos dispersos. Amo tua arte. És contemporânea de minhas felicidades. Danças, decidida, na minha cabeça. Pés descalços. Alívio de dores não sentidas. Objeto indireto tornou-se. Sinto falta de uma bailarina caminhando nestas

ruas minhas. Há outras para percorrer. Gente para levar à clausura das horas insólitas. Desejos para reavivar. A beleza me invade. Sinto falta de querer-te na negativa de minha obra. Edifício outro este.

Agora é ineficaz minha metáfora. Tua alma anima meu corpo lírico. Aurora de noites luminescentes. Falas: vai é tua vez. E pronto. Agradeço pelo prazer adquirido nas horas amorosas de ensino. Treino os meus passos. As ruas são minhas. Públicas são as horas vazias. Quero a arte de teus pés. Mas, espera. Olha, o que é isso? Um envelope branco ao meu lado. Dentro uma fotografia. Moça, vestido aberto em leque. Mostras o rosto para o oposto das lentes fixadoras. És bela. És a bailarina das horas.



# Flor do mausoléu

*Rayane Clicia Ataíde*

Eu observava a árvore seca que ficava em frente a nossa pequena casa de barro. Suas folhas haviam caído quase por completo, mas por uma força incrível da natureza a árvore continuava de pé. Eu sempre olhava para aquela poeira que costumava me deixar sujos os cabelos louros.

Um dia, ele chegou. Era um homem amigo de meu pai. Homem do mundo, como ele se autodenominava. Vivia da venda de todo tipo de quinquilharia. Conhecia o Nordeste inteiro e até aquelas cidades onde dizem que só tem gente loura dos olhos azuis e também aquelas onde as pessoas moravam em rios. Eu queria morar em um rio, lá as árvores devem ser mais bonitas, assim como nos meus poucos livros de histórias.

Apesar do pouco espaço em nossa pequena casa, meu pai hospedou o viajante por alguns dias.

Aquele homem costumava me observar. Talvez, por eu ser a mais jovem da família ou então por ser a única filha mulher de sete irmãos machos. Eu tinha medo dele. Minha mãe me ralhava a cada desfeita, como a não cumprimentar o estranho.

Ele iria passar três dias em casa, até conseguir um cavalo bom. Um cavalo bom no sertão. O sertão esquecido de Deus.

“Conte-me pequena, o que escreves tanto por aí?” ele me perguntou um dia quando me viu ensaiar palavras no meu caderno não mais usado da escola. “Contos do coração” eu lhe respondi me afastando. Percebendo meu medo, disse-me em sua ousadia: “Oh, minha pequena, por que ter medo do que vai acontecer?”.

Era um dia silencioso. Pai se fora para a cidade tentar vender o que restara da plantação de milho e a mãe estava no que sobrou do rio. Lavava pilhas e pilhas de roupas com as mãos calejadas. Cada irmão fazia seus afazeres, enquanto eu costumava ficar sozinha em casa fazendo tarefas domésticas.

Naquele dia, uma única flor nasceu na raiz da árvore seca. A flor do mausoléu. Quando a vi, peguei-a com cuidado e entrei correndo para o quarto de meu pai e me olhei no único espelho grande que tinha em casa. Meus cachos pendiam na testa, as bochechas jaziam cor de rosa, um sorriso mostrava a primeira alegria durante tanto tempo e as minhas mãos em oração seguravam a estimada flor. A árvore seca me olhava lá de fora. Vigiava-me com seus olhos grandes. Grandes e negros. Negros e duros. Observava-me em lágrimas e então eu parei de sorrir. O estranho entrara no quarto.

“Oh, minha pequena, para que ter medo do que vai acontecer?”

A flor caiu no chão de terra batida. O mausoléu de Mausolo. O sepulcro do homem morto. E ficou lá, sangrando... Para sempre.



# Compadre e comadre

*Elton Rodrigues de Sousa*

Certo dia saí para visitar meu compadre Chico e a comadre Manoela, pois já fazia dias que não os via. Sabe como é essa vida de quem mora no sertão e quando chega a noite os afazeres diminuem. Eu para não pegar no sono logo cedo, falei para Maria minha companheira com quem moro há vinte anos, que iria na casa do compadre Chico. Maria olhou sorrindo para mim e disse: - Vai com Deus. Não demore!

Pensei no quanto sou feliz por ter uma companheira tão formosa e prendada como Maria. Sua formosura é por aqui reconhecida e comparada às qualidades visuais de minha comadre Manoela.

Naquele dia não foi preciso nem pegar lanterna, porque a Lua estava em fase de lua cheia e clareava muito. A estação era de seca e fazia muito calor, talvez as chuvas estivessem se aproximando.

Fui caminhando pela vereda que eu e compadre Chico fizemos na mata para encurtar uma curva na estrada e assim facilitar a nossa vida. Estava alegre e entoando uma canção de Luiz Gonzaga, uma canção famosa que fala do sertão e a qual esqueci o nome, mas é boa, posso garantir.

Quando estava passando embaixo de um pé de gameleira vi um sinal que nunca tinha visto antes por aquelas bandas, um uivado

diferente. Deu um susto, mas caminhei no rumo dos meus intentos. Naquele momento esqueci a canção e apressei os passos para chegar antes de ficar escuro no meio da mata fechada. Era lua cheia, porém a danada só ia sair depois das 9 horas.

Quando cheguei próximo à casa do compadre Chico vieram logo os cães me receber no colchete. Como os conheço não tive problemas com a valentia dos americanos. Chamei o compadre Chico e quem me recebeu foi a comadre Manoela. Perguntei pelo compadre Chico e ela me disse que ele saiu de manhã para visitar o irmão dele que mora no povoado Mangueira e que só voltaria no outro dia, porque tinha uns negócios para resolver.

Ela muito educada, disse para eu sentar. Como o compadre não estava e na ausência dele fiquei meio acanhado e um pouco hesitado, ela, percebendo meu constrangimento, brincou: Aqui não mora só o compadre Chico. Perguntei pelas crianças, são três, Tônico, Tereza e meu afilhado Pedro. Ela respondeu que já estavam dormindo porque depois da escola tinham trabalhado muito.

- Senta aí compadre que eu vou preparar um café para o senhor!

- Não precisa incomodar comadre, já estou de saída.

- Ôh bicho bruto é o tal de homem! Se acalme, porque tanta pressa? A comadre Maria não sabe que veio aqui?

Nisso a comadre Manoela foi preparar o café. Fiquei sentado num tamborete daqueles de couro cru e pensando na vida do sertão. A vida aqui tem dois lados, um de dificuldade e outro de bondade. Enquanto filosofava a vida dessas bandas senti o cheiro do cafezinho da comadre. De repente ela chegou com a garrafa e dois copos esmaltados.

- Assopre porque além do calor o copo esquentava muito, o senhor sabe como é!

Um pouco mais tranquilo, tirei o chapéu da cabeça demonstrando mais sossegado. Botei o café no copo e fui conversando

sobre as intenções de fazer a roça neste ano, já ia puxar outro assunto. Quando fui interrogado por comadre Manoela:

- Compadre o senhor não me disse como está minha comadre Maria. Ela está melhor depois que fez a cirurgia?

Está sim comadre. Ela não reclama de mais nada. Só precisa de repouso. Em breve já estará caminhando por aqui.

- Imagino como deve ser difícil este momento. O senhor não deve dar tempo para a coitada né!

Fiquei sem jeito, e a comadre percebeu meu acanhamento mais uma vez e olhou para mim sorrindo sem nada dizer. Uma coisa posso garantir é que minha comadre tem um sorriso lindo, mais do que isso não posso falar, seria faltar o respeito ao meu compadre Chico.

Entre um gole de café e outro, entre um assunto e outro, os minutos iam passando. Minha comadre fez um cigarro e ofereceu o fumo para eu fazer o meu. Entre uma fumarada daqui, outra dali. Fui surpreendido por uma ação de comadre Manoela. Ela deu uma balançada na saia dizendo que estava sentindo um calor terrível. Mais uma vez ela me olhou e dessa vez fitou os olhos nos meus e fez uma cara diferente que ainda não tinha percebido.

Sem querer entender as palavras de minha comadre, mas já tendo uma noção da situação, continuei como se aquilo não fosse comigo e dei umas fumaradas mais intensas, de tal forma que ela percebeu que tinha dado o recado.

- Compadre aqui está muito quente, vamos sentar lá no terreiro, embaixo do pé de manga para não pegarmos sereno enquanto isso a Lua sai, e aí podemos ver seu levantar.

No terreiro começamos a contar uns causos. Eu contei um caso de Lobisomem que ouvi contar quando era criança lá no interior de Goiás, minha comadre também contou um caso de Tebenlescué que é muito parecido com os causos de Lobisomem

do interior de Goiás, porém o caso da comadre era de dar mais arrepio porque é um caso de Lobisomem da floresta amazônica. E é justamente onde estou! Fiquei pensando na travessia da mata. Mesmo estando de lua cheia é perigoso. Seria menos pior se não tivesse ouvido o uivado quando estava vindo para casa do compadre.

Comadre para caçoar de mim perguntou se estava com medo. Eu não sou muito medroso. E para devolver em tom de brincadeira falei que nem um pouquinho. Ela disse que se eu tivesse com medo poderia me ajeitar por ali mesmo que ela arrumaria uma rede para dormir.

Minha comadre já tinha ido muito além do que o normal para mim. Pensei comigo, ah se não fosse o compadre Chico e a Maria!

Depois que a Lua saiu tomei mais um gole de café, acendi mais um cigarro, jogamos mais dois dedos de prosa fora, e nisso o sereno começou a cair levando o calor para mais distante. Assim, filosofei mais uma vez, esfria o tempo e acho que comadre Manoela poderá dormir mais sossegada.

Na despedida minha comadre falou:

Compadre quando quiser tomar um cafezinho quente pode vir eu acho bom ter alguém para bater papo e dividir o cigarro, o Chico não gosta muito de ter um tempo para mim. Ele prefere caçar e esperar à noite que ficar em casa, e aí quando ele chega já estou dormindo.

Fui embora desejando uma boa noite. Quem sabe um dia desse eu não mude de ideia... e volte a visitar minha comadre Manoela. Talvez acerte num dia que compadre Chico for esperar e a Lua demore para sair.

# Da menina que feia nasceu

*Denise Araújo Lobato*

Foi em Marabá, interior do estado do Pará, que de um útero velho e invertido, nasceu uma criaturinha. Essa que se em alguns anos mais tarde o som das suas palavras não se fizesse ecoar pelos tímpanos de quem quisesse escutar, poder-se-ia dizer que era só mais um animalesco ser a rosnar. Sua mãe assim estava a pensar.

Fora concebida de um acaso entre um homem sem identidade, e de uma mulher que então se encontrava ávida por cópula casual. Ela havia se tornado frígida, desde que seu marido a deixou. Mas em certo dia acordou ensandecida, e, aquele homem que trabalhava em suas terras, serviu-lhe de companhia. No outro dia ordenou que sumisse dali. Mal sabia ela que o dito permaneceria através da menina que, aos seus olhos, feia nasceu.

A pequena não era um monstrengo de bebê. Nasceu saudável: sem doenças aparentes ou que tenham sido atestadas. Sua pele não era alva, porém era sua alma. Seu cabelo era ruim, como se dizia por ali. Uns olhos meio esbugalhados saltaram sobre suas pálpebras, sem que a cor fosse identificada, mas viam além da mente, o mais que aparente, viam além da gente.

Era ela a sétima filha de uma mulher beirando o sofrimento da

menopausa, mas que acabou sofrendo por ter gestado e gerado uma filha que dos seus outros seis destoava, os que nasceram dela e do seu desaparecido marido alemão. Ele que mesmo já velho reluzia a beleza que lhe foi legada em DNA e transmitida a todos os filhos daquela união. Tinham olhos azuis, azuis acinzentados, verdes-azulados. Cabelos lisos e negros, como os da imponente beleza indígena da mãe; outros loiros, mas lisos também.

De fato, a menina nada herdara da mãe, que era mais uma mistura de índio com português. De belas curvas; cabelos longos, negros e lisos; de branca-amendoada pele; de olhos negros repuxados.

A mãe, ao se deparar com a diferença, imenso desgosto teve. Contudo, engoliu a densa saliva banhada de orgulho e vaidade, e reconheceu-a como filha. Mas para batizar a renegadinha, escolheu o nome mais horrendo que conhecia.

À medida que crescia, Feiatristegente nem percebia que era diferente. Até então o seu espelho era o mundo que a circundava, um mundo em que seus irmãos se encontravam.

Como pouco se juntavam, de longe os contemplava e os amava. Sua mãe pouco a notava, pouco a anelava. Qualquer coisa que fizesse ou dissesse era motivo para que ralhasse com a menina, gritando com sôfrego prazer seu nome, que sempre saía eloquentemente entoado.

Feiatristegente morava em uma ampla casa, ladeada por verdes campos. Foi lá que na sua meninice escolheu uma árvore como amiga e confidente, além de ser seu aconchego sempre presente, frutificava seus pensamentos com doces sentimentos. Dialogava com as folhas reluzentes, com os livros que, em certa idade, a fez entender o juntar que as letras dava, que o somar das palavras significava: feia + triste + gente. Algo nela se transformou. Momentaneamente seu interior inundado de dor ficou. Seu espelho começou a refletir a verdade dos fatos que existia no emaranhado do seu exterior renegado.

Foi só então que Feiatristegente entendeu que seu respirar era um apedrejamento de horror para sua mãe. Sozinha foi descobrindo os pormenores da sua existência. E no lugar do ódio que nela deveria se implantar quis enormemente que sua mãe mudasse, quis sentir o amor de quem só sabia amar o que belo fosse. De tudo fazia para atrair o olhar daquela mulher endurecida, de cabelos já grisalhos, de beleza já quase esvaída, mas de olhos ainda cegados.

Seus irmãos, um a um, foram seguindo para o mundo de possibilidades do centro da cidade. Eram pessoas abastadas daquela terra atrasada. Decerto que eram os únicos a gozar das maravilhas que o dinheiro pode proporcionar. Iam estudar Direito, Medicina, Engenharias e para aquele lugar jamais retornariam.

Aos dezessete anos, Feiatristegente deveria ir também para Belém estudar. Mas não aceitava a ideia de deixar sua mãe. A velha ficou muito endiabrada, queria que a menina criasse asas, voasse e fosse urubuzar outro lixo humano que não fosse ela, queria que a deixasse sozinha na ditosa ignorância que sempre a acompanhara. Mas para a sua maldita sorte, a doce menina, das suas amargas entranhas, permaneceu.

Quando contava com vinte anos, a menina era quem geria os negócios lucrativos daquela terra ensolarada - pois não sobrara nenhum outro filho para esta tarefa. Foi com essa idade que, em um principiar do sol, a mulher acordou e beijou como dantes jamais fizera a face de Feiatristegente. A jovem sentiu o brilhar das estrelas, sentiu o amor: pela primeira vez. Depois a velha mulher correu o mais rápido que seus pés cansados conseguiram e sentou-se embaixo da árvore-amiga da garota. Esta não conteve a emoção, e ondulações de alegria sorriram em sua face.

Mas a mãe logo voltou a si, e, vociferando saiu dali. A garota nem percebeu, ainda gravitava em um mundo de sonhos. Foi a única

vez que ela não a chamou pelo nome, que compartilhou de sua vida clandestina. Que a beijou, e com alegria. Percebera, então, que algo estava errado. Pensou que talvez as lembranças de sua mãe tivessem sido furtadas.

Nos dias seguintes, comportamentos novos foram notados, e Feiatristegente chamou o médico da cidade, não havia o que contestar: alzaimer, para a garota o nome mais feio que já ouviu falar, e o nome que carregava consigo a força devastadora de um punhal cravado no peito, ia fazer morada para sempre na mulher desalmada. A menina informou aos outros irmãos, mas nenhum jamais apareceu para uma visita, nem deram a mínima para a velha. Porém, sua filha caçula ficou e jamais arredou um pé que fosse.

O brilho de uma mente sem lembranças fez com que Feiatristegente fosse alguém diferente a cada novo dia: um dia era ela a prima, em outro a filha, noutro a mãe... Também foi a desconhecida, foi ninguém, mas nada disso a importava. Para ela tanto melhor ser ninguém do que ser alguém-objeto-de-dor.

O tempo que ainda restava para a velha mulher era balsâmico para a menina que nunca mais foi Feiatristegente. Era a boneca de porcelana, a neném que acabara de nascer. Diversos nomes recebeu: foi Clarinha, Amanda, Amada, Bia, Cristal, Felícia, Sara, Alba; foi o seu reverso: Lindaalegrente... Na última manhã da vida de sua mãe, foi Alice, num eterno País das Maravilhas.



# Uma noite de chuva

*Daniel Prestes da Silva*

Pela janela fustigada pela chuva, que desabava do lado de fora do Café, eu observava aqueles transeuntes liquefeitos e embaçados, as sombras esfumaçadas das árvores do parque, um Aqueronte de sombras disformes.

Tudo isso, eu via, pelo menos era o que meus olhos me mostravam. Enquanto, ali sentado naquela mesa bem de canto, escondida, eu tomava um café expresso, amargo. Mas, comparada à espera que ali, naquela mesa, se desenvolvia num crescente desenfreado, era doce. A espera me corroía.

Cada tilintar do sino da porta ao ser aberta, ou mesmo ser fechada, meus olhos treinados pelo hábito se direcionavam para a direção da entrada e sempre a adrenalina era sucedida pela frustração.

Frustração também crescente, como a espera. Do mesmo modo, a iluminação do ambiente se tornava, a cada minuto mais e mais escura, conforme o dia transformava-se em tarde e a tarde em noite, de um dia de chuva.

Não havia notícias de que viesse, sequer poderia dizer que você realmente existisse, pois já começava a pensar que não passava de uma traquinagem da minha mente. Tu es le fruit de mon imagination fertile, mon cher, don't you?

Ou talvez eu fosse o imaginado, já que ninguém ali parecia notar a minha presença, nem mesmo quando as portas do café estiveram a fechar. Ninguém pediu que eu me retirasse, eu sempre sensato, me levantei e saí pra rua, pro frio, pra chuva, pro meu coração.

Vaguei pela cidade, por becos escuros e ruas desertas, cheias de você e de mim. Então, como se acordado de um sonho, estou em frente para uma varanda. Há um gato, apenas, em cima de uma cadeira.

Ele vem até mim, me rodeia e vai-se, não sem antes me lançar um olhar malicioso que eu não soube interpretar, se é que havia algo para se entender.

Entreí e, já no segundo andar da casa, cheguei ao quarto. Ao entrar, me deparei comigo deitado na cama, dormindo embalado pela chuva que lavava o mundo do lado de fora.

Da janela da sala, via negras nuvens redemoinhadas no céu e ondas brancas do mar revolto abaixo delas. Da janela daquele casebre, no qual eu estava postada, sentia a pressa do vento molhado em meus braços e colo nus.

A tempestade que chegava não me tirava as esperanças, pelo contrário, fazia-me ter a certeza da vida que corria todo o meu corpo, todo o meu ventre já levemente acentuado.

Esperava-o. Mesmo sabendo que ele não haveria de retornar, pelo menos não como até então o conhecera. Ele retornaria, reencarnado naquela criança que me faria crescer em mim mesma, tanto que transbordava em uma nova carne, uma nova vida.

Ali, deitado, com a chuva decidida em mostrar-se, gritando, implorando um pouco de reconhecimento e atenção, eu começava a me perguntar o que era aquela minha espera, aquela minha falta? Sempre tão pungente, tão eterna, como o próprio criador, que veio

antes de tudo e que, mesmo com o fim, meu fim, permanecerá incólume, inescrutável, talvez, para todo o sempre de mim.

Eu, ali em pé. Eu, ali deitado. Eus. Eu ao mesmo tempo não sendo eu, me enxergando como se fosse outro. Um outro tão diferente que poderíamos ser, de fato, pessoas diferentes, com idades diferentes, histórias de vida incomuns e, ao mesmo tempo, uma extensão temporal um do outro, um fluxo-contínuo psicológico.

A dor da chuva em mim ou a dor que a chuva me causava continuava, enquanto me perdia vendo-me perdido em um céu revoltado de lençóis brancos de algodão chinês.

Da janela em que eu via a tempestade que se aproximava, também via a figura de um homem, com seus quarenta anos, observando um jovem rapaz, com seus vinte e poucos anos, deitado em um mar de lençóis, em uma noite de muita chuva. Duas partes de algo que um dia havia sido eu mesma. Duas partes esperando tornar-se uma só, de novo.

A chuva que se via, mostrava através dos vidros chorosos da janela daquele quarto, em que o rapaz dormia, os braços e colo nus de mulher que espera, espera a vida explodir em uma tempestade de vida sobre o mar.



# Sem lírios, chama e esperança

*Maina Salén Correia Pereira*

Abri a porta devagar, mas não entrei, deixei que a luz entrasse primeiro. Então se formou um breve caminho luminoso no chão da sala. Minhas mãos, às cegas, apalpavam a parede à procura do interruptor. E quando o encontrei, a luz da lâmpada incandescente ofuscou-me os olhos.

Aos poucos deixei a luminosidade invadir meu campo de visão. Observei os móveis, tudo tão familiar e tão diferente.

– “O tempo realmente passou rápido demais!” exclamei em pensamento, pois parece que foi ontem a última vez que estive aqui. Isso é um mero engano! Já se passaram quinze anos.

Os móveis estavam todos empoeirados, as paredes, antes branquíssimas, agora amareladas pelas infiltrações, e os vasos estavam sem flores. Esse último item chocou-me ferozmente, o vaso estava sem flores...

Essa era a resposta para a minha pergunta, minha angustiante pergunta. E ela estrangulou-me os sentidos, trazendo à tona meus dolorosos segredos, pois agora sei que Ela, também não estivera mais aqui.

Isso me fez chorar internamente, a esperança de reencontrá-la aqui, se fora. As lágrimas estavam sufocando minha garganta, mas não

transbordavam os olhos. Então, larguei um sopro frio e angustiante, e pude sentir o hálito de “Calton Red” invadir-me as narinas.

O peito estava contraído, o vaso sem flores, ele nunca estava sem flores. Eram vários tipos de flores e de várias cores, mas as suas preferidas eram os lírios de São José, no qual ela acreditava ser a combinação perfeita para a nossa casa. A nossa combinação perfeita.

Finalmente entrei e deixei a porta se fechar pelas minhas costas, fazendo um ruído indesejável. Sentei no sofá da sala e instantaneamente espirrei por causa da poeira e do cheiro de mofo que preencheu meus pulmões.

Levantei, caminhei para a cozinha, procurei por uma fatia de bolo de chocolate imaginária na geladeira. Depois, direcionei os olhos para o balcão, onde novamente estava um vaso sem flores. Passei o dedo indicador sobre a porcelana, traçando uma circunferência, e o resultado foi exatamente o esperado: a ponta do dedo ficou empoeirada e o formato de um círculo no corpo do vaso.

Respirei fundo, inalando o cheiro fétido da desesperança. Caminhei para o quarto, o nosso quarto, o criado-mudo sem lírios, a cama gasta pelo tempo, as janelas trancadas e a penumbra de um homem no espelho.

Forcei os olhos para observá-lo melhor. Os poucos cabelos que restavam, tendiam para um prateado estático e engraçado, os lábios ressecados e os olhos sofridos, sem brilho, sem chama. Um homem velho e amargurado, vestindo uma camisa azul quadriculada e uma calça jeans desbotada, com a barriga protuberante por causa da cerveja e a barba por fazer.

Observei uma gota cristalina que brilhava no olho esquerdo do homem no espelho. Dei um meio sorriso, um daqueles que se é forçado, e o homem do outro lado repetiu meu gesto. Então, seus olhos viraram ao lado para fitar a cama vazia, as lembranças

inevitavelmente vieram à memória, e pude sentir o ar quente que os corpos exalavam nas noites em que faziam amor.

Decidi sair do quarto, para tentar apaziguar o coração, antes forte, agora fraco e debilitado. Retornei para a sala, onde acendi uma vela e apaguei as luzes. Coloquei-a na mesinha de centro, sentei no chão entre a mesinha e o sofá, aproximei o vaso sem flores e depusitei o lírio de São José que havia comprado na floricultura da esquina, na esperança de lhe entregar pessoalmente. O lírio tombou para o lado, devido o vaso ser grande demais para uma única flor, e soltei uma risada pela aparente insignificância do episódio.

Enfiei a mão no bolso da calça e puxei uma caixa de remédios, comecei a contar pílula por pílula, depositando-as em cima da mesinha de centro. Ao fim da contagem, ascendi um cigarro, e disse num sussurro: “Logo irei te encontrar, meu amor”.

Comecei a engolir em seco, pílula após pílula, uma por uma, até extinguirem-se completamente. Respirei fundo, dei um último trago no cigarro antes de apagá-lo num cinzeiro de prata empoeirado, e enquanto não adormeço, observo a chama queimar o pavio da vela.

O fogo balança graciosamente aos embalos dos fiapos de vento que entram pelas frestas da janela. Um tom de primeiro azul, depois laranja e amarelo. A cera desfazendo-se aos poucos de acordo com o movimento peculiar da chama. Uma hora ela chegará ao fim e apagará. Como um sopro de vida que finda, que morre, que desaparece.

Eu sou assim! Como uma vela acesa no meio da escuridão. É a única luz que luta bravamente para iluminar o local. Mas a chama está chegando ao fim, logo irá apagar. E eu adoro o cheiro de vela queimando...





# Crime perfeito

*Rafael Chagas Gonçalves*

Ontem enclausurei, de fato, o seu corpo. Cruzei a linha tênue do meu egoísmo com um punhal quente e pontiagudo. Vaticinei sua carne com um amor juvenil e feroz.

O desejo, antes suculento, apenas tornou-se indomável; servi-me da mácula canibal, alçando nela o instinto animalesco que agora mantenho irrefreável.

A prova do meu delito está na parede, nos lençóis de cama e ainda mais vivo, nas roupas suadas pela luta comovida da sobrevivência.

Socorro!!!

Ela evoca a clemência que não existe mais em mim.

Estou furioso! Estou sedento pelo andar que inspira paixão, por sua boca que aguça a loucura que me desnorteia; pelo seu sexo que me encoraja o sangue da virilidade. O meu instinto não é piedoso, tampouco a gana que, naquele momento, explodiu.

No lugar da pele aveludada só há marcas e um marfim ofuscante. É interessante o cheiro de camomila que tanto me excitou fazer-se agora igualmente intenso. A fome me consumiu e a complacência que antes jurei, transformara-se num desonesto apego pelo seu nome. Ela é minha. Seu grito ainda ressoa em meus ouvidos e trago marcado em minha pele a força que depreendiam suas mãos, desde o mais bravo movimento até o derradeiro e mortíço toque.

Daquele jeito me saciou. Carrego a prova de uma ânsia que já fora

aplacada. A cama que minutos antes compartilhávamos, está ocupada pela sombra do fulgor que não contive. No entanto, tive prazer... O prazer que releguei a mim. Seus olhos quando se fecharam e seu grito, antes de tudo silenciar: completo.

Que tolice, minha mão direita ainda mantém o punhal em sua posse como na noite passada!

Registro aqui minha imprudência desregrada, minha tormenta avassalada por um ímpeto que, dentro da pura magnificência, não passava de amor.

As treze perfurações em seu corpo esguio e rijo fizeram-me regozijar. Não me permiti sequer ser comedido, e também, não seria próprio do ato. Extenuiei-me.

Neste instante consigo aspirar o ar que anteriormente se esquivava. Sinto-me calmo e tenramente alvo. Mas eles batem na porta do quarto onde nós estamos e cospem ordens na fechadura; então me vejo sem saída. A sensação de impotência novamente me enegrece, punge-me além das treze perfurações.

Eles me advertem, contudo não há mais nada a fazer.

Como alguém consegue embarçar-se em quatro paredes? Sinto um frio lancinante ao vê-la ali, sobre aquela cama, e eu sentado à frente, desolado, inerte...

Um estampido rompe a porta e meu delírio, enquanto eles a sobrepõem... Somente fecho os olhos e aguardo. Com as mãos cobertas por um sangue já seco, aperto ainda mais o punhal até se aproximarem. Até retornar a abrir olhos e me restabelecer de uma sonolência dissimulada com minhas mãos limpas. Ao meu lado, ninguém! Num sobressalto levanto, preparo o café e em seguida me autocongratulo, pois estou livre e satisfeito.

Na casa, sozinho. Enfim, amortizara o imediatismo da loucura com um crime, de fato, perfeito.

# Não há oásis no asfalto

*Anselmo de Sousa Gomes*

**Fato 1:** o mundo é infinitamente mais lento depois do meio-dia.

Meu Volvo, tórrido, como que desliza sobre uma enorme imagem tridimensional, com as estampas acompanhando o seu trajeto. Tanto é que às vezes ele também dá a impressão de não sair do lugar, e seu ronco uníssono torna-se aos poucos uma nova espécie de silêncio. O fio longínquo da rodovia espraia, semi-líquido, engolfando-se sob a esfera de luz e fogo que rege tudo isso.

São duas e quinze da tarde. Ligo o rádio, momentaneamente desfeito de minha letargia, e a música transmitida parece mais com um ganido desesperado, uma súplica. Olho para as duas margens da estrada. Uma massa verde e pulsante repete-se sem alarde, continuamente riscada por cercas frígidas e um gado translúcido, pouco crível. Na carroceria do Volvo, centenas de caixas de comida enlatada aquecem sob a lona imunda. Num futuro incerto, bocas anônimas mastigarão seu conteúdo até o fastio, esquecidas de si mesmas. Vez por outra um automóvel me ultrapassa, rugindo qualquer palavrão mecânico.

O sol como que apunhala.

**Fato 2:** na estrada vazia e enorme, reina o irreal.

De uma hora para outra, no céu sem nuvens surge um abutre. É enorme, talvez maior que o Volvo. Suas asas pendem abertas, enquanto sua cabeça escura sonda a amplidão. Não aparenta procurar nada, mas antes manter-se alerta contra qualquer iminência. Nisso, surge à esquerda uma serpente dourada. É ainda maior que o abutre, e voa sem o auxílio de asas. Seus olhos são dois grandes espelhos convexos, refletindo o sol com profunda intensidade. Antes mesmo que a ave pudesse preparar qualquer plano de fuga, a serpente deu o bote, cravando as presas em seu pescoço depenado. Em um átimo o réptil já havia envolvido o abutre com diversas voltas de seu corpanzil amarelo. Pouco a pouco, enfim, espremeu-o, ao que seus ossos estalaram e se partiram um a um, até que a ave soltasse um último piado de vida, e se fosse. Mais rápido ainda foi que começou a engoli-lo, para isso deformando horripelmente todo o aspecto de seu crânio, de modo que o abutre pudesse deslizar até o seu estômago. Contudo, bem no meio dessa operação digestiva eis que os olhos de espelho da serpente começam a incendiar, como se o sol ali refletido a boicotasse. Gradativamente, esse fogo começa a consumi-la por inteiro, enquanto a serpente se contorce não como se sentisse dor, mas como se um prazer alucinante a envolvesse e invadissem até a sua própria essência. Então, todo aquele espetáculo desaparece diante de mim feito fumaça, e eu percebo que estou estacionado no acostamento, lavado de um suor gélido e uma completa ausência de sentimentos, sejam eles quais forem.

**Fato 3:** de uma hora para a outra, miragens.

O fio desta estrada é como o tempo. Existe e não existe. Nele estamos e não estamos, simultaneamente. Persisto, arrastando este Volvo carregado de comida falsa. Passa por mim um vendedor de

espigas de milho cozidas, espantalho triste e queimado. Logo à frente vejo aparecer, como um lamento, uma pequena profusão de casebres lúgubres, mal existindo em meio à tirania verde. No instante em que os ultrapasso dão a impressão de abandonados, ou mesmo feitos para perdurarem no ouvido. Nada ou ninguém se move ali. Olho no retrovisor. O vendedor de espigas desapareceu, e me vem a pergunta se teria um dia de fato existido. No rádio, o gemido agora toma a forma de assobio, depois de uivo, para se firmar enfim como um ganido indulgente. O sol segue a explodir sua luz. Como uma hoste de duendes religiosos, uma plantação de girassóis aparece, quilométrica, a adorar a face fulgurante do astro.

**Fato 4:** não há oásis no asfalto.

Não, o fio desta estrada não é como o tempo. É como a morte. Existe e não existe. Nela estamos e não estamos, simultaneamente. Sobre a minha cabeça giram cristais engraçados, que descolorem vagarosamente, até virarem ar. Puxo a respiração, e o que entra em meus pulmões é uma massa sólida, seca demais para que eu me conforte. O Volvo range, como se algum sonho ruim o incomodasse. Sem aviso, enfim, a terra inteira emudece e fraciona-se; minha barba cresce, meus cabelos clareiam e caem; o Volvo enferruja, seus pneus secam e racham; a comida lá atrás apodrece e enegrece. À frente, nada além do tapete negro e dos girassóis. Nenhuma ideia, nenhum motivo, nenhum oásis. A imobilidade do branco pelo qual escorrego desgasta-se sem deixar de ser o que é. Sua total ausência se torna então a única membrana entre eu e o mundo, que agora vai distante, longe daquela imagem líquida que me aprisiona sem nenhum sobressalto.



# Entre os pinheiros

*Rosany de Oliveira Lisboa*

A presença daquelas pessoas fez com que eu me lembrasse àquilo que estava em minha mente há pouco tempo, no entanto mais forte que qualquer sentimento. O episódio lamentável que se passara esta manhã despertou tamanha perturbação que não posso mais ocultá-la, até mesmo um simples olhar parece demonstrar a minha angústia. Tudo em mim parece transparente aos outros, as lágrimas me vêm aos olhos, mas algo as impede de cair. O que as impede de cair? Essa é uma pergunta a qual a resposta pode ser difícil de ser compreendida, caro leitor, e não se preocupe em tentar desvendar os nomes dos personagens desta história porque o tempo lhe dirá que ela poderia muito bem ser repetida em outras vidas ou mortes. Nada mais simples que começar com uma data, mas tudo que tenho é um retalho de uma história que como todas as outras deveriam ter um começo e um fim, o que não a torna menos importante para mim.

Lembro que nessa manhã em que tudo começara ou findara, fazia meu passeio matinal e fui surpreendido por um empregado de minha casa. Ele tinha uma aparência desconcertante, as pequenas rugas em seu rosto pareciam movimentar-se de lugar como se quisessem me contar algo e aqueles olhos negros me olhavam fixamente, como se buscassem repouso, suas mãos sujas de terra pesaram sobre

meu braço que era puxado fortemente por aquele ser, o qual parecia uma pintura desgastada e desbotada pelo tempo.

Não que a incerteza seja definitiva em minha vida, mas o uso do talvez seja inevitável quando o que te resta são apenas “flashes de memórias” que querem ser verdadeiras. As pessoas ao meu redor parecem distantes, ou talvez eu seja o estranho entre elas. Quem sabe eu devo estar me afastando, mas qual será o significado dessas lembranças que me vêm à cabeça em vários momentos? Uma casa, árvores e pessoas aparentemente desconhecidas. A vida em cada pessoa é repleta das mais variadas emoções, as minhas parecem difíceis de distinguir das memórias alheias dela, talvez por isso não as compreendo bem. Eu não quero evidenciar a teoria da reencarnação, pois não acredito nela, mas concordo que todas as pessoas estão ligadas por uma rede de sentimentos e a qual estou preso.

Esta manhã ao começar mais um de meus dias, percebi que por mais que tentamos, não conseguiremos jamais manter uma rotina. O que fazemos todos os dias é apenas semelhança, sempre irá existir um novo dia pra recomeçar. E lá estava eu, tentando imitar o dia anterior e querendo que aquelas palavras nunca fossem pronunciadas e muito menos escutadas por ninguém, mas eram inevitáveis, eles estavam em minha casa e os seus objetivos foram alcançados. Eis a notícia: ela estava morta.

A vida nunca significou muito para ela, mas a vida dela significava muito para mim. Éramos crianças e lá estava ela a brincar, o vestidinho branco correndo entre os pinheiros e o vento entre os seus cabelos. Era uma visão mágica, como se o tempo se repetisse lentamente. Mesmo tão viva, sempre pareceu estar ligada a morte, por algum laço que a deixava tão pálida e de ar delicado como se ela fosse desmontar a cada passo que desse.



Ela me pertencia de alguma forma como se estivéssemos ligados por uma força estranha que nos prendia e nos permitia sentir o que outro estava sentindo. Caro leitor, talvez você ache neste momento que eu esteja sendo piegas, mas não me entenda assim, essa carta foi a forma mais fácil que achei para aliviar a minha alma de um sofrimento alheio, que carrego desde esta manhã e que já não posso mais suportá-lo.

Os movimentos bruscos do meu empregado me trouxeram até a casa, onde vi aqueles homens que traziam a morte como sua sombra. Eles a levaram antes que eu pudesse me despedir, e tudo que pude ver foi o último embalo dos seus cabelos ao vento. Aqueles pinheiros já não eram os mesmos depois que ela os deixou.

No cemitério, enquanto aquela triste cena ocorria, eis que me recorde de retalhos de memórias, resgatados das profundezas da minha mente, entorpecida por ilusões de vê-la viva. Estava chovendo, e via ela a correr novamente entre os pinheiros com uma camisola branca, fugindo de algo que era indescritível, pois não era real, mas algo que foi criado em sua imaginação, um medo, uma doença e a morte que a tomava de uma maneira que ninguém a conseguia controlar, até que debruçada entre a relva úmida estava morta mais uma vez.

Apenas uma manhã levou para perceber o quanto estávamos interligados, e que um adeus para a vida era a forma mais simples e menos dolorida de livrá-la da torrente de sofrimentos que a afligiam. Caro leitor, perdoe-me, pois só consigo buscar palavras que torne suave a sua doença, por mais que fosse fácil ser dito por outras pessoas a palavra loucura, mas devo lhe advertir que não se trata disso, era como se ela quisesse me mostrar o mundo de uma forma opaca e que eu tão fraco de esperanças tentava absorvê-la, e não conseguia acompanhá-la. E agora entendi o que lhe acontecia e devo admitir que não percebo mais a diferença entre o real e o imaginário. Sinto

que estou com o coração dela vivo em meu peito e suas lembranças entrelaçadas na escuridão dos meus pensamentos.

Era uma árvore frondosa, tinha alguns ramos solitários, uns desprendidos de suas folhas, mas que mesmo assim continuavam a gracejar em movimentos inebriantes ao serem tocados pelo vento, enquanto outros plumosos e cheios de vida, mas mortos por não conseguirem se render ao suave toque da brisa. Algumas folhas no chão completavam a anestesiante visão que obtivera daquela árvore, e era incrível como esse manifesto de simplicidade natural conseguia despertar tamanho sentimento e emoção em um simples homem atormentado por seu destino. Talvez estivesse sonhando, e percorri o meu campo de visão. E eis que encontro a resposta, a chave para tudo que até então era incompreendido em minha mente, o meu choro sem lágrimas e a visão sem brilho do mundo, apenas meras lembranças da vida que deixei quando me juntei a ela novamente. Eu estava morto e ela comigo estava e nada mais importava, suas lembranças eram minhas e as minhas as suas.

O contraste do céu azul com o verde das árvores é mais forte e tudo se apagará novamente, mas será para sempre e nós estaremos entre as sombras de uma árvore apreciando a brisa real das manhãs.

Adeus Caro leitor.

A resposta em amor a uma pessoa nunca foi tão fortemente expressada. No ano de 1983 essa carta foi encontrada junto ao corpo de um homem chamado Ernesto, que se matou às cinco horas da tarde, no mesmo dia em que sua esposa Helena faleceu depois de uma crise de esquizofrenia. A árvore citada na carta está situada junto a sepultura de sua esposa.





## II PRÊMIO PROEX/UFPA DE LITERATURA

### Poesias

Max Reis  
Larissa Cristina Chaves Martins  
Jorge Domingues Lopes  
Airton Souza de Oliveira  
Leandro Cavalcante Lima  
João Marcelino Pantoja Rodrigues  
Ana Lúcia da Conceição Maracahipe  
Alan Michel Santiago Nina  
Antonia Nayane Muniz de Oliveira  
Anselmo de Sousa Gomes  
Harley Farias Dolzane  
Luciana Moraes dos Santos  
Carlos Alberto Corrêa Dias Júnior  
Maíra Salén Correia Pereira  
Nahara Julyana Lima dos Santos  
Mônica de Nazaré da Costa Pereira  
Raphael Gomes  
Ivanes Lian Costa Araújo  
Rita de Cássia Paiva  
Jacqueline Lima Coelho Sampaio

### Contos

Wilson Max Costa Teixeira  
Mônica de Nazaré da Costa Pereira  
Francionila Freitas Viana  
Arthur Martins Cecim  
Airton Ícaro Cantuária Gonzaga  
João Pereira Loureiro Junior  
Mayara Lopes de La-Rocque  
Sívio Barros Sousa  
Elias Abner Coelho Ferreira  
Marcelo Pires Dias  
Ana Lúcia da Conceição Maracahipe  
Leandro Cavalcante Lima  
Rayane Clícia Ataíde  
Elton Rodrigues de Sousa  
Denise Araújo Lobato  
Daniel Prestes da Silva  
Maíra Salén Correia Pereira  
Rafael Chagas Gonçalves  
Anselmo de Sousa Gomes  
Rosany de Oliveira Lisboa

### Crônicas

Francionila Freitas Viana  
Benedito José Brabo Pantoja  
Jamilé Santos Lago  
Jéssica de Souza Carneiro  
André Heron Carvalho dos Reis  
Bárbara da Fonseca Palha  
Jamilly Queiros Vianna  
Airton Souza de Oliveira  
Adelaide Maria Assunção de Miranda  
Rayane Clícia Ataíde  
Ives de Oliveira Souza Júnior  
Schirlei Stock Ramos  
Tércio Heitor de Sousa Moreira  
Carlos Alberto Cavalcante de Melo  
Auricélia Silva Monte  
Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira  
Wilson Max Costa Teixeira  
Fernando Jorge dos Santos Farias  
Adriana Cunha de Moraes dos Santos  
Marta de Nazaré Barreto Trindade



**PROEX**  
Pro-Reitoria de Extensão da UFPA



II PRÊMIO PROEX/UFPA DE LITERATURA

ANTOLOGIA

Poesias, Crônicas e Contos



1584 978-85-63708-06-7



9 788563 708067